

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM – PPGENF**

**CLAUDIA LABRIOLA**

**CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: GESTÃO GREGÓRIO  
THAUMATURGO DE AZEVEDO NOS JORNAIS DO DISTRITO  
FEDERAL**

**(1908 – 1918)**

**RIO DE JANEIRO**

**2021**

CLAUDIA LABRIOLA

**CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: GESTÃO GREGÓRIO THAUMATURGO DE AZEVEDO NOS JORNAIS DO DISTRITO FEDERAL**

**(1908 – 1918)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro para obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Área de Concentração: História do cuidado nos aspectos micro e macromoleculares: práticas, saberes e instituições.

Linha de Pesquisa: Saúde, História e Cultura: saberes em Enfermagem.

Orientador: Fernando Rocha Porto

**RIO DE JANEIRO  
2021**

L126

LABRIOLA, CLAUDIA

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: GESTÃO GREGÓRIO  
THAUMATURGO DE AZEVEDO NOS JORNAIS DO DISTRITO  
FEDERAL (1908 - 1918) / CLAUDIA LABRIOLA. -- Rio de  
Janeiro, 2021.

123

Orientador: FERNANDO PORTO.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Enfermagem, 2021.

1. ENFERMAGEM. 2. CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. 3.  
HISTÓRIA DA ENFERMAGEM. 4. HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES.  
I. PORTO, FERNANDO , orient. II. Título.

**CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: GESTÃO GREGÓRIO THAUMATURGO DE AZEVEDO NOS JORNAIS DO DISTRITO FEDERAL (1908 – 1918)**

**Claudia Labriola**

Apresentado em: 05 de fevereiro de 2021

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Fernando Porto  
Presidente

---

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo  
1º examinador

---

Prof. Dr. Luiz Henrique Chad Pellon  
2º examinador

---

Prof. Dra. Maria Alice dos Santos Curado  
3º examinador

---

Prof. Dra. Lúcia Helena Silva Corrêa Lourenço  
1º suplente

---

Prof. Dra. Tais Veronica Cardoso Venaglia  
2º suplente

RIO DE JANEIRO  
2021

Dedico esse trabalho  
aos meus pais, Ana e Moacir, pela minha história.  
Aos meus irmãos,  
meu esposo Rafael pela paciência,  
minha sogra por ajudar tanto,  
meu sobrinho Igor  
e minha tia Maria José que torce por mim como se eu fosse sua filha.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a esta força que cada um chama do que quiser, eu chamo de incriado, chama de perfeição e amor. Obrigada por me permitir tal experiência.

Gostaria de agradecer à minha família que apesar de tudo, me ama do jeito que eu sou. Minha mãe e meus irmãos, meus sobrinhos, minha tia, desculpe-me a ausência, mas sei que até isso vocês compreendem;

Agradeço ao meu orientador, Fernando Porto, que com muita paciência e serenidade me norteou nesse caminho novo e apaixonante da pesquisa e me deu liberdade para que o estudo pudesse ter minha alma;

Ao meu esposo, Rafael, pela força e por compreender minhas montanhas russas emocionais;

À minha querida Conceição, foi devido ao seu incentivo que fiz minha inscrição no processo seletivo para o mestrado;

À minha irmã Patricia que cuidou de minha família como se fosse sua para que eu pudesse escrever meu projeto;

Aos meus colegas de turma do mestrado que tornaram essa trajetória mais divertida e leve;

Aos professores do PPGENF que contribuíram para o meu crescimento acadêmico;

À Ingrid, Tatiana, Sarah e Alexandre por me ouvirem, apoiarem;

Também não posso esquecer de Paula Margarida, a Paulinha, que me ouvia com tanto interesse sobre as descobertas desta pesquisa;

À minha equipe de trabalho, Lari, Nessa, Lu, Michele, obrigada pela torcida

Agradeço, claro, aos membros do Lacuiden que assistiram minhas apresentações dando importantes contribuições que culminou nesse estudo final;

Ao meu pai (in memoriam) que torce por mim de onde estiver;

À banca examinadora da minha pesquisa que aceitou o convite e que agradeço também o carinho pela leitura;

Muitas pessoas contribuíram para que esse sonho fosse realizado e não gostaria de esquecer nenhuma delas, mas sei que é quase impossível e por isso peço desculpas desde já.

“Assim é, se lhe parece”.

Luigi Pirandello

## **CRUZ VERMELHA BRASILEIRA: GESTÃO GREGÓRIO THAUMATURGO DE AZEVEDO NOS JORNAIS DO DISTRITO FEDERAL (1908 – 1918)**

### **RESUMO**

**Introdução:** Gregório Thaumaturgo de Azevedo foi um militar brasileiro que juntamente com outros militares, intelectuais e médicos trouxeram para o Brasil o ideal da Cruz Vermelha. Na reunião de 5 de dezembro de 1908, data que ficou consagrada como a data de criação e Thaumaturgo de Azevedo foi aclamado presidente da instituição após renúncia de Oswaldo Cruz. Sua gestão que iniciou em dezembro de 1908 foi marcada por iniciativas no intuito de divulgar a instituição no Brasil e sua proximidade com o governo federal contribuiu para a conquista do terreno que hoje é a sede da Cruz Vermelha Brasileira. Thaumaturgo de Azevedo utilizou a imprensa escrita para a divulgação de sua gestão que durou 10 anos com sua saída em 1918 por derrota eleitoral.

**Objetivos:** O estudo teve como objetivo discutir, analiticamente, por meio da imprensa escrita do Distrito Federal, a gestão de Gregório Thaumaturgo de Azevedo na Cruz Vermelha Brasileira – órgão central.

**Método:** Trata-se de um estudo com abordagem em micro-história e para tanto, foram utilizados os jornais diários O Paiz, Correio da Manhã e Gazeta de Notícias encontrados no banco de dados da Hemeroteca Digital sediada no site da Biblioteca Nacional, utilizando a delimitação temporal de 1908 a 1918.

**Resultados:** Foram encontrados 93 recortes noticiosos distribuídos pelos seguintes eixos temáticos: Assembleias e eleições, 8 registros; Conquista da Sede, 15 registros; Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira, 13; Ensino, 29; Primeira Guerra Mundial, 8; Gripe Espanhola, 11 e Declínio da Gestão, 9. O jornal O Paiz publicou 56 recortes noticiosos no período estudado, enquanto a Gazeta de Notícias, 20 e o Correio da Manhã, 17.

**Conclusão:** A partir da quantidade de recortes noticiosos publicados sobre o tema ensino, pode-se concluir que a gestão Gregório Thaumaturgo de Azevedo utilizou da escola de enfermeiras para divulgação da Cruz Vermelha Brasileira. Compreende-se o porquê desta instituição ter sido reconhecida por sua contribuição na formação da equipe de enfermagem, imagem esta que perdura até os tempos atuais.

**Descritores:** História da Enfermagem, Cruz Vermelha Brasileira, Imprensa Escrita



## **BRAZILIAN RED CROSS: MANAGEMENT GREGORIO THAUMATURGO DE AZEVEDO IN THE NEWSPAPERS OF FEDERAL DISTRICT (1908 – 1918)**

### **ABSTRACT**

**Introduction:** Gregório thaumaturgo de Azevedo was a brazilian military army who, together with other military, intellectuals and doctor, brought to Brazil the ideal of Red Cross. At the meeting of December, 5<sup>th</sup>, 1908, the date that was enshrined as the date of creation, he was acclaimed president of the institution after Oswaldo Cruz resigned. His administration, which began in December, 1908, was marked by initiatives aimed at promoting the institution in Brazil. Its proximity to the government contributed to the conquest of the land that today is the headquarters of the Brazilian Red Cross. Thaumaturgo de Azevedo used the written press to publicize his ten-year term with his departure in 1918 due to electoral defeat.

**Objective:** The study aimed to discuss, analytically, through the written press of the Federal District, the management of Gregório Thaumaturgo de Azevedo at the Brazilian Red Cross - central directory.

**Methods:** For this purpose, the daily newspapers O Paiz, Correio da Manhã and Gazeta de Notícias found in the database of the Hemeroteca Digital under site on the Biblioteca Nacional's website were used, using the temporal delimitation from 1908 to 1918.

**Results:** 93 news clippings were found distributed over the following thematic areas: Assemblies and elections, 8 records; Headquarters conquest, 15 records; Dissemination of the Brazilian Red Cross, 13; Teaching, 29; World War I, 8; Spanish Flu, 11 and Decline of Management, 9. The newspaper O Paiz published 56 news clippings during the period studied, while Gazeta de Notícias, 20 and Correio da Manhã, 17.

**Conclusion:** From the amount of news clippings published on the topic of teaching, it can be concluded that the management Gregório Thaumaturgo de Azevedo used the school of nurses to disseminate the Brazilian Red Cross. It is understandable why this institution was recognized for its contribution to the formation of the nursing team, an image that has persisted until the present times.

**Keywords:** History of Nursing, Brazilian Red Cross, Written Press

## **LISTA DE FIGURAS**

**Figura 1** – Fac-símile do retrato de Gregório Thaumaturgo de Azevedo

**Figura 2** – Modelo de diagramação da página

**Figura 3** – Distribuição dos recortes noticiosos por ano e periódicos diários

**Figura 4** – Distribuição das matérias jornalísticas nos periódicos

**Figura 5** – Quadro de formandos de padioleiros

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** – Dados das linhas editoriais dos periódicos diários

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Distribuição dos recortes noticiosos por eixos temáticos

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**CVB** – Cruz Vermelha Brasileira

**BN** – Biblioteca Nacional

**NUPHEBRAS** – Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira

**CICV** – Comitê Internacional da Cruz Vermelha

# SUMÁRIO

<b>SEÇÃO 1 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>9</b>
1.1 – Introdução .....	9
1.2 – Gregório Thaumaturgo de Azevedo .....	10
1.3 – Cruz Vermelha .....	13
1.4 – Objeto de Estudo e Objetivo .....	16
1.5 – Justificativa .....	16
<b>SEÇÃO 2 – METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
2.1 – Abordagem e Delimitação .....	18
2.2 – Fontes Históricas .....	18
2.3 – Análises dos Dados .....	19
2.4 – Caracterização dos recortes noticiosos .....	20
2.5 – Linha Editorial .....	21
2.6 – Aspectos Éticos e Legais .....	22
<b>SEÇÃO 3 – RESULTADOS .....</b>	<b>23</b>
3.1 – Introdução .....	23
3.2 – Linha Editorial .....	24
3.3 – Registros Noticiosos .....	26
3.4 – Eixos Temáticos .....	30
3.5 – Síntese da Seção .....	32
<b>SEÇÃO 4 – CRUZ VERMELHA BRASILEIRA .....</b>	<b>34</b>
4.1 – Introdução .....	34
4.2 – Assembleias e Eleições .....	34
4.3 – Conquista da Sede .....	40
4.4 – Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira .....	45
4.5 – Síntese da Seção .....	50
<b>SEÇÃO 5 – ENSINO .....</b>	<b>52</b>
5.1 – Introdução .....	52
5.2 – Curso de Enfermeiras Voluntárias .....	52

<b>5.3 – Curso de Enfermeiras Profissionais e a Escola Prática de Enfermeiras</b>	<b>56</b>
<b>5.4 – Curso de Padioleiros</b>	<b>61</b>
<b>5.5 – Síntese da Seção</b>	<b>63</b>
<b>SEÇÃO 6 – CRUZ VERMELHA BRASILEIRA E O BRASIL</b>	<b>65</b>
<b>6.1 – Introdução</b>	<b>65</b>
<b>6.2 – Primeira Guerra Mundial</b>	<b>65</b>
<b>6.3 – Gripe Espanhola</b>	<b>69</b>
<b>6.4 – Síntese da Seção</b>	<b>74</b>
<b>SEÇÃO 7 – DECLÍNIO DA GESTÃO E DERROTA ELEITORAL</b>	<b>75</b>
<b>7.1 – Introdução</b>	<b>75</b>
<b>7.2 – (Des) Velando as Articulações das Alianças Estabelecidas</b>	<b>75</b>
<b>7.3 – Derrota Eleitoral</b>	<b>81</b>
<b>7.4 – Síntese da Seção</b>	<b>83</b>
<b>SEÇÃO 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE – RECORTES NOTICIOSOS</b>	<b>99</b>

## **SEÇÃO 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

### **1.1 - Introdução**

A motivação a trabalhar com história da enfermagem foi desenvolvida na graduação, quando participei das reuniões do Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira (NUPHEBRAS), na Escola de Enfermagem Anna Nery (2003). À época, participei do núcleo, por meio da disciplina optativa, intitulada Oficina História da Enfermagem I oferecida no terceiro período do Curso de Bacharelado em Enfermagem, deixando de frequentar após a formatura.

Fui acadêmica bolsista do NUPHEBRAS, onde também desenvolvi o Trabalho de Conclusão de Curso. A história da enfermagem sempre foi de meu interesse, motivo que no mestrado trago a temática.

Após dez anos de formada e trabalhando na assistência hospitalar e no ensino, decidi retomar meus estudos e ingressar no curso de mestrado. Em pesquisas bibliográficas no tema de história da enfermagem, me deparei com a história da Cruz Vermelha Brasileira e fiquei instigada com a instituição, no sentido de conhecer mais sobre atuação dela no campo da formação de enfermeiras no Brasil.

Foi quando decidi pesquisar sobre a instituição, fazendo busca em diversos jornais, ou seja, um estudo exploratório realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN) desde 1908, criação da Cruz Vermelha Brasileira até o final da década de 1950. Neste, a figura de Gregório Thaumaturgo de Azevedo me chamou a atenção pela sua participação na instituição, mas com a ressalva de escassas informações sobre sua biografia.

Nas leituras sobre a instituição, encontrei registros em alguns livros e artigos, aplicados na construção da problematização. Estes abordam fatos/acontecimentos nas guerras e calamidades, trajetória da enfermagem brasileira, ritualística institucional, mas sem dados diretos de Gregório Thaumaturgo de Azevedo.



No estudo exploratório foi possível identificar que ele foi homenageado pela instituição e governo federal, quando foi criada uma medalha comemorativa de meio século de sua morte, mas ainda existe nos estudos de história uma lacuna sobre sua gestão que durou exatamente 10 anos.

## 1.2 – Gregório Thaumaturgo de Azevedo

Nascido a 17 de novembro de 1853 em Barras, província do Piauí. Primogênito de Manuel de Azevedo Moreira de Carvalho e Angélica Florinda Moreira de Carvalho, alistou-se no exército aos 15 anos de idade voluntariamente com destino ao Depósito Central. Foi segundo cadete no 1º Regimento de Cavalaria. Em 1870, aos 16 anos de idade, ingressou na Escola Preparatória do Exército. Esta escola equivale atualmente ao ensino médio. As exigências para ingresso nesta escola eram dominar as quatro operações matemáticas e ter sido alfabetizado. Em sua ficha de estudante, há a informação de que perdeu um ano de estudo devido às sucessivas internações hospitalares, mas sem menção ao motivo de adoecimento<sup>1</sup>.

### Figura 1– fac-símile do retrato de Gregório Thaumaturgo de Azevedo



Marechal Thaumaturgo de Azevedo  
1908 - 1910

In: Memória da Cruz Vermelha Brasil<sup>2</sup>

Foi admitido na Escola Militar, situada na Praia Vermelha, Rio de Janeiro. Nesta instituição foi graduado em engenharia militar, matemática e ciências físicas no ano de 1878 que segundo Rodrigues (2016), o cadete se torna

<sup>1</sup> Informações encontradas na ficha profissional de Thaumaturgo de Azevedo no arquivo do edifício do Comando Militar do Leste, comando maior do exército no Rio de Janeiro e Minas Gerais.

<sup>2</sup> disponível em: <http://www.cruzvermelha.org.br/pb/cruz-vermelha-brasileira-homenageia-bisneta-de-seu-fundador/>

engenheiro militar após quatro anos de estudo nesta escola, e com mais um ano após aprovação em latim, filosofia e retórica, torna-se também bacharel em matemática e ciências físicas. Após a conclusão do curso, foi servir nas fortalezas de Santa Cruz, Laje e São João (Rio de Janeiro) (LOPES, 2015).

Em 1879, foi nomeado secretário da Comissão de Limites entre Brasil e Venezuela, ficando nesta comissão até 1883, cruzando os estados do Amazonas e Roraima. Ao apresentar seu relatório, foi condecorado pelos governos venezuelano e imperial brasileiro (LOPES, 2015).

Após ter seu trabalho na Comissão de Limites entre Brasil e Venezuela reconhecido, foi nomeado comandante geral das Fronteiras do Norte e inspetor das fortificações, cargo até então ocupado por militares de alta patente (ANTUNES, 1953).

Foi transferido para Recife em 1889 como diretor das Obras Militares, responsável pela estrada de ferro Recife-Olinda. Nesse período ingressou na Escola de Direito do Recife e se bacharelou em 1889 em ciências sociais e jurídicas. Com a proclamação da República neste mesmo ano, recebeu convite para governar o Piauí, sua terra natal, e neste estado promoveu várias vilas à cidade, além de reformas financeiras, do ensino e criação de mesas de orçamento. Com essas iniciativas, colecionou opositores ao seu governo levando o governo federal a demiti-lo do cargo, sendo substituído pelo vice-governador em junho de 1890 (ARAUJO, 2017).

Foi nomeado por marechal Deodoro a governador do Amazonas, mas com a renúncia do presidente e a posse de marechal Floriano, todos os governadores foram afastados do cargo. Gregório Thaumaturgo de Azevedo, decretou, no Amazonas, estado de sítio por 30 dias na tentativa de se manter no governo, mas foi intimado pelo governo central a deixar o cargo. Foi preso na Fortaleza de São Joaquim do Rio Branco por conspiração contra o presidente e perdeu o cargo no exército (LOPES, 2015).

Na gestão do presidente Prudente de Moraes, mais precisamente em 1895, foi anistiado, retomou sua patente militar e nomeado chefe da Comissão de Limites com a Bolívia a fim de dar cumprimento ao Tratado Ayacucho, lavrado durante a Guerra do Paraguai, onde o Acre seria incorporado ao território

boliviano. Como não concordava com a perda de grande extensão de terras ocupadas por brasileiros, apelou para o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Carlos Augusto de Carvalho. Não recebendo apoio, demite-se do cargo em 1897 e retorna à capital federal (ANTUNES, 1953).

Sua luta pela manutenção das terras do Acre recebeu apoio de Rui Barbosa, Serzedelo Correia e com a intervenção do Barão do Rio Branco, o exército ocupou a área e em 1903 é assinado o Tratado de Petrópolis. Thaumaturgo de Azevedo foi enviado à região como prefeito do Alto Juruá, quando elevou ao posto de capital, a cidade de Cruzeiro do Sul. Também foi em sua gestão a criação de biblioteca, escola, fórum e usina de eletricidade e imprensa oficial. Neste período enfrentou a invasão de peruanos no território acreano. Foi exonerado do cargo de prefeito em 1907 após se ver envolvido com o crime de prevaricação cometido por seu secretário responsável pela lavração de contrato de compras. Neste ano, foi promovido general e designado comandante do 3º regimento militar (ANTUNES, 1953).

Em 1908, juntamente com outros intelectuais, fundou a Cruz Vermelha Brasileira, seguindo os moldes da sociedade com sede na Suíça. Foi aclamado presidente, tomando posse em 5 dezembro de 1908 na reunião que ficou definida como o marco inicial da instituição no Brasil (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Durante sua gestão na Cruz Vermelha Brasileira, foi comandante da Força Policial do Distrito Federal (1909 – 1910) a pedido do presidente Nilo Peçanha em substituição ao general Souza Aguiar após o acontecimento denominado Primavera de Sangue<sup>3</sup>, 1909, quando o então comandante da Polícia do Distrito Federal repreendeu violentamente universitários durante um protesto nas ruas do Rio de Janeiro, levando à morte de dois universitários (BORGES, 2011).

---

<sup>3</sup> Na primavera de 1909, universitários organizaram um enterro simbólico do comandante da Força Policial do Distrito Federal, Souza Aguiar, e foram violentamente repreendidos levando a morte de dois jovens estudantes. O acontecimento levou à demissão do comandante e nomeação de Thaumaturgo de Azevedo para o cargo (BORGES, 2011).

Em 1918, foi reformado pelo exército e deixou a presidência da Cruz Vermelha Brasileira após derrota eleitoral em dezembro, mês que completou exatamente dez anos de gestão.

Era casado e tinha 7 filhas, mas sua vida pessoal não tem citação na literatura encontrada ou nos jornais da época em que viveu. Faleceu em 23 de agosto de 1921 à 1:30h em sua residência na rua das Laranjeiras, Rio de Janeiro. Conforme notícias de jornais, o motivo do óbito seria “arterio-esclerose” (O PAIZ, 23 de agosto de 1921, p. 5)

### **1.3 – Cruz Vermelha**

A trajetória da Cruz Vermelha foi iniciada em 1828, por Jean-Henry Dunant, filho e neto de magistrados nascidos em Genebra, na Suíça. Sua biografia nos permite reconhecer que Henry Dunant foi bem educado em literatura, arqueologia e história. A base para suas excelentes observações foi que ele estabeleceu negócios na África e em outros países. No retorno de uma de suas viagens, ele esteve em Solferino em junho de 1859, após a Batalha da Áustria contra a Itália e a França envolvendo mais de 300.000 homens, e havia cerca de 40.000 deles mortos ou feridos, sem assistência. Ele tentou ajudar no tratamento e ficou surpreso com o fato de os soldados terem sido abandonados ao sofrimento. Com a intenção de fazer algo pelos soldados feridos, ele voltou a Genebra e começou a conversar e escrever sobre o que havia visto. Foi sugerido a criação, durante o tempo de paz, de sociedades prestadoras de socorro para os tempos de guerra (FANTINATO, 2017).

Henry Dunant criou um "comitê especial de utilidade pública" em fevereiro de 1863, juntamente com Gustav Moynier, advogado jurídico especialista em guerras napoleônicas e dois médicos, Theodore Mounier e Louis Appia e o general Guillaume Henry Dufour (OGUISSO; DUTRA; CAMPOS, 2011). Cinco homens com experiência em assistência médica e guerra.

Em outubro de 1863, foi realizada uma conferência para discutir princípios humanitários que dariam margem aos negócios internacionais e contou com a

presença de representantes de 12 países<sup>4</sup> e organizações filantrópicas. Esses princípios prepararam o terreno para todo o trabalho, e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) em Genebra foi formado para ajudar os feridos e os necessitados, não apenas durante a guerra, mas pessoas preparadas também a qualquer momento para os desastres naturais, como grandes terremotos, furacões, epidemias, inundações e secas (FANTINATO, 2017).

Em 1864, o governo suíço convocou nova conferência diplomática em Genebra, com representantes dos doze governos que aceitaram o tratado elaborado pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, conhecido como a 1ª Convenção de Genebra, para ajudar os soldados feridos em campanha. Os signatários do tratado aceitaram formar uma sociedade civil da Cruz Vermelha em seu país e garantir neutralidade a profissionais de saúde e áreas hospitalares durante o socorro aos feridos em guerra. Todos devem usar um logotipo, uma cruz vermelha sobre fundo branco, que se tornou um símbolo da organização em homenagem à Suíça<sup>5</sup>. A Convenção foi ratificada pelos Doze Países em 1864 e tem crescido constantemente para mais de cento e oitenta países (OGUISSO; DUTRA; CAMPOS, 2011).

Trata-se de sociedade neutra e imparcial e tem sua história confundida com a história da enfermagem moderna, pois ambos nascem em campos de guerra ofertando assistência aos feridos em combate. Inclusive, existem relatos de que Dunant se inspirou em Nightingale para a criação da Cruz Vermelha, pois a mesma trabalhou em auxílio aos soldados feridos em batalhas na Guerra da Criméia (1853 – 1856). Este reconhecimento culminou na entrega da medalha de ouro à Florence Nightingale em 1867 durante a Conferência das Sociedades da Cruz Vermelha (MIRANDA, 1996)

No Brasil, a Cruz Vermelha Brasileira (CVB) foi criada em dezembro de 1908 no Rio de Janeiro, autorizada pela Lei nº 2.380, de 31 de dezembro de 1910, e reconhecida pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha em 1912, quando foi considerada de caráter nacional e de utilidade pública. Oswaldo Cruz

---

<sup>4</sup> Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Itália, Portugal e Algarves, Prússia, Suíça, Reino de Wurttemberg, Hesse (estado alemão), Cidade de Baden, e Países Baixos (Primeira Convenção da Cruz Vermelha Internacional – 1865). In: <https://www.swissinfo.ch/eng/original-geneva-convention/40567302> (cópia do documento original)

<sup>5</sup> A bandeira da Suíça é de fundo vermelho com a cruz branca.

foi convidado a formar a diretoria provisória como seu primeiro presidente, mas na data de 5 de dezembro de 1908, Oswaldo Cruz renuncia ao cargo e Gregório Thaumaturgo de Azevedo é aclamado presidente da sociedade (OGUISSO; DUTRA; CAMPOS, 2011).

Gregório Thaumaturgo de Azevedo foi um militar com mais de meio século de serviço no exército brasileiro. Começando sua carreira como cadete da Escola Militar onde saiu engenheiro militar e foi promovido até a patente de general quando ajudou na fundação da Cruz Vermelha Brasileira, deixando a instituição quando já era marechal, a mais alta patente do exército.

Era filiado ao Partido Liberal e se candidatou a alguns cargos políticos, mas foi trabalhando nas Comissões de Limites do Brasil que teve seu trabalho reconhecido. Contribuiu juntamente com médicos, intelectuais e militares para a criação da CVB assumindo a presidência até dezembro de 1918, ficando 10 anos completos.

Era importante o apoio da sociedade brasileira ao funcionamento da Cruz Vermelha no país, pois a mesma não recebia apoio financeiro do governo, ficando sua manutenção realizada com a contribuição dos sócios e donativos recebidos da sociedade civil (NETO, 2011).

Em outubro de 1914, foi realizado a primeira aula do curso de enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira – órgão central. Este curso foi voltado para as senhoras da seção feminina da Cruz Vermelha com o intuito de formar voluntárias. Em março de 1916, foi criado o curso de enfermeiras práticas, que futuramente se chamaria de curso de enfermeiras profissionais. Este último era destinado às jovens de classes menos favorecidas com o objetivo de contribuir para a renda familiar (NETO, 2011).

Apesar do órgão central da CVB ser no Rio de Janeiro, a filial São Paulo iniciou seu curso para formação de enfermeiras em data anterior, mais precisamente em 1912, com a iniciativa da médica Maria Rennotte (PORTO; SANTOS, 2006).

A escola de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira se confunde com a história da profissão no Brasil, visto que foi criada no início da Primeira Guerra

Mundial atraindo várias jovens com interesse de contribuir no front (FANTINATO, 2017). Apesar de não ter sido a primeira escola de enfermeiras, teve relevante participação na formação profissional neste momento em que antecede a inserção do Brasil na Guerra devido à trajetória da Cruz Vermelha Internacional.

Além da estratégia de utilizar os cursos de enfermeiras para ganhar visibilidade e poder, a gestão Gregório Thaumaturgo de Azevedo também utilizou a imprensa escrita da época para divulgar a Cruz Vermelha, o que justifica a escolha dos periódicos da capital do país para compreender a trajetória da Cruz Vermelha nessa primeira década de existência.

Apesar de Thaumaturgo de Azevedo ser considerado um vulto da história militar e da geografia brasileira, ainda é um personagem que aguarda ter seu nome reconhecido na história da CVB e profissionalização da enfermagem. Sua participação na criação dos cursos de enfermeiras e sua luta para a conquista do terreno e construção do prédio da escola, confirma seu interesse em formar enfermeiras para a guerra e a paz.

#### **1.4 – Objeto de Estudo e Objetivo**

Mediante ao exposto, cabe o questionamento: Como ocorreu a trajetória Gregório Thaumaturgo de Azevedo na gestão da Cruz Vermelha Brasileira – órgão central? Para tanto, trazemos como **objeto de estudo** a visibilidade da gestão de Gregório Thaumaturgo de Azevedo na Cruz Vermelha Brasileira pela imprensa escrita do Distrito Federal.

- **Objetivo:** Discutir, analiticamente, por meio da imprensa escrita do Distrito Federal, a gestão de Gregório Thaumaturgo de Azevedo na Cruz Vermelha Brasileira – órgão central.

#### **1.5 - Justificativa**

As práticas de enfermagem são anteriores à sua profissionalização, mas sua história alcança novo rumo após o processo de cientificação do conhecimento. Algumas instituições colaboraram com a profissionalização do

peçoal de enfermagem no Brasil. A saber, a Escola de Enfermeiros e Enfermeiras do Hospital Nacional de Alienados foi a primeira iniciativa e em seguida vieram outras ocupar o espaço ocioso e fértil de formar profissionais para o atendimento hospitalar e domiciliar<sup>6</sup>.

Mas este caminho para a profissionalização da enfermagem ainda deixa várias lacunas para a pesquisa como, identificar os anônimos que participaram dessa trajetória e contribuíram para a formação da identidade profissional.

Neste sentido, venho trazer a gestão de Gregório Thaumaturgo de Azevedo como forma de trazer à discussão a biografia de uma figura que contribuiu para a enfermagem brasileira, mas que não se tratava de um enfermeiro, e sim um gestor de importante centro formador de pessoal para a enfermagem profissional.

Este estudo contribuirá na revisão da história da enfermagem no Brasil acrescentando mais um capítulo nos livros de história da enfermagem dando voz aos que ainda não fazem parte desta trajetória e conseqüentemente, trazendo à reflexão sobre os interesses que levam alguns atores ao ostracismo no passado da profissão.

---

<sup>6</sup> Para saber mais, consultar a obra *Enfermagem: história de uma profissão*, de autoria de Maria Itayra Padilha, Miriam Susskind Borenstein (2015) e *Em Tempos de Covid-19: aplicações das lições deixadas por Florence Nightingale*, de autoria de Fernando Porto, Ingrid Zuvanov Kahl Costa, Tatiana de Oliveira Gomes (2020).



## **SEÇÃO 2 – METODOLOGIA**

### **2.1 – Abordagem e Delimitação**

Trata-se de estudo na perspectiva do método historiográfico, com abordagem da micro-história. Esta abordagem surgiu na Itália na década de 1970 com o objetivo de “analisar situações, especificar ações individuais, acontecimentos precisos, redes capilares de relações, mas sem perder de vista a realidade mais global” (PESAMENTO, 2000, p. 214). A micro-história, segundo Barros, utiliza um fragmento da trajetória para acessar questões mais amplas que o recorte analisado (2007). Para Revel (1998), a micro-história tem a tarefa de compreender as relações sociais e suas interações, e a responsabilidade de cada ator em suas transformações, no processo social.

A delimitação temporal se refere ao período de 1908 a 1918. Ela se justifica em virtude de tratar-se dos anos que Gregório Thaumaturgo de Azevedo esteve à frente da Cruz Vermelha Brasileira. Seu mandato iniciou-se por aclamação dos sócios da instituição, em reunião que ficou definida como marco de criação da entidade internacional no Brasil até sua saída após 10 anos de gestão.

A delimitação espacial foi o Distrito Federal, no Rio de Janeiro, justificado pela localização do órgão central da Cruz Vermelha Brasileira.

### **2.2 – Fontes Históricas**

As fontes históricas forma recortes noticiosos publicados em jornais encontrados na Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional. Este trata-se de um portal com periódicos brasileiros com documentos digitalizados e disponíveis para consulta pela internet. Nele, os dados são organizados e sítidos, ao permitir a pesquisa ao seu acervo de forma avançada, a partir de dados como período de publicação, título do periódico, edição, estado de publicação e por palavras-chave (BIBLIOTECA NACIONAL, 2020).

Para a busca, foi utilizada a aba de seleção denominada período, onde o acervo permite procurar por década. A pesquisa selecionou as décadas 1900 a 1909 e 1910 a 1919, local Rio de Janeiro (RJ). Todos os periódicos foram selecionados e a busca ocorreu pelas palavras-chave, a saber: “Cruz Vermelha Brasileira” e “Thaumaturgo de Azevedo”, com aspas para evitar resultados não desejados.

Para a busca dos dados, foi construído um instrumento de pesquisa com os seguintes itens: nome do periódico, data de publicação, página, título da matéria e a transcrição do recorte na íntegra. O material coletado durante a pesquisa foi organizado em ferramenta de texto formatado<sup>7</sup>, em ordem cronológica conforme data de publicação do recorte noticioso.

Com os dados coletados, foi aplicado por critérios de inclusão, notícias com aderência ao tema da pesquisa articulada às palavras-chave, bem como os jornais de diferentes linhas editoriais associado a maior concentração de notícias sobre a Cruz Vermelha Brasileira no período pesquisado e exclusão, os registros noticiosos repetidos, bem como assuntos diversos à gestão de Gregório Thaumaturgo de Azevedo e os impressos com detenção de direitos autorais.

### **2.3 – Análise dos Dados**

A análise dos dados foi realizada a partir dos critérios estabelecidos, considerando os conteúdos que classificam e categorizam os dados a partir dos elementos-chave (CARLOMAGNO; ROCHA, 2016). Esta organização possibilitou a construção da narrativa historiográfica.

As notícias foram distribuídas em sete grupos conforme o tema abordado e os eixos temáticos foram organizados em: “Conquista da Sede”, “Ensino”, “Assembleias e Eleições” e “Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira”, “Primeira Guerra Mundial”, “Gripe Espanhola” e “Declínio da Gestão e Derrota Eleitoral”.

Os eixos temáticos foram agrupados em seções desenvolvidas na investigação, a saber:

---

<sup>7</sup> Ferramenta Word for Windows

- Cruz Vermelha Brasileira - Conquista da Sede; Assembleias e Eleições; Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira. Nela o leitor irá encontrar as conquistas no sentido macro e micro, deliberações nas assembleias e suas respectivas eleições para a presidência da instituição, e as estratégias empreendidas para divulgação das ações institucionais.

- Ensino - os cursos de enfermagem (voluntária e profissional e padioleiros). Assim como em outros países, a Cruz Vermelha Brasileira tinha como missão a formação de pessoal para o atendimento em conflitos bélicos. Desta forma, será abordado nesta seção a criação dos cursos de enfermagem a partir da criação de uma comissão de ensino prático, que ficou conhecida como as Damas da Cruz Vermelha e a intenção de criar uma turma de padioleiros, voltada para os homens, para auxiliar na assistência aos feridos em guerra.

- Cruz Vermelha e o Brasil – Gripe Espanhola e I Guerra Mundial. Será apresentada a participação da Cruz Vermelha Brasileira nesses eventos que marcaram o final da gestão de Thaumaturgo de Azevedo. A partir da metade de 1917, quando o Brasil entra em estado de guerra, até o fim de 1918 quando a Cruz Vermelha Brasileira mostrou seu trabalho no combate à pandemia de gripe espanhola.

- Declínio da Gestão e Derrota Eleitoral – Nesta, a seção abordará o declínio do gestor motivado por conflitos internos expostos pela imprensa levando à sua derrota eleitoral, findando uma década à frente da instituição.

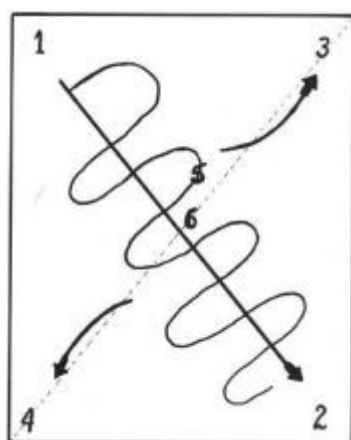
## **2.4 – Caracterização dos Recortes Noticiosos**

Os recortes noticiosos foram identificados por sua característica quanto ao conteúdo e comunicação visual, pois “o jornal ou veículo impresso é uma materialidade plural, marcada por diferentes modos de apresentar, analisar e trabalhar a palavra ou a narrativa do que pretende enfatizar” (PORTO, 2007, p. 173)

A página do jornal é dividida em zonas de leitura, quando o redator escolhe a notícia que o olhar do leitor pousará por mais tempo ou terá prioridade em detrimento de outras áreas da folha impressa. Ela é dividida em zonas de

visualização que tem por princípio a leitura da direita para a esquerda do jornal, ficando a região superior direita e a inferior esquerda, as zonas de leitura primária e secundária, respectivamente. A região superior esquerda e a inferior direita são a zona morta. Nesta região ficam as matérias com menor importância para o redator. No centro da folha do jornal encontram-se os centros óticos e geométricos com também importante visualização (SILVA, 1985).

Figura n. 2 – Diagramação da Página



1. Zona primária
2. Zona terminal
3. Zona morta
4. Zona morta
5. Centro ótico
6. Centro geométrico

In: SILVA, 1985, p. 49

Além da zona de publicação do recorte noticioso, a matéria também tem características pela sua redação. Ela é simplesmente registro do fato, sem comentários ou interpretações; as notas são curtas, a partir do desdobramento da notícia, o suelto é a nota acompanhada de breves comentários e, a reportagem apresenta profundidade, pesquisa e narrativa extensa (MARQUES, 2003).

## 2.5 – Linha Editorial

Com o banco de notícias jornalísticas organizados, cronologicamente, foi levantado as características do projeto editorial de cada periódico, assim como a identificação dos proprietários, redatores, tiragens e público.

Para a análise dos dados, fez-se necessário essa identificação, visto que o jornalismo é uma prática social e seus interesses podem ser convergentes ou

não, refletindo na redação de uma notícia (LAPUENTE, 2015). Logo, ela auxilia na compreensão do seu modo de ver, visto que a imprensa não escreve para a história, mas sim para o consumo do seu produto (JOBIM, 2003).

## **2.6 – Aspectos Éticos e Legais**

A investigação encontra-se isenta de registro e avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, considerando que a Resolução n. 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõem sobre a utilização de informações de acesso público. O conceito de informações de acesso público, segundo a resolução, é dados que podem ser consultados por todos os cidadãos em geral, sem restrição de acesso.

O corpus documental desta pesquisa é considerado de acesso público porque se encontra na hemeroteca digital, banco de dados hospedado no site da Biblioteca Nacional. Não é necessário nenhum registro nem exige critério para o acesso, por isso é considerado dados de acesso público.

Este estudo é livre de risco por se tratar de biografia de figura pública e seu trabalho em instituição de interesse público.

## SEÇÃO 3 – RESULTADOS

### 3.1- Introdução

Nesta seção serão apresentados os dados encontrados na pesquisa do banco de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional referentes aos recortes noticiosos nos jornais O Paiz, Gazeta de Notícias e Correio da Manhã que totalizaram 93 notícias no período de 1908 e 1918.

Os anos de 1909 e 1910 não apresentaram notícias sobre a Cruz Vermelha e as notícias com referência a Gregório Thaumaturgo de Azevedo não tinham relação direta com a instituição pesquisada. A ausência pode ser justificada pela crise política instituída no final do governo Afonso Pena mediante seu falecimento (1909) e, a indicação de Thaumaturgo de Azevedo à comandante da Força Policial do Distrito Federal no governo Nilo Peçanha, onde ficou neste cargo até 1910. Este corpo militar foi o embrião do que hoje é a Polícia Militar do Rio de Janeiro e por não ter na época uma escola de oficiais, seu comando era ocupado pela alta hierarquia do exército, coronel ou general. O ingresso era voluntário e a única exigência era a alfabetização, sendo seu efetivo conhecido por suas ações truculentas (MUSUMECI e MUNIZ, 2000).

Para tanto, esta seção apresenta os resultados encontrados durante a pesquisa para nortear a discussão. Estes resultados foram organizados com a seguinte apresentação:

- Linha Editorial – o projeto editorial é o olhar do redator, trazendo uma tendência nas técnicas de comunicação.
- Registros Noticiosos – 93 distribuídos em três jornais diários de circulação na capital federal, Rio de Janeiro.
- Eixos Temáticos – eles foram organizados em: assembleias e eleições; conquista da sede; divulgação da Cruz Vermelha Brasileira; curso de enfermeiras voluntárias; curso de enfermeiras profissionais e a Escola Prática de Enfermeiras; curso de padioleiros; I guerra mundial; gripe espanhola; final da gestão.

### 3.2 – Linha Editorial

O projeto editorial de um periódico indica a visão de mundo de seus editores e a ideologia proposta. A qualidade da impressão e valor de venda, pode identificar o público leitor do jornal e compreender a importância de sua redação para a sociedade à época. Ele compreende a essência e valores que norteiam as ações do veículo de comunicação no sentido de influenciar na opinião pública. É basicamente a opinião do jornal (PAIXÃO, 2018).

Quadro 1: Dados das linhas editoriais dos periódicos diários

Periódico	Fundação	Editor-responsável	Linha Editorial	Valor unitário em réis	Quantidade de Páginas
O Paiz	1884	Quintino Bocaiúva	situacionista	100	32
Correio da Manhã	1901	Edmundo Bittencourt	Sem compromisso partidário	40	16
Gazeta de Notícias	1874	Cândido de Campos	situacionista	100	8

O jornal O Paiz era de grande circulação, recebia contribuição financeira do governo e tinha importante participação na opinião política dos leitores. Sua tiragem lhe atribuía o título de jornal com maior circulação da América Latina. O redator deste jornal foi Quintino Bocaiúva, jornalista e político, um dos fundadores do Partido Republicano, recebeu o epíteto de “príncipe dos jornalistas brasileiros” por sua destacada participação à frente do jornal O Paiz e sua campanha republicana na imprensa brasileira. Também foi um dos líderes do golpe republicano em 1889, sendo indicado ao Ministério das Relações Exteriores do governo provisório (LEMONS, 2015). Em 1902, foi afastado da redação para assumir o cargo de presidente do Estado do Rio de Janeiro, equivalente ao cargo de governador do Estado, e retornou como presidente honorário do jornal. O Paiz circulou por quarenta e seis anos e sua vida longa foi atribuída ao apoio que recebia do Estado (SODRÉ, 1966).

Sua circulação inicial contava com quatro páginas, mas com a concorrência de jornais mais informativos e a introdução de anúncios, principalmente atos oficiais da prefeitura, sua edição aumenta em dez páginas. Apesar do apoio recebido do governo, passou por dificuldades financeiras em 1915 e foi alvo de escândalos devido à sua campanha incondicional e elogios a

todos os governos. Esta relação estreita com a política situacional contribuiu na sobrevivência do jornal (BARBOSA, 2007).

Em oposição ao governo e ao jornal O Paiz, o periódico Correio da Manhã era considerado um jornal de opinião, sem compromisso partidário. Se caracterizava por ter maior proximidade com as classes menos favorecidas, trazendo em suas páginas, matérias de interesse dos trabalhadores. Este veio a romper com a publicação em troca de isenção fiscal, auxílio financeiro por parte do governo. Contudo, ele não era um jornal neutro, pois se posicionava e apoiava algumas campanhas na pessoa de Edmundo Bittencourt que aproximava figuras de tendências diversas em seu jornal, mas fazia o papel de redator e proprietário, norteando a opinião do Correio da Manhã (SODRÉ, 1996).

Com um apelo mais popular, o Gazeta de Notícias tinha preços baixos, e criou o sistema de vendas avulsas de jornais que até então precisava de assinaturas para ser adquirido. Ele espalhava pela cidade, meninos como vendedores, ditos como os pequenos jornaleiros, levando os jornais para as vendas em vias públicas, anunciando em tom de voz alto, as manchetes do dia (RAMOS, 2005).

Com postura liberal governista e considerado um dos jornais mais bem aparelhados do mundo para a época e apesar de seu apoio incondicional ao governo, não perdeu popularidade. Este periódico foi criado por Ferreira de Araújo, conhecido por iniciativas saneadoras e por ter “reformado a imprensa do seu tempo” (SODRÉ, 1966, p. 257). Ferreira de Araújo tinha formação em medicina, mas seu interesse pelo jornalismo o levou a ser reconhecido internacionalmente (LEÃO, 1950). A paixão pela literatura trouxe para o jornal Gazeta de Notícias a contribuição de nomes como Machado de Assis, Olavo Bilac, Eça de Queiroz, entre outros (LIMA, 2010).

A reforma promovida por Ferreira de Araújo aconteceu de forma geral na imprensa brasileira com o advento da República (1889). Enquanto a imprensa imperial era artesanal, com a República e o início do processo de industrialização no país, a imprensa se torna uma empresa ficando sob o domínio do capital ou do Estado (COUTINHO, 2014).



A imprensa, na Primeira República, se dividiu basicamente em dois padrões, a saber: o político-partidário representando a nova burguesia brasileira e o Estado com aparato industrial e voltado à notícia enquanto produto, e a imprensa combativa que buscava representar o operariado urbano (OLIVEIRA, 2011).

A partir desse contexto, podemos entender que os jornais O Paiz e Gazeta de Notícias encontravam-se sob a égide do Estado. Enquanto o Correio da Manhã que se identificava com a classe operária, crescia juntamente com o processo de industrialização e urbanização do país.

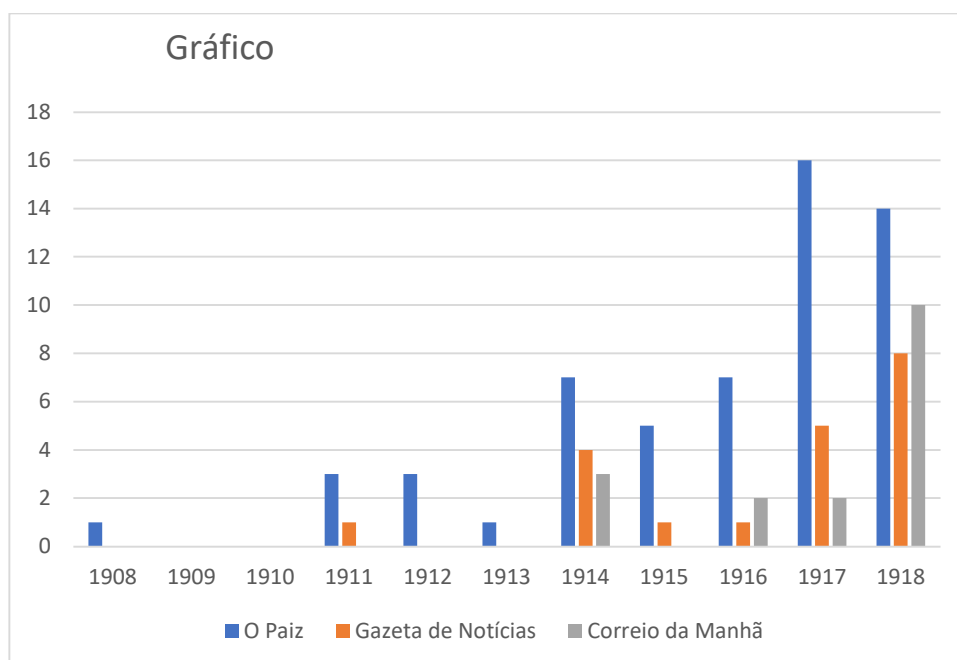
### **3.3 – Registros Noticiosos**

A pesquisa encontrou 93 recortes noticiosos, referente ao período de 1908 a 1918. Destes, destacamos os anos de 1909 e 1910, que não foram localizados registros noticiosos, o que evidenciou um silenciamento nas páginas da imprensa escrita, conforme temos a oportunidade de identificar na figura n.1. Inferimos que a CVB ficou latente em seus primeiros anos de existência devido ao cargo de comandante da Força Policial do Distrito Federal por Thaumaturgo de Azevedo. Além de ser um cargo de confiança indicado pelo então presidente da República, Nilo Peçanha, Thaumaturgo de Azevedo assume o cargo após a exoneração de Souza Aguiar que com repercussão negativa de sua gestão na imprensa, também desgasta a imagem da Força Policial no Distrito Federal. O general Souza Aguiar deixou o cargo em meio a eventos de violência, o que deixou Thaumaturgo de Azevedo com a missão de melhorar a imagem da Força Policial. Para isso, abre inquérito com o objetivo de verificar a responsabilidade de oficiais e praças no evento denominado “Primavera de Sangue”, quando a Força Policial do Distrito Federal sob o comando de Souza Aguiar inibiu com violência alguns protestos estudantis levando a morte de dois acadêmicos (BORGES, 2011). O protesto que deflagrou a demissão de Souza Aguiar foi o enterro simbólico do comandante da brigada realizado por universitários, principalmente do curso de medicina do Rio de Janeiro.

Thaumaturgo de Azevedo foi substituído após a posse de marechal Hermes da Fonseca como presidente em 15 de novembro de 1910 e sob seu

comando, a instituição militar teve seu fardamento alterado, foi proibido castigos físicos à população, mesmo que no desvio da lei, os veículos de tração animal e motora receberam velocidade máxima de 8 km/h, Thaumaturgo de Azevedo criou serviços de assistência à saúde dos policiais e seus dependentes contando, inclusive, com uma colônia para portadores de tuberculose exclusivo para policiais e, definiu que os cargos de comando fossem preenchidos por oficiais formados pela própria corporação (O Paiz, 14 de novembro de 1910, p. 5). As mudanças promovidas por Thaumaturgo de Azevedo na Força Policial em um ano de gestão, sugere que o mesmo apresentou dedicação, deixando a Cruz Vermelha Brasileira em segundo plano.

Figura n. 3 – Distribuição dos recortes noticiosos por ano e periódicos diários.



Em 1908, o jornal O Paiz (6 de dezembro de 1908, pg. 2) noticiou a criação da Cruz Vermelha Brasileira, não havendo notas sobre a assembleia em outro periódico estudado. Na reunião de criação da instituição, quando foi publicada a nota, estavam presentes alguns representantes do governo federal como por exemplo, o Barão do Rio Branco que exercia o cargo de Ministro das Relações Exteriores. A presença do ministro e alguns militares do exército e marinha de alta patente pode ser a premissa que justifica o registro da notícia de criação da Cruz Vermelha no periódico que mantinha estreitas relações com o governo.

Pensar na criação institucional da Cruz Vermelha Brasileira, nos remete a uma ritualística. Esta pode ser entendida de relevância para anunciar, logo, um dos elementos importantes é a presença das autoridades, o que ratifica o ato institucionalizado. Assim sendo, como podemos identificar a presença do ministro e militares, por exemplo, legitimam a liturgia estabelecida (BOURDIEU, 2008).

A Gazeta de Notícias publicou uma notícia sobre a Cruz Vermelha em 1911, o Correio da Manhã uma notícia, enquanto o periódico O Paiz lançou duas notas em suas páginas. As notícias até esse momento referiam à instalação da instituição no país e seu conteúdo foi basicamente a conquista do terreno por doação do governo federal e também mostrava o interesse de Gregório Thaumaturgo de Azevedo pela formação de enfermeiras através da criação de um dispensário-escola.

Como Podemos identificar no gráfico, os anos de 1912 e 1913, O Paiz publicou 3 notícias pela participação em eventos internacionais, quando ela foi reconhecida por todas as nações e declarada de caráter nacional pelo Decreto 9.620 (BRASILb, 1912).

A partir de 1914, houve certo crescimento nos números dos recortes noticiosos nos periódicos estudados. Este aumento foi observado nos três jornais, a saber: O Paiz publicou em 1914, 7 notícias, Gazeta de Notícias publicou 4 seguido do Correio da Manhã com 3. À época, o governo federal tinha cedido, definitivamente, o terreno no antigo Morro do Senado, atual sede da Cruz Vermelha Brasileira, quando o curso de enfermeiras foi criado (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Em 1915, O Paiz publicou 5 recortes, porém não houve publicação do Correio da Manhã, diferente da Gazeta de Notícias com 1 notícia. Estas se referiam, principalmente, ao curso de enfermeiras e tratava de assuntos como matrículas, disciplinas e informativos gerais com notas de caráter informativo.

Cabe destacar que a I Guerra Mundial teve seu início em 1914 e que o conflito bélico foi o combate entre as grandes potências mundiais que se organizaram em alianças. Anterior à eclosão da guerra, a França e Alemanha estavam em atrito devido à perda de território da Alsácia e Lorena por parte da

França no final da guerra Franco-Prussiana. A Alemanha firmou tratado com a Itália e Austria-Hungria com acordo financeiro, comercial e militar formando a Tríplice Aliança, como ficou conhecida. Por outro lado, a França se aliou à Inglaterra e Rússia com o mesmo tratado, formando assim a Tríplice Entente (WILLMOTT, 2008).

Apesar da Itália ter acordo com a Tríplice Aliança, no deflagrar da guerra ela abandona o tratado e com a promessa de receber alguns territórios perdidos nas guerras napoleônicas, ela declara guerra ao lado da Tríplice Entente (MARTIN, 2017). A Cruz Vermelha ampliou seus trabalhos na I Guerra Mundial, que não mais se limitava aos soldados feridos em batalha, mas também se preocupou com prisioneiros de guerra e proteção aos civis (TRINDADE, 2015).

No ano seguinte (1916), as matérias jornalísticas sobre a cessão do terreno por parte do governo federal para a Cruz Vermelha Brasileira, dividiram espaços com as notas sobre a Escola Práticas de Enfermeiras que estava em organização. Neste período, foi publicada matéria onde o jornal Gazeta de Notícias mostrou os feitos do presidente da instituição e citava as dificuldades sofridas, pois não teria recebido apoio do governo. Por outro lado, O Paiz publicou sete recortes sobre o trâmite de cessão do terreno e, também, noticiou sobre o curso de enfermeiras, e o Correio da Manhã publicou duas notícias ao registrar a primeira fala sobre a cessão do terreno e a segunda sobre a inauguração do curso de enfermeiras.

À época, o curso de enfermeiras voluntárias já se encontrava em andamento, segundo Mott e Tsunechiro (2002), e a Diretoria Feminina da Cruz Vermelha Brasileira pleiteava o curso profissionalizante, quando foi criada a Escola Prática de Enfermeiras (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

O Paiz publicou 16 notícias sobre o prédio e a escola de enfermeiras. Entre os recortes noticiosos deste jornal, há uma matéria que trata da visita do jornalista ao novo prédio e suas considerações sobre o funcionamento da escola. A Gazeta de Notícias publicou 5 notícias, neste ano, uma delas foi dotada de *fac-símiles* que cobriam um quarto da página do jornal para tratar da festa de inauguração da sede provisório da Cruz Vermelha Brasileira, além de recortes com convites para a festa. O Correio da Manhã publicou apenas duas notícias,

a inauguração do prédio da escola de enfermeiras, ambulatórios e a criação do curso de padioleiros que também foi publicado no jornal O Paiz. Logo, a Escola Prática de Enfermeiras que abrigava os cursos de enfermeiras voluntárias e profissionais para funcionamento no terreno cedido pelo governo, justifica o quantitativo noticioso, em 1917, bem como a entrada do Brasil no conflito bélico em virtude do torpedeamento de navios brasileiros. Em abril de 1917, o navio Panamá afundou após ser torpedeado por tropas alemães e em maio de 1917, foram os navios Tijuca e Lapa. Após esses eventos, o Brasil declarou guerra contra a Tríplice Aliança da I Guerra Mundial (WILLMOTT, 2008).

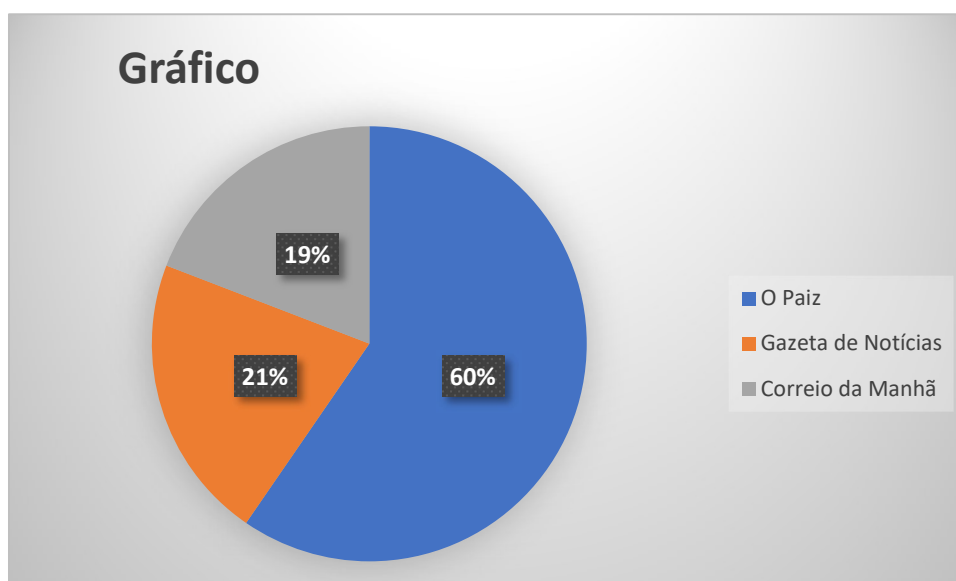
Com o término da I Guerra Mundial e, em seguida, o acometimento da gripe espanhola à população, o ano de 1918 foi o de maior publicação referentes aos assuntos da Cruz Vermelha Brasileira nos jornais dentro do período pesquisado, já que a instituição teve importante participação nos dois eventos mundiais. A Gazeta de Notícias publicou 9 notas sobre a instituição e o Correio da Manhã, 10. O jornal O Paiz publicou 15 notícias neste ano entre elas a participação da Cruz Vermelha Brasileira na guerra enviando estoques de roupas e materiais para curativos em direção ao front.

Ademais, no mesmo ano, duas alunas da escola de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira faleceram e foram noticiadas, a saber: D. Maria dos Anjos Santa Anna, morte por “coma diabético” e Cherubina Angélica Guimarães, morte por gripe espanhola, ambas as notícias publicadas pelo jornal O Paiz.

### **3.4 – Eixos temáticos**

Em todos os momentos da investigação, o jornal O Paiz apresentou maior quantidade de matérias dedicadas à Cruz Vermelha Brasileira, conforme apresenta a figura n.2

Figura 4 - Distribuição das matérias jornalísticas nos periódicos



Entre os anos de 1908 e 1918, foram 60% de notícias sobre a Cruz Vermelha Brasileira no jornal O Paiz, enquanto na Gazeta de Notícias foram 21% e 19% notícias no Correio da Manhã. Assim sendo, os registros noticiosos foram organizados em eixo temáticos. A partir da aproximação do tema, eles foram agrupados em sete, conforme a tabela a seguir.

Tabela 1 – Distribuição dos recortes noticiosos por eixos temáticos

Eixos Temáticos	nº recortes	%
Ensino	29	30%
Conquista da Sede	15	16%
Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira	13	14%
Assembleias e Eleições	8	9%
Primeira Guerra	8	9%
Gripe Espanhola	11	12%
Declínio da Gestão e Derrota Eleitoral	9	10%
Total	93	100%

Os resultados encontrados, neste estudo, podem mostrar a utilização da imprensa escrita como estratégia de divulgação da Cruz Vermelha Brasileira, visto que foram 93 notícias publicadas em jornais de grande circulação no Distrito Federal. O jornal diário é um meio de comunicação democrático que conquistou grande parcela da sociedade devido à sua distribuição. Segundo Woitowicz (2015), “o desenvolvimento do jornalismo representa o movimento mais

marcante na área da cultura, com repercussões sobre o comportamento da sociedade”.

O jornal O Paiz apresentava perfil mais conservador, alinhado com a situação e preço de exemplar menos acessível. Ele foi utilizado como ferramenta de divulgação dos atos governamentais, pois foi considerado de apoio incondicional à gestão pública. O Correio da Manhã antagoniza a discussão, pois fazia oposição ao governo, tinha preços módicos, se auto declarava de interesse das classes desfavorecidas, principalmente os operários. A Gazeta de Notícias se assemelhava ao jornal O Paiz, visto que era situacionista, mas se apresentava mais neutro já que não tinha posição declarada de apoio ao governo e conseqüentemente não gozava de concessões dando uma liberdade maior de opinião.

Apesar dos três jornais diários apresentarem notícias sobre a instituição pesquisada, o jornal O Paiz apresentou o maior número de publicações. Das 93 notícias encontradas, 56 foram publicadas neste periódico. As demais, foram distribuídas sem grande diferença, pois 19 foram oriundas do jornal Gazeta de Notícias e 18 do Correio da Manhã. Sobre a distribuição por ano de publicação, o ano de 1918 apresentou crescimento importante até mesmo devido aos acontecimentos mundiais registrados como a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial e pandemia da gripe espanhola.

Em relação ao eixo temático, foi a divulgação dos cursos que aconteciam na Cruz Vermelha Brasileira que deram maior visibilidade à instituição. Como já foi dito anteriormente, a profissionalização do corpo de enfermagem foi uma estratégia adotada pela gestão Thaumaturgo de Azevedo e o fato de 30% das notícias publicadas serem relacionadas a esses cursos só corrobora a inferência a ser discutida.

### **3.5 – Síntese da Seção**

Os resultados encontrados apontaram para 93 recortes noticiosos sobre a Cruz Vermelha Brasileira (1908 1918). Os jornais O Paiz e Gazeta de Notícias foram grandes jornais diários de circulação no Distrito Federal ao apoiarem o governo

republicado de forma recíproca. O jornal Correio da Manhã era do tipo combativo, logo, fazia oposição ao governo com apelo popular.

Apesar de não ter um número expressivo de recortes nos primeiros anos de existência da instituição, houve um aumento de recortes a partir de 1911 quando os jornais O Paiz, Correio da Manhã e Gazeta de Notícias publicaram juntos, quatro recortes noticiosos sobre a Cruz Vermelha Brasileira.

Com a declaração de guerra pelo Brasil em 1917, observa-se que a participação da Cruz Vermelha Brasileira nas folhas dos jornais, apresentaram aumento de 58%. Os anos de 1917 e 1918 juntos apresentaram mais publicações do que todos os anos que os antecederam.

Mas foi em 1918 que a instituição teve maior visibilidade nos jornais do Distrito Federal, pois foi neste ano que o Rio de Janeiro sofreu com a epidemia de gripe espanhola e o Brasil declarou sua participação na Primeira Guerra Mundial, além do final conturbado da gestão de Thaumaturgo de Azevedo que estampou as folhas dos jornais.

Pode-se verificar também que dos três periódicos pesquisados, o jornal O Paiz apresentou maior número de publicações sobre a instituição. A justificativa pode ser dada pelo tamanho do jornal e importância devido à maior tiragem, isto torna O Paiz um veículo de comunicação de longo alcance, além do fácil acesso de Thaumaturgo de Azevedo a este jornal. Sua gestão teve visibilidade na imprensa, principalmente a partir da criação do curso de enfermeiras, mas a Cruz Vermelha Brasileira também foi lembrada pelos jornais nos relevantes acontecimentos daquele período.

Assim sendo, a discussão será dada nas seções seguintes conforme os temas abordados.



## **SEÇÃO 4 – CRUZ VERMELHA BRASILEIRA**

### **4.1 – Introdução**

Nesta seção serão organizados os recortes noticiosos relacionados ao tema institucional. Estes são referentes à Conquista da Sede, Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira e Assembleias e Eleições.

Esses temas são relacionados principalmente ao início de sua gestão e se referem às primeiras iniciativas da Cruz Vermelha no Brasil com o intuito de pôr em vigor a identidade da Sociedade no país.

O eixo temático Assembleias e Eleições trata das reuniões convocadas por Thaumaturgo de Azevedo aos sócios. Nelas, as pautas eram constituídas de apreciações para contratações de empresas para a construção da sede da sociedade, bem como das eleições destinadas à escolha da presidência.

A construção da sede se deu mediante trâmite burocrático, passando pelo recebimento do terreno do antigo Morro do Senado, atual Praça da Cruz Vermelha. Neste, também, foi identificada documentação para a edificação do dispensário escola, aspiração de Thaumaturgo de Azevedo como elemento fundamental para o desenvolvimento da Cruz Vermelha Brasileira, sendo este o eixo denominado Conquista da Sede.

O tema Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira apresenta a escolha dos representantes nos eventos institucionais nacional e internacional, além de elementos para a visibilidade da instituição no sentido da divulgação e difusão à sociedade, especialmente, fluminense.

### **4.2 – Assembleias e Eleições**

O tema trata das assembleias ordinárias e extraordinárias convocadas pela gestão Thaumaturgo de Azevedo para debater assuntos referentes ao seu mandato. Nele, como teremos oportunidade de ler pautas direcionadas às

eleições anuais quando Thaumaturgo de Azevedo apresentava os relatórios de suas gestões e reeleições.

Como sabemos, a Cruz Vermelha Brasileira foi criada em 6 de dezembro de 1908. Contudo, antes uma diretoria provisória foi constituída para as providências cabíveis. Neste sentido, na data de nascedouro, o jornal O Paiz (6 dezembro de 1908, p. 2) trouxe aos seus leitores a comunicação de que existia no Brasil um segmento de uma instituição internacional com estatuto aprovado e eleito presidente por aclamação, Thaumaturgo de Azevedo, na reunião que ficou consagrada como a data de criação da Cruz Vermelha Brasileira (CUNHA; VIEIRA, 2016).

Na ata dessa assembleia (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1908) foi possível identificar a presença do médico sanitário Oswaldo Cruz que declina do cargo de presidente da instituição, mesmo tendo ele ocupado a presidência na diretoria provisória. Assim sendo, Thaumaturgo de Azevedo foi eleito por aclamação pelos 76 membros presentes (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1908). Esta reunião teve duração de duas horas e aconteceu na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro que tinha sede na Praça Quinze de Novembro, Centro do Rio de Janeiro.

Como dito antes, O Paiz não perdeu a oportunidade da cobertura ritualística ao registrar que o Barão do Rio Branco teria sido homenageado com o título de presidente honorário por proposto do consócio Belisário Pernambuco (CRUZ VERMELHA, 1923). No capítulo V, art 54 do Estatuto da Cruz Vermelha Brasileira de 1908 prevê a distinção especial para sócios serem admitidos como presidentes ou vice-presidentes honorários, mas esse título é restrito a Ministros de Estados, senadores e deputados federais (CRUZ VERMELHA, 1923) e Barão do Rio Branco era Ministro das Relações Exteriores.

Foi registrada pela imprensa, a indicação do nome do Barão do Rio Branco para presidente honorário, que se refere a um cargo de homenagem. Pela notícia veiculada pelo jornal O Paiz, a reunião durou 2 horas e aconteceu na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Essa notícia apesar de apresentar tamanho razoável o que pode levar a compreender o texto como destaque no jornal, ela foi publicada na zona morta da folha, isto é, o redator não tinha

intenção de dar destaque ao acontecido apesar do título “Cruz Vermelha Brasileira” em caixa alta. Por outro lado, com a publicação, nos faz remeter a Jobim (2003) ao citar que, quando um fato não é citado pela imprensa é como se ele não tivesse ocorrido. Isto posto, mesmo diante da localização da matéria, ela foi publicada.

Pelo estatuto da CVB, as eleições para a diretoria aconteciam a cada três anos. Para tanto, em 1912, o jornal O Paiz (4 de janeiro de 1912, p. 6) anunciou a reeleição de Thaumaturgo de Azevedo para o conselho diretor com votação aberta para os sócios contribuintes da instituição (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Cabe destacar que eram considerados sócios todo cidadão residente no país sem envolvimento criminal e que solicite proposta assinada por pelo menos um sócio quite. A proposta é encaminhada à comissão de sindicância e discutida na sessão da diretoria da instituição conforme capítulo V, artigo 43 do Estatuto da CVB (CRUZ VERMELHA, 1923). Em levantamento no livro de atas (1908-1917)<sup>8</sup> da instituição, podemos afirmar que nas reuniões para as eleições foram identificados em média 60 presentes nessa categoria.

A trajetória de Thaumaturgo de Azevedo frente a presidência da instituição ocorre até 1918. Contudo, em consulta aos registros das atas não foram identificadas chapas concorrentes no período de 1908-1917, mas na ata de eleição de 1917 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1917a), o sr. Carlos Pereira Leal pediu que as eleições acontecessem à vista de todos os sócios presentes, mas essa sugestão foi negada pela diretoria da instituição e o sr. Leal retira seu nome como candidato e os votos são realizados por cédulas de forma secreta. A partir do relato, pode-se compreender que Thaumaturgo de Azevedo tinha uma gestão satisfatória e que os sócios não tinham intenção de escolher outro presidente até então, mas no caso do sr. Leal, entende-se que alguns sócios lhe tenham prometido o voto, mas não iria cumprir a não ser que fosse em votação aberta. A retirada do nome de Carlos Leal da concorrência à presidência da CVB antes da eleição pode ser a confirmação de que a instituição não tinha intenção de substituí-lo.

---

<sup>8</sup> Atas da sessão de 05/12/1908 pg. 3; 30/12/1915 pg. 10; 16/11/1917 pg. 44

Os registros noticiosos relacionadas às eleições na imprensa referem-se a convites para a participação dos sócios às assembleias, a apresentação do relatório do ano anterior lido por Thaumaturgo de Azevedo e sua reeleição. Contudo, em 7 de outubro de 1914, O Paiz (p. 5) apresentou aos seus leitores a informação que teria ocorrido a eleição da Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira, conhecidas como as Damas da Cruz Vermelha (GEOVANINI; MOREIRA; DORNELLES; MACHADO, 2019).

As Damas da Cruz Vermelha Brasileira surgiram antes da Seção Feminina, visto que as mulheres sócias da instituição assim se denominaram. Thaumaturgo de Azevedo em assembleia (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1917) indicou algumas senhoras para a Comissão de Ensino Prático e outras para a Comissão de Propaganda, ambas comissões supervisionadas por membros da diretoria (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1914) conforme artigo 32 e 34 do estatuto da Cruz Vermelha Brasileira (1923). Esta primeira comissão, ensino prático, teve como tarefa a criação dos cursos de enfermeiras (CUNHA; VIEIRA, 2016). As duas comissões foram reunidas em uma só, elegeram sua diretoria e exigiram o reconhecimento oficial enquanto Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

A eleição para a Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira aconteceu em um dos Salões da Equitativa Seguros que foi cedida por seu presidente, o sr. Carlos Pereira Leal, esposo da presidente eleita da Seção Feminina, Heloisa Loureiro Leal. Após a eleição, as senhoras se encaminharam ao Salão Nobre do Jornal do Commercio, situado na rua do Ouvidor, para preleção do Conde de Affonso Celso. A escolha do Salão Nobre do Jornal do Commercio pode ser justificada pelo fato de que Affonso Celso, sócio fundador da CVB, professor, jornalista e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, era colaborador do jornal e o editorialista, Barão do Rio Branco, presidente honorário da Cruz Vermelha Brasileira. Ao discursar sobre a história da Cruz Vermelha como iniciativa de uma senhora inglesa (O Paiz, 1914, p. 5), tal discurso apresenta certa coerência historiográfica, pois o idealizador da Cruz Vermelha foi Henry Dunant, quando ao observar a falta de assistência aos soldados feridos em guerra, organizou um serviço especializado para atendimento nos campos de batalha (GIGON, 1900), bem como a senhora inglesa citada por ele inferimos

tratar-se de Florence Nightingale, percussora da enfermagem moderna, de fato, contemporânea de Dunant.

O Paiz em 14 de fevereiro de 1917 (p. 4), publicou convocação de assembleia para a eleição de recondução na presidência na CVB de Thaumaturgo de Azevedo, bem como para apresentação do relatório de sua gestão e o relatório de despesas da construção do prédio para sediar a escola de enfermeiras. Neste relatório, informou que foi contratado o arquiteto e construtor Leonídio Gomes. Este contrato está especificado em ata da reunião (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1917, pág. 20) sob o valor de 28:000\$00 para o projeto e mão de obra, pois segundo Thaumaturgo de Azevedo, o material utilizado foi doado por industriais e comerciantes. Ainda na ata desta reunião, Thaumaturgo de Azevedo informou contar com o lucro da venda do Boletim da Cruz Vermelha apesar da dificuldade com a venda, pois consta em ata que o Boletim foi encaminhado para os sócios da instituição para que estes possam adquirir, mas muitos devolveram ficando um estoque de 2800 exemplares. A Cruz Vermelha Brasileira também contava com as vendas do “Livro do enfermeiro e da enfermeira para uso das pessoas que se destinam à profissão de enfermeiro e das pessoas que cuidam de enfermos” de Getúlio dos Santos, 1916, que somente daria lucro após esgotada a edição.

Ressaltamos que este prédio em construção não se trata do edifício sede da Cruz Vermelha Brasileira que hoje existe na praça da Cruz Vermelha, mas de um prédio horizontal onde funcionaria a escola e o dispensário com sua entrada de frente para a rua Prefeito Barata, atual rua Ubaldino do Amaral, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

A Gazeta de Notícias também publicou algumas notas sobre as assembleias e eleições referentes às datações de 1911 e 1917, mas foi em 21 de fevereiro de 1918 (Gazeta de Notícias, p. 4) que o jornal disponibilizou um espaço maior ao tema com a divulgação da cerimônia de posse da diretoria, quando Thaumaturgo de Azevedo foi mais uma vez reeleito. Nela, encontramos também a entrega de diplomas às enfermeiras voluntárias.

A matéria jornalística foi publicada na parte superior direita da folha do jornal acompanhada de imagem de Thaumaturgo de Azevedo, ao lado dos professores do curso, entregando o diploma para uma formanda. Isto se refere a zona primária de leitura, além de ter um fac-símile onde Thaumaturgo de Azevedo, ao lado dos professores do curso, entrega o diploma para uma formanda.

Embora a imagem retratada mostra uma sala de aula e o momento de formatura de alunas do curso de enfermeira, o texto informou também que a reunião se tratava de cerimônia de posse da diretoria da CVB onde Thaumaturgo de Azevedo leu o relatório da gestão anterior. A escolha do momento da entrega do diploma para ilustrar a matéria jornalística, nos remete a Gonçalves (2009) que indica “a imagem como representação do real que pretende ser entendida como tal e não uma mera reprodução”. Isso aponta para o interesse em divulgar a CVB a partir do curso de enfermeiras, pois “a fotografia sempre há uma razão de ser que motivou aquela tomada fotográfica” (MANINI, 2002).

Destacamos que a reeleição de Thaumaturgo de Azevedo em 1917, com posse em fevereiro de 1918, foi a última, o que será discutido em outra seção devido a relevância da temática.

A predominância das matérias jornalísticas publicadas no jornal O Paiz, seja na investigação, seja nas publicações das notícias sobre as assembleias e eleições encontram reflexão quando, em 1916, em uma assembleia (ata de 30 de dezembro de 1915, p. 16) foi aprovado voto de louvor e agradecimento à imprensa por publicar notícias sobre a Cruz Vermelha Brasileira. Isto aponta para aliança simbólica (BOURDIEU, 2004), e sua manutenção de Thaumaturgo de Azevedo com o jornal ao reconhecer e ser reconhecido, o que depreendemos como estratégia para manter as suas relações.

Pensar nesta perspectiva, é entender que cada jornal tem sua linha editorial, logo, também, apresenta a sua verdade dos fatos, pois não cabe

ao jornalista, a escrita da história. Isto implica que, o jornalista é movido pela realidade do “aqui” e “agora”, desde que as matérias não usem de má fé com os seus leitores, de forma distinta do historiador que narra sua versão e interpretação mediante aos documentos consultados (JOBIM, 2003). Desta forma, as notícias veiculadas ao público relatavam os acontecimentos factuais e/ou como diário da vida cotidiana sob o olhar de quem as escreveu, o que merecia a manutenção de boas relações, especialmente, quando ele pautava a instituição.

### **4.3 – Conquista da Sede**

O antigo morro do senado pertenceu às terras de Pedro Dias Paes Leme, engenheiro militar e fazendeiro, mas após sua morte, os herdeiros fizeram a divisão de forma amigável, mas o município desapropriou a região por se tratar de aforamento, concessão de terras públicas à particulares. Esta área recebeu o nome de morro do Senado devido ao interesse do Senado pela sua região e, também, por isso o nome da rua que o tangenciava (rua do Senado). Seu arrasamento aconteceu na gestão do prefeito Pereira Passos para dar continuidade à abertura da rua Mem de Sá (Centro da cidade do Rio de Janeiro). Em 1903, o Decreto n. 4860, de 8 de julho providenciara a encampação das terras pela União (SANTOS, 1943).

Durante alguns anos a prefeitura do Rio de Janeiro e o governo federal teceram discussões sobre o direito de posse dos terrenos, mas a União recebeu o direito de ocupação desta área (SANTOS, 1943). O morro era quase desabitado e um dos motivos para o arrasamento era de argumento sanitário, a preocupação com a circulação do ar e dos “miasmas” (vapores que disseminavam as doenças) (OLIVEIRA, 2019), mas também havia o interesse na venda dos terrenos da região.

Na ata da assembleia de 1911 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1911), Thaumaturgo de Azevedo relatou que foi requerido junto ao governo federal, um terreno no Morro do Senado para a construção de um dispensário escola, mas a resposta a esse requerimento veio por meio da imprensa, quando o jornal O

Paiz (13 de dezembro de 1911, pg. 7) publica a negativa do ministro da Viação e Obras Públicas, José Joaquim Seabra, justificando que os terrenos do antigo Morro do Senado não poderiam ser cedidos gratuitamente, mas na sessão da Câmara dos Deputados de 25 de dezembro de 1911 (Annaes da Câmara dos Deputados, 1915), foi aprovada por votação a cessão de área do terreno no antigo Morro do Senado à Cruz Vermelha Brasileira.

José Joaquim Seabra, ministro da Viação e Obras Públicas, prometeu à Gregório Thaumaturgo de Azevedo a cessão de um terreno nesta região, segundo O Paiz (18 de junho de 1914, p. 2), mas esta cessão não foi possível devido ao interesse com as vendas dos terrenos do antigo Morro do Senado. Visitando a bibliografia de José Joaquim Seabra, pode-se concluir que o mesmo foi professor de Thaumaturgo de Azevedo na Faculdade de Direito de Recife, pois quando o presidente da Cruz Vermelha Brasileira estudou nesta escola, J.J. Seabra era catedrático (COUTINHO, 2015), o que justifica a promessa do terreno gratuitamente apesar da União ter interesse na venda de terrenos do antigo Morro do Senado.

Apesar da posição contraditória de J.J. Seabra, tudo indica que o mesmo tinha interesse em ceder o terreno à sociedade, mas existem conflitos no governo que impediam a entrega do imóvel prometido, já que a União contava com a renda obtida na venda e esses conflitos impedem que a promessa realizada pelo ministro seja cumprida.

A falta de apoio do governo Federal leva Thaumaturgo de Azevedo a escrever uma carta com tom aborrecido ao jornal O Paiz (18 de junho de 1914, p. 2) onde trata da indiferença do governo à sociedade Cruz Vermelha e informou que o terreno prometido pelo ministro da Viação ainda não foi entregue, também relata a negativa do Senado Federal em contribuir financeiramente para a construção do edifício sede da instituição. Esta carta foi resposta a uma coluna publicada no dia anterior sobre a Cruz Vermelha filial de São Paulo, que segundo o redator, era a única Cruz Vermelha no Brasil e parabenizou Maria Renotte pela iniciativa. Maria Renotte foi pedagoga e médica belga radicada no Brasil e uma das fundadoras da Cruz Vermelha filial São Paulo (MOTT, 1999). Esta filial recebeu visibilidade devido ao curso de enfermeiras que foi criado em 1912, anterior ao curso de enfermeiras da Cruz Vermelha - Órgão Central, situado na



cidade do Rio de Janeiro. Por meio da circulação de matérias jornalísticas sobre a Cruz Vermelha Brasileira filial São Paulo, a Cruz Vermelha Brasileira – órgão central também tinha sua imagem fortalecida no sentido institucional (PORTO, CAMPOS, OGUISSO, 2009).

Na ata da assembleia da instituição (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1914), Thaumaturgo de Azevedo relata sua insatisfação com alguns senadores que apesar de pertencerem ao quadro de sócios da CVB negaram auxílio financeiro à instituição para a construção de seu edifício e que apesar do Congresso autorizar que o presidente da República conceda o terreno no antigo Morro do Senado, o então ministro da Viação e Obras Públicas se esquivava da entrega da área, apesar do artigo 68 da Lei n.2544 de 4 de janeiro de 1912 autorizar a entrega de um terreno para a construção da sede da Cruz Vermelha Brasileira.

No governo Venceslau Brás, 1914, o ministro da Viação e Obras Públicas, Augusto Tavares de Lima, solicitou ao ministro da Fazenda uma resposta sobre a entrega dos terrenos do antigo morro do Senado. Esta solicitação foi publicada em 20 de dezembro numa nota voltada para notícias do governo no jornal O Paiz (1914, p. 4), mas sem a devida resposta. Mas somente em 1915, o requerimento encaminhado por Thaumaturgo de Azevedo foi lido na Câmara dos Deputados. Após quatro anos de espera a partir da publicação da lei que autoriza a entrega do terreno, em 1916, a Cruz Vermelha Brasileira finalmente recebeu a cessão da área onde foi construída sua sede definitiva.

A doação do terreno em 1916 pode ser justificada pela iminência da participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial que encontrava seu auge na Europa, além de experiências do governo Venceslau Brás com os movimentos sociais como a Guerra do Contestado em 1915 (FAUSTO, 1995). A guerra do Contestado é considerada pelos historiadores como um dos mais importantes conflitos armados do século XX no Brasil. Este conflito social-religioso aconteceu entre sertanejos que ocuparam as terras da fronteira Paraná-Santa Catarina enfrentam o exército e a polícia militar dos estados com o apoio de alguns fazendeiros locais (CARVALHO, 2009).

Na ata de reunião da Cruz Vermelha Brasileira de 30 de dezembro de 1915 (CRUZ VERMELHA, 1915), foi identificado a participação da instituição em assistir aos feridos neste evento. A ata apresenta a participação da CVB na Guerra do Contestado com o objetivo de arrecadar dinheiro e encaminhar para o ministro da guerra o valor em benefício dos feridos na batalha. Importante destacar que não foi localizado encaminhamento de profissionais para assistência aos feridos, apesar de já haver enfermeiras voluntárias formadas pela Escola de Enfermeiras. O valor arrecadado foi entregue ao ministro da guerra, entendendo que os feridos da qual a instituição pretendia assistir eram os militares do exército, ao invés dos sertanejos porque, inclusive, Thaumaturgo de Azevedo era general do exército.

Em posse da escritura do terreno, a CVB iniciou em janeiro de 1917 a construção de seu edifício. Para tanto, Thaumaturgo de Azevedo precisou ser econômico na construção do prédio, pois a reportagem de 8 de julho de 1916, intitulada “O que tem sido a organização da Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira” publicada no jornal Gazeta de Notícias (1916) relatou dificuldades no recebimento do terreno prometido. Nela, não apresenta o crédito para o jornalista que escreveu, mas foi detalhado as características do edifício a ser construído com dez andares, o maior do Brasil segundo a matéria (p.4). Esta matéria jornalística está localizada na zona morta de visualização da página, o título possivelmente atraía a curiosidade em saber do que se trata, inclusive, dando destaque a Thaumaturgo de Azevedo e suas queixas. A imprensa utiliza imagens, título em caixa alta, letra com fontes maiores que outros títulos e mensagem que traz o interesse do leitor para esta zona de visualização como estratégia, pois não é uma área da folha que retém a atenção (TEIXEIRA, 2011) e a estratégia que a Gazeta de Notícias utilizou foi um título que intriga o leitor.

Talvez Thaumaturgo de Azevedo não tivesse conhecimento da simpatia que o jornal Gazeta de Notícias tinha por ele, pois o mesmo não utilizou esse periódico como poderia, mas a Gazeta de Notícias sempre esteve em sua defesa quando houve oportunidade, como por exemplo, quando Thaumaturgo de Azevedo era comandante da Força Policial do Distrito Federal (1910), este jornal sempre esteve em sua defesa e elogiando sua liderança. Também ficou ao seu lado quando Thaumaturgo de Azevedo e Pedro de Alcântara Bacelar se

consideraram eleitos ao mesmo tempo governadores do Amazonas por diferentes assembleias (1916). Numa reportagem jornalística que cobria a eleição amazonense, o periódico não poupa elogios ao militar:

“só um homem acima das facções, condenados pela opinião pública, e com os brilhantes antecedentes do sr. General Thaumaturgo, podia merecer a confiança geral” (Gazeta de Notícias, 9 de agosto de 1916, p. 2).

Thaumaturgo de Azevedo impetrou com um pedido de habeas corpus ao Supremo Tribunal Federal para tomar posse e foi representado pelos juristas Clóvis Beviláqua e Rui Barbosa. Além de seu advogado, Rui Barbosa era redator-chefe do jornal A Imprensa e Thaumaturgo de Azevedo escrevia sobre as questões do Acre (ALENCAR, 2005). Essa aproximação entre os dois justifica a simpatia da Gazeta de Notícias por Thaumaturgo de Azevedo, pois Rui Barbosa também contribuiu para este jornal.

Em janeiro de 1917, começaram as obras de construção do edifício que funcionou como dispensário médico e escola de enfermeiras, mas em 26 de março de 1917, O Paiz (p. 6) publica uma reunião extraordinária convocada pelo presidente da CVB para submeter à apreciação dos sócios, um empréstimo bancário para concluir a construção do prédio. Na ata da assembleia geral extraordinária de 1917 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1917), Thaumaturgo de Azevedo, coloca para votação a proposta de hipotecar o terreno no antigo Morro do Senado para que possa terminar o pagamento das parcelas referentes à construção do edifício. Thaumaturgo de Azevedo teve apoio de alguns comerciantes e industriais para a aquisição do material de construção, mas os valores arrecadados com a venda dos boletins da Cruz Vermelha não foram suficientes. A proposta de empréstimo foi aprovada pelos sócios presentes de forma unânime, embora não consta em ata, o quantitativo de sócios presentes.

A inauguração do prédio da escola de enfermeiras foi anunciada com antecedência pelo jornal O Paiz, que publicou em 29 de abril de 1917 (p. 4) uma nota da inauguração que aconteceria em 3 de maio de 1917. O Correio da Manhã de 10 de maio de 1917 (p. 6), escreveu uma nota mais singela sobre a inauguração do dispensário-escola e seu funcionamento. Ao contrário dos demais, a Gazeta de Notícias (5 de maio de 1917, p. 3), escreveu uma grande matéria com fotos relatando a inauguração e detalhando o momento da entrega

dos diplomas das enfermeiras profissionais. A primeira imagem que acompanhavam o recorte noticioso retratava o prédio horizontal com o letreiro Cruz Vermelha Brasileira em sua fachada que se encontrava voltada para a rua prefeito Barata, atual rua Ubaldino do Amaral. Esta rua está situada nos fundos do edifício sede da Cruz Vermelha Brasileira, situado na Praça da Cruz Vermelha. A segunda imagem era um fac-símile posado da diretoria da Cruz Vermelha Brasileira em frente ao edifício.

Também foi noticiada pelo O Paiz, uma visita do general Ferreira do Amaral enquanto chefe do serviço de saúde do exército assistindo aos curativos realizados pelas alunas no dia 15 de setembro de 1918 (p. 9) e percorrendo o edifício da Escola de Enfermeiras.

A formação de enfermeiras pela Cruz Vermelha Brasileira trouxe visibilidade à instituição na imprensa escrita e foi utilizando o subterfúgio da escola de enfermeiras que Thaumaturgo de Azevedo conseguiu o terreno que até hoje abriga a sede da instituição. Por esse motivo, na inauguração do edifício que não mais existe atualmente, o presidente da sociedade realizou a formatura da primeira turma de enfermeiras profissionais na mesma cerimônia (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

#### **4.4 – Divulgação da Cruz Vermelha Brasileira**

Desde 1908 até 1918, a instituição participou de Conferências e Congressos encaminhando representantes para se fazer presente. O médico pneumologista Joaquim de Oliveira Botelho, um dos idealizadores da Cruz Vermelha no Brasil, participou do Congresso Internacional de Tuberculose em Roma, em 1911, e em 1913, esta representação ocorreu por Juliano Moreira (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Em 1912, no Congresso Internacional da Cruz Vermelha, em Washington, novamente Thaumaturgo de Azevedo escolheu para a representação Joaquim de Oliveira Botelho. Neste congresso, a Cruz Vermelha Brasileira foi declarada de caráter internacional e reconhecida por todas as nações (MOTT; TSUNECHIRO, 2002).

Apesar das conferências da Cruz Vermelha Internacional acontecerem a cada 4 anos (FANTINATO, 2017), somente foi publicada em jornais (O Paiz, 20 de março de 1912, p. 4) no período estudado a participação da Cruz Vermelha Brasileira na conferência que aconteceu em 1912, Washington, pois em 1916, este evento não foi realizado. É possível fazer essa afirmação porque em 1912 aconteceu a IX Conferência Internacional da Cruz Vermelha em Washington, USA; e em 1920 foi realizada a X Conferência Internacional da Cruz Vermelha em Cannes, França. O argumento para a não realização da Conferência Internacional de 1916, inferimos tratar-se em virtude do período da Primeira Guerra Mundial. O conflito bélico teve seu início em 1914 e a Cruz Vermelha de vários países, principalmente da Europa, encaminharam auxílio para o front. Assim sendo, entendemos que era de maior interesse jornalístico pautar o conflito, até mesmo considerando que a conferência não teria sido realizada em terras europeias.

Em 1915, o jornal O Paiz (30 de novembro de 1915, p. 2) divulgou que Joaquim de Oliveira Botelho juntamente com Antônio Olynto, indicado por Thaumaturgo de Azevedo, iriam representar a Cruz Vermelha Brasileira no Congresso Pan-Americano da Cruz Vermelha, mas não foi encontrado em literatura a realização deste evento. Pelo contrário, a Primeira Conferência Pan-Americana da Cruz Vermelha aconteceu em Buenos Aires no ano de 1923 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

Várias estratégias foram utilizadas por Thaumaturgo de Azevedo para estar sempre presente na imprensa escrita e trazer visibilidade para a instituição. Isso fazia com que ele se mantivesse nas pautas, considerando a aliança estabelecida, o que repercutia o prestígio da instituição dando-lhe holofotes como presidente institucional. Isto se faz claro, quando ele direciona uma carta ao jornal O Paiz (18 de junho de 1914, p. 2) mostrando seu descontentamento com a falta de apoio do governo com a instituição para se avançar nos projetos instituídos.

Nessa carta, ele mostra-se incomodado com uma matéria anterior sobre a Cruz Vermelha filial São Paulo<sup>9</sup>. O jornalista escreveu sobre a filial da instituição como se fosse a única Cruz Vermelha no Brasil e Thaumaturgo contra argumenta a notícia veiculada ao queixar-se da falta de apoio. A falta de apoio relatada por Thaumaturgo de Azevedo trata-se da dificuldade da aquisição do terreno prometido pelo governo federal à instituição e a negativa do senado em auxiliar financeiramente a CVB. Em ata da reunião de 3 de outubro de 1914, Thaumaturgo de Azevedo aponta que dois sócios da CVB ocupam cadeiras no Senado e também rejeitaram o projeto de auxílio à instituição

Apesar do jornal O Paiz possuir uma coluna nomeada “à pedidos” onde eram publicadas cartas de leitores, esta correspondência de Thaumaturgo de Azevedo foi publicada na página que se destinava à política nacional. O tratamento dado pelo jornal O Paiz à carta de Thaumaturgo de Azevedo não foi o mesmo tratamento dado aos demais leitores, o jornal tinha conhecimento da importância política da Cruz Vermelha e de seu presidente que utilizava a imprensa para a divulgação da instituição. Capelato (1988) afirma que os ocupantes de cargo político compreendem a imprensa como aquela com função de “despertar as consciências” e modelá-las, por isso a utilizam e temem, mantendo sobre o veículo de comunicação, uma relação ora adúladora, ora vigilante e punitiva (CAPELATO; PRADO, 1980).

Em resposta à carta de Thaumaturgo, o jornal O Paiz (22 de junho de 1914, p. 1) responde que a CVB é uma organização de iniciativa privada e por isso não deve aguardar apoio do governo, mas também apela para a sociedade por mais contribuição à instituição. É interessante observar a postura do periódico em defender a ausência de apoio federal à CVB apontada pelo seu presidente, visto que se trata de um jornal situacionista, bem como aliançado com o presidente. Por outro lado, as alianças e suas relativizações fazem parte de determinados contratos tácitos, quando envolvem interesses que não sejam bilaterais. Inferimos, para este momento, a possibilidade de algumas fragilidades, mesmo que não claras, mas como indícios de que era preciso tomar atitude e quiçá ter o seu próprio órgão de comunicação com a sociedade, mesmo

---

<sup>9</sup> Esta filial foi criada em 1912 e em seu primeiro ano de existência foi criado o curso de enfermeiras (MOTT; TSUNECHIRO, 2002).

que fosse direcionado aos sócios, dando-lhe independência para informar e ao mesmo tempo publicizar os feitos da CVB.

Em 1916, a Cruz Vermelha Brasileira lança seu primeiro boletim divulgando a gestão do presidente Thaumaturgo de Azevedo e no jornal O Paiz (15 de fevereiro de 1917, p. 6), há a nota sobre a venda deste impresso pela livraria do Liceu de Artes e Ofícios.

Evidenciar a tomada de atitude da CVB em ter seu próprio meio de comunicação, depositamos ter sido uma estratégia pensada ao menos pautada em dois elementos: ter renda com a venda dos boletins e noticiar o que de fato interessa com redação própria do que queriam pautar e pautavam os jornais.

O boletim deu voz à CVB, mas seu efeito esperado não se materializa, pois na ata da assembleia de 8 de fevereiro de 1917 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1917), Thaumaturgo de Azevedo declara que a venda dos boletins não teve êxito ficando um estoque com 2800 boletins sem venda. Os boletins foram encaminhados aos sócios que deveriam comprá-los como auxílio à Cruz Vermelha Brasileira, mas nesta reunião Thaumaturgo de Azevedo relata que houve grande devolução dos boletins por parte dos sócios. Esse boletim foi a única publicação de sua gestão na Cruz Vermelha Brasileira.

Ainda dependente da imprensa local para a divulgação da CVB, o jornal O Paiz (12 de novembro de 1917, p. 1) realiza uma visita ao edifício da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha e dispensário-escola guiada pelo presidente da instituição e algumas senhoras da diretoria. A matéria jornalística se inicia como um tributo ao trabalho voluntário das senhoras da CVB e a importância da força de vontade e bondade da mulher brasileira. Não é de todo compreensível a aliança de Thaumaturgo de Azevedo com o jornal O Paiz, mas pela forma com que este periódico tratou o incidente da derrota eleitoral dele em 1918, fica sugerido de que essa aliança existente entre a Cruz Vermelha Brasileira e o jornal acontecia pela pessoa da senhora Heloisa Leal. Este texto que enfatiza o trabalho das mulheres na Cruz Vermelha e não credita os êxitos ao seu presidente, vem agregar mais suspeitas em relação ao espaço cedido nas folhas do jornal O Paiz. .O tamanho desse registro jornalístico e o fato de ter sido

publicado em primeira página, mostra que a senhora Heloisa Leal, ou talvez seu esposo, Carlos Pereira Leal, gozavam de prestígio e influência.

No carnaval de 1918, o jornal O Paiz (2 de fevereiro de 1918, p. 1) publicou um informativo de que o sr. Chefe de polícia proibia o uso de fantasias com alusão à Cruz Vermelha e bandeira nacional indicando que a CVB atingiu a imagem emblemática de respeito comparável ao pavilhão nacional. Essa imagem foi atribuída à participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, o que trouxe uma visibilidade para a Cruz Vermelha Internacional e conseqüentemente, a Cruz Vermelha Brasileira. Também pode-se atribuir a visibilidade da instituição ao uso da imprensa escrita para noticiar as ações assistenciais veiculadas de modo significativo. Esta visibilidade tinha o objetivo de atrair mais interessados na proposta humanitária da sociedade (PORTO; CAMPOS; OGUISSO, 2009).

Ainda em 1918, o presidente da instituição publicou no jornal O Paiz (17 de setembro de 1918, p. 10) sobre a proibição do uso do símbolo da Cruz Vermelha e solicitou às autoridades que fosse cobrado multa para o uso, mas o ministro da Fazenda respondeu que por se tratar de instituição privada e não vinculada ao governo, não podia tomar as medidas, e publicou a negativa no jornal O Paiz (12 de setembro de 1918, p. 3). Por iniciativa própria, Thaumaturgo divulgou o nome dos estabelecimentos que usavam indevidamente a cruz vermelha sobre fundo branco exigindo a alteração dos logotipos no jornal O Paiz (17 de setembro de 1918, p. 10). Era o presidente da CVB reafirmando o símbolo e a identidade da instituição internacional.

Apesar da negativa de apoio do governo federal, o decreto 2.380 de 1910 assinado pelo presidente Hermes da Fonseca trata das sanções cabíveis ao uso indevido do símbolo da sociedade. Por este decreto, a utilização da cruz vermelha sobre fundo branco sem a autorização competente incide em multas de 100\$ a 500\$ a favor da Cruz Vermelha Brasileira, além da destruição do material apreendido.

Mais uma vez, Thaumaturgo de Azevedo não encontrou no governo federal a parceria necessária para o despontar da Cruz Vermelha no Brasil. Na 9ª assembleia geral (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1918) ocorrida em 20 de



fevereiro de 1918, Thaumaturgo de Azevedo realizou uma comparação entre a Cruz Vermelha americana e a brasileira. O presidente da Cruz Vermelha americana fez publicar em todos os jornais do mundo que até o final de 1917, a instituição alcançaria o número de dez milhões de sócios enquanto a Cruz Vermelha brasileira somava 548. Esses números confirmavam o quão lento estava o crescimento da sociedade no Brasil.

#### **4.5 – Síntese da Seção**

Como exposto, Thaumaturgo de Azevedo utilizava a imprensa escrita para a divulgação da instituição, mas a imprensa nem sempre lhe servia de porta voz do seu trabalho. Com isso, ele resolve ter voz própria sem precisar de mediador e lançou o boletim da Cruz Vermelha Brasileira, mas esta publicação não trouxe os ganhos financeiros que esperava e continuou a utilizar os periódicos de larga distribuição.

Desde sua posse em dezembro de 1908 por aclamação em reunião que ficou definida como a data de criação da Cruz Vermelha no Brasil até a eleição de dezembro de 1917, Thaumaturgo foi reeleito após apresentar seu relatório anual em reuniões que utilizavam os jornais para convocar os sócios a comparecer. Essa utilização dos periódicos para os informes da instituição também criava uma relação de testemunho da falta de apoio do governo com a Cruz Vermelha, já que o jornal também era usado como instrumento de comunicação da CVB.

Todo o trâmite burocrático que a cessão do terreno da instituição sofreu foi acompanhado de perto principalmente, pelo jornal O Paiz. Até o momento da oficialização da doação, a CVB utilizou de edifícios das instituições afins para seus eventos e aulas dos cursos de enfermagem, mas Thaumaturgo de Azevedo sabia da necessidade de uma sede própria o quanto antes. A sede ficou instalada provisoriamente no prédio da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha que foi erguido anteriormente. Neste edifício horizontal cuja inauguração foi divulgada na imprensa escrita, contava também com um dispensário para atendimento aos mais carentes e também para as aulas práticas dos cursos que ali eram ministradas. Este edifício era tratado como sede provisória, o que indica

o interesse do presidente da instituição em construir um outro edifício que serviria de sede definitiva.

Thaumaturgo de Azevedo entendia a necessidade de divulgação da instituição e indicou o secretário geral da CVB para representar a sociedade em eventos internacionais. Também foi em sua gestão, a primeira participação do Brasil no 9º Congresso Internacional da Cruz Vermelha que aconteceu em Washington, 1912. Devido ao conflito de guerra ocorrido entre 1914 e 1917, o 10º Congresso Internacional da Cruz Vermelha não aconteceu após 4 anos, existindo uma lacuna de 8 anos entre um congresso e outro.

As atas de reuniões e as cartas publicadas nos jornais mostram a dificuldade que Thaumaturgo de Azevedo encontrava em convencer a sociedade da necessidade de uma instituição como a Cruz Vermelha em tempos de paz. Este estudo deixa pistas de que a visibilidade da instituição devido à Primeira Guerra Mundial permitiu o alcance de alguns êxitos como por exemplo, receber o terreno prometido.

## **SEÇÃO 5 – ENSINO**

### **5.1 – Introdução**

A formação de enfermeiras da Cruz Vermelha foi uma estratégia de divulgação da instituição no Brasil voltada para o mundo, o que justifica estar concentrado nesta seção, considerando a maior quantidade de publicações na imprensa da época.

Para tanto, organizamos a seção com a documentação necessária dos jornais, relatórios e contextos em três momentos, a saber:

- Curso de Enfermeiras Voluntárias
- Curso de Enfermeiras Profissionais e Escola Prática de Enfermeiras
- Curso de Padioleiros

Ao final da seção apresentamos a síntese com as ideias principais a partir das análises e discussões realizadas.

### **5.2 – Curso de Enfermeiras Voluntárias**

O curso de enfermeiras voluntárias na CVB foi criado em 1914, no início da eclosão da I Guerra Mundial. Os estudos publicados por Batista e Barreira (1997), Neto (2011) e, Porto e Amorim (2010) entre outros relatam que o curso de enfermeiras foi criado a partir da iniciativa das damas da Cruz Vermelha, a publicação do Correio da Manhã de 21 de julho de 1911 (pg. 4) da carta que Thaumaturgo de Azevedo encaminhou aos governadores solicitando auxílio para a criação de um dispensário-escola na capital federal, mostra que o desejo de criar o curso era um desejo de Thaumaturgo de Azevedo desde 1911.

A matéria jornalística tem, em síntese, por conteúdo o pedido de auxílio aos governadores para a fundação de um dispensário-escola no Rio de Janeiro e também a contribuição para a criação de associações filiais em todos os estados do país. Em resposta, recebeu um ofício do presidente de Minas Gerais,

Júlio Bueno Brandão, comunicando que tomará todo o interesse para que a solicitação seja atendida.

Esse dado ao ser triangulado com a referência do Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923) não confere, bem como as bibliografias já citadas. Contudo, a nota leva a acreditar o interesse em cursos de formação de enfermeiras para o conflito bélico anterior à solicitação da seção feminina conhecida. Isto implica que na obra institucional, detalhamento como o encontrado, dificilmente, seria relatado. Considerando que livros como este apresenta os grandes feitos; por outro lado, não identificar este tipo de detalhamento nas bibliografias citadas, depositamos que os pesquisadores não tiveram acesso à matéria jornalística, em apreço.

Por outro lado, a ata da reunião de 30 de dezembro de 1911 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1911) confirma o encaminhamento do ofício por Thaumaturgo de Azevedo aos governadores e na ata de 3 de outubro de 1914 (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1914), Thaumaturgo de Azevedo designa trinta senhoras sócias da instituição para a composição da Comissão de Ensino Prático e Publicidade.

Pensar nessa perspectiva, requer, de fato entender que a história se encontra em permanente construção. Portanto, não queremos com isto afirmar, mas sim, trazer à baila mais informações como indícios dos fatos/acontecimentos que contribuem com o avanço da história da enfermagem.

Após três anos da publicação (Correio da Manhã, 21 de julho de 1911, p. 4), o presidente da CVB demonstrou interesse em realizar cursos na instituição, esse interesse foi publicizado no Correio da Manhã com datação de 15 de agosto de 1914 (p. 3) ao citar que o modelo de formação já ocorria em diversos países. Apesar de se tratar de um suelto, a localização dá destaque, pois está publicada na zona primária de leitura.

Cabe destacar que na filial São Paulo da Cruz Vermelha Brasileira, o curso para formação de enfermeira existia desde 1912 (MOTT; TSUNECHIRO, 2002). Depositamos aqui a articulação da notícia do Correio da Manhã, 21 de julho de 1911, no sentido que o jornal tinha alcance para fora do Rio de Janeiro como protagonista na imprensa, conforme depoimento de Ruy Castro, jornalista

(CASTRO, 2001). Isto nos leva a inferência que como o órgão central da CVB, no Rio de Janeiro, careceu de atitude a filial São Paulo tomou a iniciativa, talvez, despertado pela matéria e visão futurista, especialmente, liderado pela médica Maria Rennotte.

A seção feminina do órgão central da CVB, no Rio de Janeiro, em reunião realizada em setembro de 1914 declarou que sua próxima atividade seria a criação do curso de enfermeiras voluntárias. Esta informação foi noticiada pela Gazeta de Notícias de 5 de setembro de 1914 em forma de suelto na região do centro ótico da folha da página 3 do jornal.

No dia 14 de setembro do mesmo ano, a Gazeta de Notícias publicou a informação de que a seção feminina se reuniu para informar que, o curso teórico e prático do curso de enfermeiras voluntárias seria realizado no Hospital Militar. Em consulta na ata da reunião de 3 de outubro de 1914 do livro institucional, encontramos o relato de Thaumaturgo de Azevedo ao informa que recebeu autorização do ministro da guerra para que a CVB utilizasse o Hospital Militar do Exército para as aulas do curso de enfermeiras voluntárias.

Como sabemos, a I Guerra Mundial teve sua eclosão oficial em 1914 com sua divulgação na imprensa brasileira. Mediante a difusão das notícias, a imprensa direcionou os olhares para o curso de enfermeiras voluntárias. Isso implicou, em menos de um mês, matérias e anúncios sobre ele nos jornais O Paiz, Gazeta de Notícias e Correio da Manhã, inclusive, no mesmo dia da inauguração, em 6 de outubro de 1914. O início das aulas aconteceu pouco tempo após a criação, porque a turma já estava formada pelas senhoras que compunham a Diretoria da Seção Feminina com 18 inscritas<sup>10</sup>, com ritualística inaugural pelo Conde de Afonso Celso, apresentado na seção anterior.

As aulas do curso se alternavam entre o Hospital Central do Exército, no bairro de Benfica, Rio de Janeiro e o salão da Equitativa, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Uma notícia publicada em 29 de novembro de 1914 (O Paiz, p.

---

<sup>10</sup> As inscritas foram Condessa de Souza Dantas, Miranda Jordão, Luzia de Mattos Bandeira, Henriqueta Capanema, Idalia de Araujo Porto Alegre, Rosa Lage Braga, Helena Souza Lage, Maria Eugenia Celso, Maria Bonjean, Maria Luiza A. Neves, Carneiro da Rocha, Judith Jitahy Alencastro, Heloiza Loureiro Leal, Annie Illot, Katie Uslannder, Helena Lima e Silva, Ruth Heintz e Castro Silva (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923).

5) informava que o curso de enfermeiras voluntárias apresentava grande procura por parte das senhoras da sociedade da capital. A matéria jornalística foi publicada numa coluna social com o título Conferências. Ademais, elogiava a CVB pela iniciativa do curso e informava que a próxima aula aconteceria no dia seguinte a ser realizada no Hospital Central do Exército.

Cabe destacar, que a imprensa ao elogiar a iniciativa, deixa transparecer de forma protocolar, considerando que a iniciativa e a preocupação com a saúde pública ocorreram na filial São Paulo (1912). Por outro lado, a iniciativa do órgão central da CVB precisava ser destacada, considerando o efeito de lugar (BOURDIEU, 1997) como da capital federal, cujos olhares internacionais a ela eram dirigidos, bem como podemos citar que notícia precisava ter articulação direta com as circunstâncias contextuais, pois a noticialidade de um fato é de interesse proporcional aos meios de produção industrial das notícias (MOUILLAND; PORTO, 2002). Logo, inferimos que os fatos/acontecimentos são veiculados mediante os interesses internos e externos na perspectiva da comercialização para visar o consumo direcionado ao leitor.

Em 1915, a matrícula para o curso de enfermeira voluntária acontecia na farmácia Orlando Rangel, centro da cidade do Rio de Janeiro, sendo seu proprietário também tesoureiro da instituição. Contudo, haviam dimensões diferentes entre as imprensas que publicaram, a saber o jornal O Paiz publicou notas com as inscrições e os locais de aulas como um informativo na publicação de 19 de outubro de 1915 (p. 4), a Gazeta de Notícias matéria jornalística na segunda página do jornal do dia 22 de outubro de 1915 com informações mais detalhadas sobre o curso como, por exemplo, as disciplinas a serem ministradas e locais de estágio. Havia também uma nota (redação do jornal) no final da matéria informando que as instituições de saúde que firmarem acordo com a CVB, seriam utilizadas como campo de prática para aplicar o conhecimento de enfermagem

Ressaltamos, nesse momento, a observação que a temática sobre o ensino das enfermeiras, o jornal O Paiz dava pouco destaque, considerando a temática institucional sobre o movimento político, administrativo apresentado na seção. Isto nos chama a atenção, considerando a articulação e inferência do apoio desta imprensa à CVB. Contudo, até o momento não temos como construir

considerações acerca do assunto, mas chamamos a atenção para o desenrolar da narrativa histórica.

Apesar da guerra assolar a Europa e, o Brasil se manter em neutralidade, as notícias de participação da Cruz Vermelha Internacional no conflito bélico chegava pelos jornais brasileiros. Na época, a sociedade era a única ação humanitária autorizada a trabalhar nos campos de guerra e por isso, a instituição no âmbito internacional, tomadas de decisão eram materializadas e o país recebia os ecos (HISAMOTO, 2012), o que inferimos como sendo certa provação ou até mesmo chamada de atenção para se prepararem, o que a CVB encontrava em destaque na formação de enfermeiras (PORTO; SANTOS,2006).

### **5.3 – Curso de Enfermeiras Profissionais e a Escola Prática de Enfermeiras**

A primeira notícia sobre o curso de enfermeiras profissionais ocorreu no jornal O Paiz em 21 de março de 1916 (p. 8) com o título “Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira”. A matéria informava que a inauguração em sessão aberta pelo presidente, mas quem discursou foi o professor e diretor do curso de enfermeiras, Getúlio dos Santos, capitão médico do exército. O jornal Correio da Manhã publicou que o curso era uma sequência do curso de enfermeiras voluntárias, com o título “Escola Profissional de Enfermeiros” (2 de maio de 1916, p. 3).

As informações nos dois jornais para um leitor desavisado tornavam-se, possivelmente, confusa. Um apresentava ao leitor se tratar de uma escola e o outro, um curso que se desdobrava em outro. Estudos de Neto (2011) e Mott e Tsunehiro (2002) esclarecem que o Curso de Voluntárias nasce mediante a necessidade do contexto da I Guerra Mundial e o de profissionais no sentido e inserir a mulher no mercado de trabalho no campo da saúde, considerando até que alguns docentes eram proprietários de instituições com este fim, como o médico Estellita Lins (VERALDO, 2013).

Em 1916, com a criação do curso de enfermeiras profissionais, a instituição cria a Escola Prática de Enfermeiras da CVB – órgão central – para abrigar os dois cursos – voluntárias e profissionais.

A criação da Escola Prática de Enfermeiras com os dois abrigados havia distinções de conteúdos e signos para marcar e demarcar. Em síntese, as enfermeiras do curso de voluntárias ostentavam uniformes distintos das profissionais com um elemento de destaque na indumentária. As voluntárias usavam véu e as profissionais gorro, bem como o tempo de duração de 1 ano para voluntárias e 2 anos, profissionais (PORTO, 2007).

O primeiro recorte noticioso sobre essa escola foi identificado em 22 de outubro de 1915 (p. 2), quando o jornal Gazeta de Notícias publicou em uma coluna na área central da página com os temas das aulas e uma nota no final da redação informando sobre a garantia do estágio.

Em 21 de março de 1916 (p. 8), o jornal O Paiz publicou uma nota que informava a inauguração da Escola Prática de Enfermeiras no dia anterior (20 de março de 1916) em região central da folha do jornal e com a informação de que 16 eram as inscritas no curso.

O jornal Correio da Manhã publicou em 2 de maio de 1916 (p. 3) a inauguração da escola, mas dispôs de uma matéria jornalística que tratava da importância do curso de enfermeiras profissionais para a sociedade, cuja renda trazia para as famílias carentes e com relevo de que elas eram primordiais, considerando que o país era carente de profissionais formadas. Ademais, chamava a atenção que a CVB se mostrava tardia na iniciativa em comparação com outras instituições internacionais.

Ao triangularmos as três matérias jornalísticas, todas destacam a criação da Escola Prática de Enfermeiras. Contudo, pelo conteúdo apresentado, o jornal Correio da Manhã de posição de linha editorial sem comprometimento partidário traz a crítica que merece destaque para a narrativa histórica.

O jornal O Paiz (posição situacionista) e Gazeta de Notícias (posição situacionista) apresentaram as matérias na modalidade descritivas sobre os cursos e a escola criada. O jornal Correio da Manhã destacou a importância da



formação, mas apresenta argumentação social, econômica e educacional articulados. Isto é relevante para além do que os demais ofereciam aos seus leitores, lembrando a condição social da mulher na década de 1910 na capital do Brasil.

Argumentamos o dito em virtude que a notícia do jornal Correio da Manhã ganha certo estatuto de um “novo real”. Este apresenta significação em prol da recriação da realidade estabelecida, o que aproximava o leitor da representação da realidade vivida (MOUILLAND; PORTO, 2002). Em outras palavras, a notícia trazia a possibilidade da construção de seu próprio sentido, o que circunstanciava o contexto sociocultural para além do Rio de Janeiro pela amplitude do periódico.

No ano seguinte (1917), o jornal O Paiz publicou nota no dia primeiro de março de 2017, com localização ao centro da página (p. 3), informando o início das aulas com 24 mulheres inscritas e, em 20 de abril de 1917 (p. 4), veícula em suas páginas, nota sobre a exposição de um quadro com os retratos das enfermeiras diplomadas<sup>11</sup> da CVB.

Em novembro de 1917, o jornal O Paiz lança três matérias contraditórias com o objetivo de divulgação do curso de enfermeiras. A primeira matéria no dia 3 de novembro de 1917 (p. 2), apresentava um apelo da CVB para que as mulheres se inscrevam no curso de enfermeiras; a segunda, datada de 7 de novembro de 1917 (p. 2), relatava enorme procura aos cursos de enfermeiras devido à declaração de guerra por parte do Brasil e que a instituição estava providenciando estoque de roupas e tecidos para curativos para encaminhar à Europa, e a terceira publicada em 13 de novembro de 1917 (p. 6) com a informação de que a grande procura das mulheres para os cursos de enfermeiras e atelier de costura e relatou que algumas alunas do curso de enfermeiras voluntárias fazem parte da Diretoria Feminina.

---

<sup>11</sup> Elemento que chama a atenção é a expressão “enfermeiras diplomadas”. Isto se deve em virtude da aplicação de que na década de 1920 a expressão era usada pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual Escola de Enfermeiras Anna Nery. A expressão foi cunhada na CVB para identificar as enfermeiras profissionais por ela formada como mais uma distinção das voluntárias (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923)

Ao triangularmos as três matérias, é possível de se identificar que há contradição entre elas, a saber a primeira notícia se trata de um apelo à mulher brasileira para que se inscreva no curso de enfermeiras da CVB levando o leitor a entender que as inscrições não têm muita procura, mas as duas seguintes relatam a grande procura pelo curso por parte das senhoras, não sendo necessário estimular as inscrições.

Até outubro de 1917, o Brasil se manteve neutro na guerra que assolava a Europa, mas em 26 de outubro, o presidente Venceslau Brás declara guerra contra a Tríplice Aliança depois de navios brasileiros serem torpedeados na costa do Mediterrâneo (FAUSTO, 1995). Um dia antes (25 de novembro de 1917), o Correio da Manhã (pg. 2) informa que o curso de enfermeiras voluntárias se encontrava com férias suspensas e publicou as inscrições para o curso de padioleiros. Pensar que a notícia um dia antes do Brasil declarar sua inserção na I Guerra Mundial não parece coincidência ou sintonia com a CVB. Argumentamos que o ocorrido poderia ser de conhecimento da instituição, considerando que o presidente e outros membros, eram militares, mesmo sem termos materialidades, inferimos que a sociedade de forma direta tomou as providências necessárias ao alinhamento dos interesses do país.

Ressaltamos que o curso de padioleiros, este será abordado mais adiante, ainda nesta seção.

Em 1918, Thaumaturgo de Azevedo, como era comum, o presidente da CVB participava dos eventos e como não poderia ser diferente, da formatura das enfermeiras, sendo a última ritualística antes do seu declínio na gestão da presidência da instituição.

O jornal Gazeta de Notícias (21 de fevereiro de 1918, p. 4) publicou na zona primária de leitura da folha do jornal com o título “Cruz Vermelha Brasileira”. A matéria apresentava o nome das formandas, por ano de ingresso ao curso e com o presidente fazendo a entrega dos diplomas às enfermeiras. Ademais, o conteúdo citou que o gestor entregou o relatório do ano anterior e foi a posse da sua reeleição.

Registros noticiosos que tangenciaram o ensino, também eram veiculados na imprensa, por exemplo, o falecimento da estudante de enfermagem Maria dos

Anjos Santa Anna de *coma diabético*<sup>12</sup>. Ela teria sido atendida na instituição, por se tratar de aluna e o fato foi noticiado pelo jornal O Paiz (3 de maio de 1918, p. 4) e pela descrição da notícia, se tratava de uma senhora humilde que já trabalhava com os cuidados de enfermagem, mas não era diplomada<sup>13</sup>. Seu corpo foi conduzido até o *coche*<sup>14</sup> por Thaumaturgo de Azevedo, Getúlio dos Santos e Estellita Lins, todos ocupantes de cargo de direção da instituição. Este mostrava que a CVB dava tratamento diferenciado às suas alunas visto que ela teve seu corpo conduzido como se fizesse parte da diretoria da sociedade.

Um outro óbito foi por gripe espanhola, a aluna Cherubina Angélica Guimarães que trabalhou na assistência aos portadores de gripe espanhola por dois dias, adoecendo logo depois. Esta notícia de página 4 do jornal O Paiz foi publicada em 30 de outubro de 1918 no centro ótico da folha, uma área de atração natural, com o título “Os Socorros nos Hospitais e Postos”, a informação da morte da estudante estava entre outros fatos noticiados sobre a Cruz Vermelha Brasileira e sua atuação na epidemia da gripe espanhola.

A publicação na imprensa de óbito, a princípio anônimas, inferimos evidenciar a representação de que a CVB não se tratava apenas de uma instituição com princípios e oriunda de matriz internacional. Em outras palavras, publicizar à sociedade as atitudes institucionais era muito mais do que poderia parecer, ao veicular a matéria os princípios idealizados se materializavam na forma de notícia, dando aos leitores a credibilidade da realidade vivenciada, bem como em linguagem apropriada, como politicamente correta (MOUILLAND e PORTO, 2002).

Isto posto, é que ocorria publicação de carta na forma de agradecimento na imprensa (Correio da Manhã, 5 de outubro de 1918, p. 6). Esta era oriunda de um portador da doença Antraz tratado e cuidado em uma enfermaria da CVB, tendo no conteúdo elogio aos curativos feitos pelas enfermeiras, pois caso contrário ele acreditava não ter sobrevivido.

---

<sup>12</sup> Como redigido na nota do periódico

<sup>13</sup> Entende-se que o jornal tinha o objetivo de informar que a aluna não tinha concluído o curso de enfermeira

<sup>14</sup> Carruagem fechada

Pensar nessa perspectiva, refletia o prestígio da CVB e ao mesmo fazia circular informações dos benefícios, atitudes, seguindo os preceitos idealizados da instituição. Dito de outra maneira, a instituição não tinha apenas estatutos e princípios, as letras se materializavam em atitudes e condutas pelos representantes e associados da instituição.

#### **5.4 – Curso de Padioleiros**

Como relatamos em parágrafos anteriores, chegou o momento sobre o curso de padioleiros veiculado no Correio da Manhã (25 de novembro de 1917, p. 2), quando informou sobre a inscrição dos interessados. Neste recorte, as exigências para frequentar o curso é ser maior de 21 anos, saber ler e escrever, vacina contra a varíola e não ser portador de doenças crônicas, contagiosas ou deficiência física. Ainda é informado que o curso será ministrado no horário da manhã dos dias úteis e o professor será um médico militar.

Essa iniciativa foi pioneira na criação do curso de padioleiros pela Cruz Vermelha no Brasil no final de 1917 com a participação do Brasil na I Grande Guerra, por meio da iniciativa de Thaumaturgo de Azevedo, ao organizar os ensinamentos destinados para os homens de poucos recursos. No jornal O Paiz (5 de dezembro de 1917, p. 9) foram publicadas notas sobre as inscrições e exigências para o curso.

Curiosamente, não houve mais notícias de jornais sobre este curso até dezembro de 1918 e nos livros e atas institucionais também sem menção sobre a existência de turmas. Contudo, encontramos um quadro de formandos que aponta para a materialização do curso.

Figura n. 5 - Quadro de Formandos de Padioleiros



A foto é oriunda do acervo da Cruz Vermelha Brasileira – órgão central – no Rio de Janeiro, sobre a formação de padioleiros que coaduna com os registros noticiosos e podemos articular com a assertiva de Getúlio dos Santos (1928), no sentido de que os padioleiros eram instruídos em relação aos socorros de urgência.

O quadro de formação do Curso Prático de Enfermeiros e Padioleiros se refere à Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul formados em 1917. Ele é composto ao centro de um grupo de sete homens, seis em trajes militares e um, social, tendo acima da imagem, o título “professores do curso”, mas sem os nomes retratados; abaixo a imagem de acampamento, tendo uma bandeira de fundo claro e ao centro o símbolo da cruz; nas laterais oito retratados dos formandos em trajes militares com descrição da patente de soldado a cabo.

O sítio eletrônico da brigada militar<sup>15</sup> informa que Thaumaturgo de Azevedo entrou em contato por carta com Affonso Emilio Massot, comandante geral da brigada militar em setembro de 1918, para solicitar a ementa do curso e o modelo dos certificados. O jornal O Povo (22 de setembro de 1918) relatou que o comandante estava providenciando com brevidade a solicitação do presidente da CVB.

Reconhecemos que carece de mais dados para a construção de alguma assertiva, mas não podemos descartar que ter notícias sobre o curso de padioleiros, a busca de Thaumaturgo de Azevedo por modelos de formação para referenciar parecem dialogar, ao menos como indícios sobre o seu funcionamento. Seja como for, deixamos aqui uma lacuna a ser preenchida por outros pesquisadores.

## 5.5 – Síntese da Seção

O curso de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira trouxe visibilidade para a instituição e a I Guerra Mundial foi a argumentação certa para chamar a atenção em prol da CVB com ênfase para o campo da saúde na temática da enfermagem. Os cursos foram criados exatamente com o eclodir da guerra que assolou a Europa. Em 1914, foi criado o curso de enfermeiras voluntárias por solicitação das Damas da Cruz Vermelha, que constituíam a Seção Feminina da instituição, apesar dos indícios mostrarem que já era um objetivo de Thaumaturgo de Azevedo. Em 1917, foi criado o curso de enfermeiras profissionais, tendo por distinção que o primeiro tinha objetivo de formar senhoras para o front e o segundo, para ocupar o espaço profissional com o intuito de colaborar com a renda familiar.

A imprensa fluminense divulgou os cursos com informações sobre inscrições, público-alvo e até as disciplinas ministradas para que atraíssem o máximo de inscritas possível.

Ademais, um curso de padioleiro foi apontado com indícios de funcionamento, mas que a imprensa não deu destaque na sequência dos

---

<sup>15</sup> [http://aambm.org.br/sblog\\_haumseculo.php](http://aambm.org.br/sblog_haumseculo.php)

documentos consultados, podendo, quiçá ter ocorrido tempos mais tarde com mais vigor. Seja como for, ratificamos que deixávamos o assunto para outros pesquisadores interessados na formação do campo da saúde.

## **SEÇÃO 6 – Cruz Vermelha Brasileira e o Brasil**

### **6.1 – Introdução**

Em seus dez anos de existência a Cruz Vermelha Brasileira não tinha mostrado ainda sua utilidade ao país por se tratar de um país não beligerante. Mas foi no final da gestão de Thaumaturgo de Azevedo que esse cenário toma um novo rumo. O Brasil declara guerra em 1917 após ter seu navio torpedeado por alemães, e por isso se junta aos Aliados na Primeira Guerra Mundial.

Mas antes mesmo do Brasil declarar guerra, as notícias dos combates europeus chegavam na imprensa brasileira e Thaumaturgo de Azevedo utilizou a imprensa para divulgar a Escola de Enfermeiras como formadora de mão de obra para o front.

Além da Primeira Guerra Mundial, a chegada da gripe espanhola que dizimou parte da população brasileira foi o palco para a CVB mostrar sua importância em tempos de paz. Thaumaturgo de Azevedo, a pedido de Getúlio dos Santos, diretor da Escola de Enfermeiras, adaptou as salas de aulas para se tornarem enfermarias.

Esta seção apresenta essas duas iniciativas que trouxeram visibilidade à gestão de Thaumaturgo de Azevedo na sociedade e foram acompanhadas pela imprensa carioca.

### **6.2 – Primeira Guerra Mundial**

A Primeira Guerra Mundial teve início em julho de 1914 tendo como estopim, o assassinato do arquiduque, herdeiro do trono austríaco, Francisco Ferdinando em visita à Sarajevo, Bósnia. A guerra envolveu dois blocos de aliança militar: a Tríplice Aliança: Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano e a Tríplice Entente: Itália, Grã-Bretanha e França (MARTIN, 2017). Este combate durou quatro anos e após o torpedeamento de navios brasileiros pela Alemanha, o Brasil declarou guerra em outubro de 1917, em apoio à Tríplice Entente.



Desde o início da guerra (1914) até o mês de abril de 1917, os recortes noticiosos sobre a CVB se limitavam ao ensino direcionado às enfermeiras. Contudo, o jornal O Paiz em abril daquele ano publicou dois recortes noticiosos.

O primeiro, publicado em 13 de abril de 1917 (p. 3). Ele trazia o conteúdo de pedidos de doações para a Cruz Vermelha e convite para as senhoras participarem do curso de primeiros socorros como forma de contribuir para a guerra, bem como a criação da instituição, suas conquistas e informa que o curso de primeiros socorros terá a atenção da CVB devido à guerra. Este localizado na zona primária da folha, logo uma área nobre na página de um jornal.

O segundo recorte noticioso, com datação de 14 de abril de 1917 (p. 3), trata-se de uma nota informativa que uma senhorita chilena telegrafou à Cruz Vermelha americana ao se oferecer como voluntária à CVB. Esta publicação ocorreu na região central da folha do jornal.

Fato interessante é identificar duas ocorrências seguidas, após algum tempo de silêncio; por outro lado, a temática da guerra coadunava com a visibilidade em prol da CVB.

Outro dado que chama a atenção refere-se à publicação com data de 14 de abril de 1917 sobre o voluntariado de uma chilena destinado à CVB. À época, o Chile manteve-se em neutralidade, o que justificaria o pedido de voluntariado, mas o Brasil até aquela data também tinha a mesma posição chilena. Isto traz algumas hipóteses, uma delas é que, de fato, tenha existido o telegrama e por motivos adversos o jornal O Paiz aproveitou para dar destaque do valor da CVB articulado ao voluntariado feminino. Seja qual tenha sido o motivo, investigação faz necessária, mas deixamos este caso para outros pesquisadores, no entendimento que o registro, aos olhos do leitor, depositava credibilidade pelo trabalho que a CVB vinha desenvolvendo, inclusive com repercussão internacional.

O nome da Cruz Vermelha foi tão associado ao trabalho em guerra, que em novembro de 1917, o presidente Thaumaturgo de Azevedo emitiu duas notas no jornal O Paiz (5 de novembro e 10 de novembro, p. 2 e 3, respectivamente). Estas registravam agradecimentos à liga dos operários e ao Centro da Industria

de Calçados e Comércio de couro por doações recebidas em nome dessas entidades.

O jornal O Paiz e a Gazeta de Notícias, em março de 1918, com os títulos “Uma Oferta da Cruz Vermelha Brasileira” (7 de março de 1918, p. 2 e 3, respectivamente), publicaram o agradecimento do ministro da Marinha pelo estoque de roupas e tecidos para curativos oferecidos pela Cruz Vermelha Brasileira. Este estoque foi destinado aos soldados brasileiros feridos em combate.

Registra, publicamente, agradecimento pode ter alguns entendimentos. O primeiro, referenciar a ajuda e/ou gratidão pelo ato, bem como se evidenciar, mostrar e publicizar, até mesmo ambos os sentidos. Isto nos remete ao objeto que tem o meio de comunicação, o que implica em dar foco ou não de acordo com os interesses envolvidos. Como já vimos anteriormente, fortes indícios do apoio do jornal O Paiz à CVB era público, inclusive com agradecimento do presidente da CVB, mas que no decorrer do tempo o jornal Gazeta de Notícias vinha “com certa frequência” publicando fatos/acontecimentos da instituição. Registramos isto aqui para desdobramentos mais adiante.

A participação da Cruz Vermelha Brasileira na Primeira Guerra não está clara. Porém, em 19 de agosto de 1918, o jornal Correio da Manhã (p. 3) publicou que havia ocorrido a partida da missão médica com destino à Cruz Vermelha Francesa e as enfermeiras e alunas da Cruz Vermelha Brasileira estavam presentes para acompanhá-los.

Esse dado jornalístico, por um lado, causa certa estranheza. Porto e Santos (2006) relatam não terem encontrado registros sobre a participação de enfermeiras oriundas de formação da CVB, ao inferirem que mesmo diante da competência das enfermeiras, no caso da filial São Paulo, careceram de convencimentos para as autoridades responsáveis à época, mas abrem lacuna sobre a presença de mulheres enfermeiras ou voluntárias no atendimento aos feridos de guerra em um Hospital de Paris.

A importância da lacuna se pauta, considerando que os autores identificaram matéria publicada na Revista da Semana intitulada “Hospital da Cruz Vermelha Brasileira em Paris”, tendo na composição do conteúdo três

imagens e uma delas com a legenda que remete a presença de enfermeiras brasileiras que cuidavam dos feridos em guerra. Ademais, eles afirmam que Rachel Haddock Lobo, brasileira, estava em Paris, mas como voluntária de formação pela Cruz Vermelha Francesa na Primeira Guerra Mundial, em virtude de ser esposa de um membro da missão médica brasileira à guerra, articulado à matéria da Revista da Semana, motivo de inferência com ressalvas, pois apesar de ser brasileira a formação não teria ocorrido no Brasil e concluem ser perigoso a assertiva dessas profissionais na Primeira Guerra Mundial.

Sabemos que no período da I Guerra Mundial foram veiculadas muitas matérias e imagens sobre a participação das enfermeiras no conflito, inclusive com circulação nacional e internacional. No Brasil, destacamos a pesquisa “Imagem da Enfermeira Durante a Primeira Guerra Mundial” (MIRANDA; NASSAR; ARAUJO; NEVES; PORTO, 2016). Os autores analisaram algumas imagens publicadas na Revista da Semana, mas não fazem alusão das enfermeiras brasileiras, oriundas da CVB, terem participado; mas registram o envolvimento da Cruz Vermelha no âmbito internacional.

Outros estudos sobre a CVB - órgão central -, intitulados “Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Enfrentamento da Gripe Espanhola (1918)” de Coury (2010) e “A Produção na Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da Primeira Guerra Mundial (1917 – 1918)” de Neto (2011) apesar de não relatarem a participação das enfermeiras, destacando ambas as pesquisas que também tiveram como fonte a imprensa ilustrada.

Outro dado que vale destacar é que, na obra Histórico da Cruz Vermelha Brasileira (1908 – 1923) datado de 1923 não se evidenciou registro da ida de enfermeiras para o conflito bélico.

O jornal Correio da Manhã (19 de agosto de 1918, p. 3) ao trazer aos seus leitores a assertiva que a CVB teria encaminhado uma missão médica com destino à Cruz Vermelha Francesa, ratificamos pela literatura, o que ainda permanece a lacuna sobre a participação das enfermeiras, oriundas de formação da CVB terem ido, não podemos afirmar. Apesar de que o referido jornal também não afirma que eles foram, mas que elas estavam presentes para acompanhá-

los, o que nos leva a crer que a presença delas no embarque ocorreu na forma de despedida da missão médica ao seu destino.

Por outro lado, a participação de mulheres brasileiras como por exemplo, Rachel Haddock Lobo é possível confirmar, considerando sua partida e sua participação em virtude de ser casada com um médico da missão da CVB.

Seja como for, a CVB teve sua participação e contribuição dentro das suas limitações, cumprindo a missão que lhe cabia. A guerra ratificou a relevância da natureza da instituição sobre sua atuação na guerra e na paz (CRUZ, 2017).

### **6.3 - Gripe Espanhola**

No final da Primeira Guerra Mundial, surgiu a gripe espanhola, que embarcou no Rio de Janeiro por volta de 14 de setembro de 1918 através do paquete Demerara que atracou no porto trazendo doentes a bordo e em 30 de setembro, o diretor de saúde pública Carlos Seidl oficializou o estado pandêmico a partir de iniciativas de fechamento dos portos e abertura de serviços de socorros (GOULART, 2003).

O nome de gripe espanhola, foi assim atribuído em virtude da Espanha ter mantido neutralidade por algum tempo e a sua imprensa à época ter noticiado a ocorrência ao contrário das outras nações, tendo por argumento a proteção de divulgação negativa sobre os exércitos (Kolata, 2002).

Isso pode ser confirmado na obra de John M. Barry (2020) que confirma, também, que foi a imprensa da Espanha que noticiou sobre os acometidos da gripe com base em informações de outros países. Ademais, o autor relata que as cidades de Haskell e Funston, nos Estados Unidos da América (EUA), teriam recebido soldados acometidos de gripe com circulação em outras bases militares e na França, ocorrendo os primeiros surtos na Brest – cidade francesa localizada na região da Bretanha -, onde os soldados americanos desembarcaram ao acometerem uma unidade naval francesa e entende-se que foi a partir daí que a doença se espalhou rapidamente.

Delimitando no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, a epidemia matou em torno de 15 mil pessoas enquanto a cidade tinha 910.710 habitantes entre zona urbana e rural, segundo Fontenelle (1919). A CVB teve uma participação pioneira no cuidado e tratamento da gripe, abrindo seu edifício para hospitalizar acometidos graves da doença. Esta iniciativa não passou despercebida pela imprensa do Distrito Federal.

Em 16 de outubro de 1918, o *Correio da Manhã* (p. 1) publicou informativo sobre a adaptação da Escola de Enfermeiras com enfermaria. Esta notícia foi publicada no jornal *O Paiz* (16 de outubro de 1918, p. 4) com a mesma redação, o que leva a concluir que se tratava, talvez, de informativo oficial da CVB. Identificamos a localização na primeira página, juntamente, com as iniciativas para conter a epidemia.

As salas de aula da Escola de Enfermeiras da CVB foram transformadas em enfermarias e o dispensário distribuía medicamentos. Em 17 de outubro de 1918, *O Paiz* (p. 3) publicou uma importante doação do Conde de Agrolongo para as despesas dos enfermos internados.

A CVB ao tomar para si o acolhimento dos acometidos pela gripe espanhola, registrou em seu Histórico (1923) – obra institucional – a glória de atender à sociedade. Relata que os serviços foram prestados e que as enfermeiras demonstraram estarem aptas em suas competências técnicas para o cuidar com abnegação aos cuidados intra e extra institucional. Além da CVB prestar atendimento social com distribuição de medicamentos e alimentos para milhares de pessoas. Tais dados podem ser encontrados no estudo de Coury (2010).

As doações ocorriam e podem ser encontradas em outras fontes. Nesta perspectiva, o jornal do *Commercio* no período de 17 de outubro a 14 de novembro de 1918, também registrou diversas doações desde dinheiro a alimentos e utensílios para os acometidos, bem como o registro do valor doado pelo sr. Conde de Agrolongo na ordem de maior grandeza, 2:000\$000 (dois contos de réis)<sup>16</sup> e a de menor grandeza, 6\$000 (seis mil réis) doado por d.

---

<sup>16</sup> Réis: derivado do Real, moeda portuguesa da época do descobrimento do Brasil. O período de vigência da moeda foi do início da colonização até 30/10/1942. Exemplos para leitura:

Albertina de Almeida, segundo Coury (2010) que argumenta sobre as doações, com base em Goulart (2005), que elas tratavam de ato comum, o que coadunamos no sentido da calamidade instalada. A epidemia atingiu todas as camadas socioculturais, pois ela evidenciou uma interdependência, considerando que a CVB ampliava a sua visibilidade.

A visibilidade da instituição tinha por seu efeito na imprensa, direta e/ou indiretamente, nexus com a figura do presidente da CVB. Isto pode ser identificado, quando o jornal Gazeta de Notícias (19 de outubro de 1918, p.2) registrou o trabalho incansável de Thaumaturgo de Azevedo ao acompanhar o movimento na instituição dia e noite.

Com datação em dia 23 de outubro de 1918, a Gazeta de Notícias (p. 4) publicou a matéria sobre o trabalho da CVB durante a epidemia. Esta reportagem apesar de ser de final de página traz detalhes do cuidado e tratamento dado à população carente, mas o interessante é que o conteúdo relata que as enfermeiras que não se apresentassem à instituição para trabalhar deveriam ter suas ausências justificadas.

Os três jornais pesquisados publicaram convites da CVB às enfermeiras diplomadas<sup>17</sup> e alunas da entidade a se apresentarem para serem designadas ao trabalho no hospital ou atendimento domiciliar a pedidos feitos pelas famílias na instituição. O termo adotado nas publicações era de convite, mas caso elas não comparecessem precisavam justificar suas ausências.

Ser enfermeira da CVB era gozar de determinados privilégios como visto no falecimento da aluna Maria dos Anjos, na seção Ensino, mas também o cumprimento de seus deveres. Entendemos que formada pela instituição, as enfermeiras passavam a ter vínculo permanente, mesmo após a formatura.

---

Rs0\$500 ou 0\$500= quinhentos réis; Rs12\$100 ou 12\$100= doze mil e cem réis; Rs1:000\$000 ou 1:000\$000= um conto de réis que equivale a um milhão de réis. Fonte: Banco Central do Brasil. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>

<sup>17</sup> A Cruz Vermelha Brasileira implantou o regime da Enfermeira diplomada no Brasil, acabando-se com os préstimos obsoletos das comadres e entendidas (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1923, pg. 181).

Tal fato de vínculo permanente podemos atribuir ao juramento na formatura. Pensar em juramento se trata de um contrato tácito, na presença das autoridades e convidados. Para tanto, argumento isto com base nas palavras proferidas por elas, a saber:

“perante o símbolo da Cruz Vermelha Brasileira e perante a minha consciência, comprometo-me, sob a égide da caridade, a cuidar dos infelizes e aliviar as dores dos meus semelhantes na Paz e na Guerra” (Brazil-Médico, 29/12/1924, p. 344).

Como podemos identificar, as enfermeiras juravam com direcionamento aos princípios<sup>18</sup> da CVB. Isto implicava vínculo permanente, mediante contrato tácito verbalizado e assumido por elas em ritualística pública.

Porto e Santos (2007) relatam que este tipo de passagem simbólica caracteriza o compromisso por elas assumido para que não ocorresse a ruptura com o grupo e a manutenção da serialidade contra a dissolução. Isto implicava na permanência do grupo para lograr os objetivos institucionais.

Ao articular as matérias publicadas com juramento mais a literatura apresentada é possível de entendermos que, apesar do termo convite, o sentido era de convocação, ratifica sobre a justificativa que as enfermeiras precisavam fazer para as suas ausências. Logo, se formar pela CVB tinha seus privilégios e reconhecimento, mas também suas obrigações e deveres para com a instituição.

Em 5 de novembro de 1918, o Correio da Manhã (p. 1) informou o declínio do número de portadores da doença. Britto e Trindade (1991) e Coury (2010) comungam que vários jornais noticiaram o declínio da epidemia em outubro de 1918, mas chamam a atenção para o dito declínio em novembro com base nos acometidos, quando as atividades socioculturais e comerciais retornaram, dando vida ao Rio de Janeiro.

Ao articularmos a matéria veiculada pelo Correio da Manhã, entendemos melhor o motivo que a CVB não mais recebia ou, relativizando, teria reduzido a entrada de acometidos pela gripe espanhola.

---

<sup>18</sup> São princípios fundamentais da Cruz Vermelha: humanidade, imparcialidade, neutralidade, independência, voluntariado, unidade e universalidade. Disponível em: [http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/historia-da-cvb/?gclid=CjwKCAiA25v\\_BRBNEiwAZb4-ZcOqXmIMKL\\_JemQfE66o6yjUnQzUQcl55v7MdWqfcbw-wXza3RM5LhoCT5kQAvD\\_BwE](http://www.cruzvermelha.org.br/pb/institucional/historia-da-cvb/?gclid=CjwKCAiA25v_BRBNEiwAZb4-ZcOqXmIMKL_JemQfE66o6yjUnQzUQcl55v7MdWqfcbw-wXza3RM5LhoCT5kQAvD_BwE)

No dia seguinte da publicação do Correio da Manhã, o jornal O Paiz (6 de novembro de 1918, p. 4) publicou aos seus leitores a parabenização à CVB pela participação no combate e atendimento realizado à sociedade, com destaque que se tratava de atitude pioneira entre as instituições não governamentais extensivo às enfermeiras pelo trabalho realizado.

Entendemos as congratulações publicizadas pelo jornal O Paiz em dois sentidos: o primeiro, pela articulação da CVB com o próprio jornal há tempos, como tivemos oportunidade de relatar e o segundo, como respostas a tomadas de atitude, em virtude da demora da agilidade no campo da política que circunstanciava o Rio de Janeiro.

Em outras palavras, Carlos Seidl – diretor geral de Saúde Pública, equivalente, aos dias atuais, ao Ministro da Saúde – não tomou as providências necessárias para a prevenção da gripe espanhola por não acreditar que a doença avançaria. Desta forma, considerou o isolamento inviável, exceto se interrompesse as relações sociais e os seus desdobramentos. Isto era justificado pela argumentação do efeito do declínio da economia em virtude da redução de pessoas, dos meios de transportes e a interrupção do funcionamento de colégios, teatros, exceto das farmácias (GOULART, 2005).

Entender o que ocorreu no passado com Carlos Seidl, por meio dos jornais foi uma das propostas de investigação de Britto (1997). Ele identificou que os jornais A Noite e a Gazeta de Notícias faziam críticas a Seidl, o que levou ao destaque de seu nome articulado ao medo da morte da população. Isto implicou na carência da atuação dos serviços de saúde, mediante a desorganização da vida cotidiana no Rio de Janeiro, inclusive com a assertiva da falta de contribuição da ciência por desconhecimento da patologia.

Ademais, é entender que o período da gripe espanhola foi de transição presidencial – a eleição de Rodrigues Alves, que veio a falecer pela doença. Isto conduziu a certa turbulência no campo político, quando Venceslau Brás (gestão de 15 de novembro de 1914 a 15 de novembro de 1918) foi o presidente do país, seguido de Delfim Moreira (gestão de 15 de novembro de 1918 a 28 de julho de 1919 – 255 dias), pelo passamento do eleito e depois Epitácio Pessoa (gestão de 28 de julho de 1919 a 15 de novembro de 1922 – 3 anos e 110 dias), tendo



por vice-presidente Delfim Moreira até 1 de junho de 1920, substituído por Bueno Paiva e em meio a este contexto assume as rédeas sanitárias do Rio de Janeiro, o sanitarista, Carlos Chagas em meio ao declínio econômico do país.

Articular o texto ao contexto é identificar que o trabalho realizado pela CVB foi de monta e merecedora dos parabéns, sem que possamos esquecer as alianças instituídas.

#### **6.4 – Síntese da Seção**

A Cruz Vermelha Brasileira é uma sociedade que sobrevive com a contribuição dos sócios e algumas concessões do governo, por isso é importante o apoio da imprensa para que a visibilidade da instituição traga mais interessados em contribuir para o crescimento dela.

A Primeira Guerra Mundial trouxe para o mundo um advento para os direitos humanos e a Cruz Vermelha Internacional esteve à frente desse desenvolvimento por ter sido a única instituição neutra a fazer parte da assistência aos feridos.

Apesar do Brasil ficar na neutralidade até 1917, a CVB esteve nos noticiários cariocas, pois além de donativos às outras instituições da Cruz Vermelha pelo mundo também encaminhou roupas e materiais de curativo para o front. Nenhum estudo precedente identificou a participação das enfermeiras na I Guerra Mundial pela Cruz Vermelha Brasileira, apesar da instituição já possuir profissionais formadas na época.

Com o término da guerra, a Cruz Vermelha conseguiu também tornar visível sua importância em tempos de paz, pois a pandemia de gripe espanhola no Rio de Janeiro levou a instituição a transformar seu edifício em hospital e sua iniciativa foi seguida por outras instituições. Inclusive, o governo também seguiu sua medida transformando outros edifícios públicos em enfermarias.

Os últimos anos da gestão Thaumaturgo de Azevedo foram de muito trabalho e matérias elogiosas na imprensa, mas a Escola de Enfermeiras mesmo que indiretamente, como no caso da Primeira Guerra Mundial e gripe espanhola, ainda era o conteúdo dos recortes noticiosos.

## **Seção 7 – Declínio da gestão e derrota eleitoral**

### **7.1 – Introdução**

Esta seção apresenta o declínio da gestão de Thaumaturgo de Azevedo após conflito com a Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira. Este atrito culminou na saída de Thaumaturgo de Azevedo depois de 10 anos na presidência da instituição.

Foram 9 recortes noticiosos apontam para as influências da imprensa na derrota eleitoral de Thaumaturgo de Azevedo, mesmo diante das estratégias empreendidas de reverter, conseguiu contornar a crise instalada na direção da CVB. Além de sair com sua imagem maculada, levando a posse da nova diretoria em caráter de urgência

### **7.2 – (Des)Velando as Articulações das Alianças Estabelecidas**

Apesar de um ano com grande visibilidade para a gestão devido à participação do Brasil na Primeira Grande Guerra e a iniciativa da CVB nos cuidados e tratamento aos pacientes acometidos pela gripe espanhola, que não passou despercebida pela imprensa carioca. Contudo, ao final de 1918, certa crise institucional tomou conta da gestão presidencial da CVB, apesar da tentativa de revertê-la, não surtiu efeito.

O detalhamento do conflito foi feito no jornal O Paiz datado de 9 de novembro de 1918 (p. 5) pelo sr. Carlos Pereira Leal, esposo da presidente da Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira, que responsabiliza Thaumaturgo de Azevedo pela publicação de uma carta anônima no Jornal do Commercio<sup>19</sup>. Esta carta sugere que as senhoras da CVB não estavam repassando todos os donativos à instituição. Isso implicava em retratação pública que Carlos Pereira Leal, presidente da Companhia de Seguros Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, solicitou por meio de correspondência ao presidente, o que não teve o efeito, conduzindo-o a tomar a providência de exposição pública. Esta

---

<sup>19</sup> A carta não foi localizada nas bases consultadas.

publicação se iniciou na primeira linha da página ocupando uma coluna inteira e metade da próxima coluna numa região conhecida como o centro óptico da leitura, isto é, com boa visibilidade para o leitor. Essa edição também apresentou um recorte noticioso na página 3 pedindo atenção aos leitores sobre a publicação da página 5. Também é informado neste recorte sobre a saída das senhoras Heloisa Leal (presidente) e Rosa de Souza Lage Braga (tesoureira) da Seção Feminina da CVB. Heloisa Loureiro Leal liderou a Seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira e era eleita presidente anualmente desde então.

Na matéria, Carlos Leal relata que o presidente teria sido comunicado por carta do ocorrido no *Jornal do Commercio*, mas que ele não teria tomado as devidas providências cabíveis, por exemplo, de uma retratação pública. Ademais, acrescenta que a CVB não vinha tendo apoio da sociedade, tal como ocorria em outros países, e o atacava no sentido de sua incompetência na gestão, citando que desde o nascedouro institucionais em 1908 até 1914, posse da Seção Feminina, a CVB estava adormecida.

Neste momento, precisamos retroagir no tempo. Em 1914, durante a I Guerra Mundial, algumas damas da sociedade criaram a Comissão Feminina denominada Damas da Cruz Vermelha Brasileira para prestar auxílio por meio de um corpo de saúde, em especial, pelas enfermeiras, no atendimento aos feridos e doentes em tempos de guerra e calamidade nacional (PORTO; SANTOS, 2007; COURY, 2010).

Na filial de São Paulo, em 1912, ocorreu a criação do curso de enfermeiras, tornando-se desta maneira, o primeiro curso de enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira (MOTT; TSUNECHIRO, 2002; COURY, 2010).

Atribuimos como indício que a criação da Seção Feminina na CVB – órgão central (RJ) – conforme relatamos antes que a instituição estava adormecida até 1914, foi uma alusão publicizada no jornal que pode estar articulada à criação da filial da CVB de São Paulo, considerando se tratar do primeiro curso de enfermeiras da instituição, sob a liderança de Maria Rennotte.

Maria Rennotte era médica de origem belga, radicada no Brasil, foi diretora da Maternidade de São Paulo. Personagem importante na organização

da CVB filial São Paulo e na Escola Prática de Enfermeiras, em 5 de outubro de 1912 (MOTT, 1999; MOTT; TSUNECHIRO, 2002)

Sua liderança era de destaque, tanto que a Revista da Semana publicou matéria de página inteira, com o título A Escola Prática da Cruz Vermelha Brasileira em São Paulo, sobre o treinamento das enfermeiras para o caso de partirem para a I Guerra Mundial (PORTO; SANTOS, 2006)

Esse curso funcionou com regularidade até o final da I Guerra Mundial. Ele funcionava com aulas administradas pela dra. Maria Rennotte e pela dra. Casemira Loreiro – médicas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com repercussão na sociedade de São Paulo à época, como por exemplo, na Revista Feminina (MOTT, 1999).

Isto posto, inferimos que a visibilidade e o adormecimento citado devam-se ao fato que a filial de São Paulo, na voz corrente, ter saído na frente sobre o ensino de enfermagem. Pensar nessa perspectiva, sendo o Rio de Janeiro capital do país e por ser a seda da CVB não teria dado o exemplo pela iniciativa, deixando uma filial assim o fazer. Inferimos que o “atraso” da criação de um curso de enfermeiras no órgão central, ocorrido em 1914 e dois anos depois, a criação de uma Escola Prática de Enfermeiras, tenha irritado a Seção Feminina do órgão central da CVB, sob a liderança da sra. Heloisa Leal e que seu esposo tenha assumido as dores para o ataque ao presidente da instituição, considerando que a filial de São Paulo teria feito em 1912.

O espaço concedido pelo jornal O Paiz ao sr. Carlos Pereira Leal, para publicar sua insatisfação com Thaumaturgo de Azevedo indica que o espaço dado pelo jornal O Paiz aos feitos pela CVB não foi por pedido de seu presidente e sim, da Seção Feminina da Cruz Vermelha, pois a tesoureira da CVB, sra. Rosa de Souza Lage Braga, era irmã do diretor-presidente e proprietário do jornal, João de Souza Lage. Até 1909, o controle do jornal era dividido entre João Lage e Franklin Sampaio, que foi um dos diretores da Equitativa Seguros juntamente com Carlos Pereira Leal (CASTILHO, 2013). Ressaltamos que a Equitativa foi uma empresa de seguros de vida com filiais em Cuba e Espanha. Na década de 1930, era a maior empresa de seguros do país (MIRANDA, 1998).

Sua sede era num edifício na avenida Rio Branco, sua propriedade, e antes da inauguração da Escola de Enfermeiras, as aulas aconteciam neste local.

Entendemos então, que o espaço cedido à Cruz Vermelha Brasileira acontecia por intermédio da Seção Feminina, mais precisamente, Heloisa Leal e Rosa Lage, presidente e tesoureira, respectivamente.

Em 12 de novembro de 1918, com o título “Cruz Vermelha Brasileira” (p. 10) mais uma publicação do sr. Carlos Leal com o objetivo de mostrar sua insatisfação com Thaumaturgo de Azevedo na presidência da CVB. Matéria que ocupou duas colunas da página 10. Nesta publicação, ele relata a falta de transparência da presidência com os relatórios da gestão. Segundo Leal, a receita da instituição até 1916 estava abaixo do que esperado e após, não havia controle. Ademais, ele prossegue ao afirmar que Thaumaturgo de Azevedo não aceitava a submissão dos lançamentos contábeis à comissão de sindicância e finanças.

A publicação destaca que, Thaumaturgo de Azevedo teria aceitado três concertos pelo Instituto Nacional de Música para angariar donativos para a instituição, mas não pediu aprovação da diretoria. Como não conseguiu vender bilhetes, devido a sua falta de prestígio e carisma, segundo Leal, tentou passar 500 convites do terceiro concerto para a sra. Heloisa Leal distribuir, quando foi encaminhada uma carta da sra. Heloisa Leal informando que não irá recebê-los, bem como discordava com o referido evento, pois os dois primeiros teriam sido um fracasso.

Outra publicação ocorre em 22 de novembro de 1918 no mesmo jornal sob o título “Cruz Vermelha Brasileira” (p. 6). Neste, o sr. Carlos Leal publica uma carta recebida do secretário do presidente da República, Hélio Lobo, que a sra. Adelaide de Almeida teria lhe procurado com um livro de assinaturas em homenagem ao sr. Thaumaturgo de Azevedo. O dr. Hélio Lobo não pode recebê-la e recusou levar o livro para o presidente informando que estava ciente da crise entre o presidente da CVB e a Seção Feminina pelo jornal. Ainda na mesma publicação, Leal relata que não existe homenagem da CVB ao seu presidente, visto que o presidente era o porta voz da instituição e isto seria autopromoção e

para aquecer mais a situação, traz à tona que a sra. Adelaide teria sido acusada de furtar talheres e louças de um hotel paranaense.

Adelaide de Almeida era sócia e estudante de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira. Esteve presente na enfermaria da Cruz Vermelha durante a assistência aos acometidos pela gripe espanhola (COURY, 2010) e foi nomeada por Thaumaturgo de Azevedo como responsável pela sua homenagem.

Em síntese, o jornal O Paiz ao publicar três matérias jornalísticas nas datas de 9 de novembro de 1918, 12 de novembro de 1918 e 22 de novembro de 1918 por solicitação da família Leal expôs o presidente da CVB, ao afirmar a má governabilidade dos assuntos internos da instituição. Por um lado, com a versão de uma das partes; por outro lado, como veremos, os jornais Correio da Manhã e Gazeta de Notícias apresentaram aos seus leitores esclarecimentos tangenciais e homenagem ao presidente da CVB.

Em 23 de novembro, o jornal Correio da Manhã publicou o suelto, com o título “Cruz Vermelha Brasileira” (p.3) informando a saída da sra. Adelaide de Almeida da comissão de homenagem a Thaumaturgo de Azevedo. Este dado deixa transparecer certa pressão exercida pela repercussão das matérias veiculadas no jornal O Paiz. Ademais, o suelto apresenta comentário do redator no sentido de informar sobre a realização da festa que contará com algumas bandas civis e militares, além do convite à festa ao presidente da República, ministros e diplomatas.

O efeito da homenagem ao presidente da CVB foi noticiado no jornal Gazeta de Notícias em 24 de novembro (p. 4) intitulada “Cruz Vermelha Brasileira – uma homenagem ao marechal Thaumaturgo de Azevedo”. A publicação relata que a festa contou com a participação de meninas da Associação Protetora dos Pobres e Crianças, cada uma simbolizando uma nação, cantaram o hino nacional e o hino francês. Também foi relacionado o nome de alguns presentes na festa e que o ápice foi a inauguração de um retrato a crayon<sup>20</sup> de Thaumaturgo de Azevedo.

---

<sup>20</sup> Retrato a partir de uma fotografia desenhado com lápis crayon, um lápis específico para desenho

Como podemos identificar até aqui, os jornais apontam para posições tomadas na arena de informações à sociedade. O Paiz não publicou a homenagem ao presidente da CVB, o que anterior ao episódio das matérias da família Leal, acreditamos que teria sido feita a publicização. Gazeta de Notícias de linha editorial situacionista evidenciou a homenagem e Correio da Manhã, até aquele momento, encontrava-se em silêncio neste assunto.

Nessa perspectiva, inferimos que o jornal O Paiz posição teria tomado na celeuma e a Gazeta de Notícias, no mínimo, estaria de forma neutra com interesse, talvez, de conquistar mais leitores, o que significava mais recurso financeiro e/ou não polarizar a situação estabelecida.

Dois dias após a notícia da Gazeta de Notícias, o jornal Correio da Manhã que se auto intitula como sem compromisso partidário, publica matéria com o título “O Que Houve na Cruz Vermelha – o incidente Carlos Leal x Thaumaturgo de Azevedo” de 26 de novembro de 1918 (p. 3). Nesta, o conteúdo aborda no sentido de justificativa, o que denominou de incidente por parte do sr. Carlos Pereira Leal que, por meio de conversa informal, explica que a sua esposa teria solicitado ao presidente da CVB que depositasse em uma conta bancária o dinheiro arrecadado em virtude de ter mais segurança. Ocorrendo a recusa por parte de Thaumaturgo de Azevedo. Prossegue, ainda, no relato que, em seguida uma carta anônima foi publicada no Jornal do Commercio, de estilo redacional similar ao do presidente da CVB, relatando também que a sra. Leal “desgostosa resolveu encerrar sua subscrição”.

Ao articularmos os dados apresentados, eles revelam o que até o momento tinha ficado embrumado nas outras seções, mas por ocasião de uma carta anônima, o fato se revelou. Com isto, inferimos que a aliança antes pensada com o presidente da CVB apresentava certos indícios, mas mediante aos fatos, ela se revelou que a articulação ocorria com a Seção Feminina. Isto implica de forma direta e objetiva, o interesse dela em fortalecer a enfermagem, por meio da CVB, o que clarifica como argumento para o texto.

Nessa perspectiva, incluindo a missão da CVB, em redação aproximada, na paz e na guerra, o que nos faz remeter ao que relata Sun Tzu sobre a arte da guerra (2000, p. 112), “na paz, prepara-se para a guerra; na guerra, prepara-se

para a paz”. Isto, decodificado, é entender que a Seção Feminina deixava o presidente entender que o poder e prestígio era dele e no momento certo ou adequado, se mostrou.

No sentido teórico, isto conduz ao pensamento de Bourdieu (2007) sobre o poder simbólico. Este trata-se de um poder quase mágico de forma irreconhecível, transfigurada e legitimada capaz de produzir efeitos reais e aparentes com pouca energia. Isto conduz a estratégia aplicada pela Seção Feminina para com o presidente da CVB, mas que no momento que o poder simbólico pareceu fugir das limitações instituídas, a revelação veio à tona.

### **7.3 – Derrota Eleitoral**

Em 6 de dezembro de 1918, ocorreu a eleição anual da Cruz Vermelha Brasileira que levou ao fim a gestão de Thaumaturgo de Azevedo. Após ter sua capacidade de liderança e competência questionada por uma sequência de cartas publicadas no jornal O Paiz, ele perde a presidência da instituição com importante diferença de votos.

No dia seguinte da derrota de Thaumaturgo de Azevedo para a presidência da CVB, o jornal O Paiz (7 de dezembro de 1918, p. 5) publicou a matéria intitulada “Cruz Vermelha Brasileira – eleição de nova diretoria”. A derrota eleitoral deu por encerrada a gestão de Thaumaturgo de Azevedo na CVB, tendo por causa o incidente com uma representante da Seção Feminina da instituição – Heloisa Loureiro Leal. O jornal ao publicar a derrota de Thaumaturgo de Azevedo relatou o efeito do resultado da eleição em virtude da teimosia e falta de habilidade do presidente da CVB que resultou na saída de algumas senhoras da diretoria.

O texto jornalístico, também relata que a nova diretoria eleita salvou a Cruz Vermelha Brasileira do aniquilamento por conta do seu ex-presidente e que a partir daquele momento o rumo institucional teria seu alinhamento reconfigurado, cumprindo a missão institucional. Na leitura, identificamos as congratulações do jornal O Paiz às Damas da Cruz Vermelha pela sua vitória contra Thaumaturgo de Azevedo e finalizam apresentando aos leitores o atual



presidente eleito, o sr. Miguel Calmon Du Pin e Almeida com 388 votos contra 57 de Gregório Thaumaturgo de Azevedo.

Mediante esse fato, precisamos retroagir um pouco para elucidar a trama para a construção da narrativa histórica referente a sra. Heloisa Loureiro Leal. Em 26 de novembro de 1918, o jornal Correio da Manhã publicou a matéria “O Que Houve com a Cruz Vermelha”, quando relatou que a sra. Heloisa Leal “desgostosa resolveu encerrar sua subscrição” (p.3). Contudo, em busca de documentação para as possíveis articulações, identificamos que a sra. Leal em dezembro de 1918 foi eleita para presidente da Seção Feminina da CVB (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1918). Este dado revela que ela não encerrou sua subscrição institucional, mas sim, possivelmente, afastamento provisório, pois caso contrário, ela não teria sido eleita. Isto produz sentido com a derrota eleitoral de Thaumaturgo de Azevedo para a presidência da CVB e as congratulações do jornal O Paiz às Damas da Cruz Vermelha.

Como já foi identificado, o jornal O Paiz com sua posição tomada a favor da Seção Feminina, o jornal, ou seja, situacionista cumprindo sua linha editorial, a Gazeta de Notícias teria, a princípio adotado certa posição neutra, o que podemos entender pela sua posição governista e o Correio da Manhã com proposta em busca de certos esclarecimentos da trama estabelecida por não se comprometer com certas ideologias partidárias.

Nessa perspectiva, o jornal Correio da Manhã em 8 de dezembro de 1918 (p.3) intitulado “A Cruz Vermelha Brasileira” publicou a solenidade de posse da nova diretoria e que em discurso, o novo presidente disse ter sido surpreendido pela vitória. Também informa que o diretor da Escola de Enfermeiras e secretário geral da instituição, dr. Getúlio dos Santos, anunciou sua renúncia do cargo que foi negada pelo presidente e por Estellita Lins, professor da Escola de Enfermeiras e 2º secretário. Na ata da reunião desta eleição, a renúncia de Getúlio dos Santos não foi aceita pela mesa diretoria (CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, 1918).

Mas foi no jornal Gazeta de Notícias do dia 13 de dezembro de 1918 que foi publicado em primeira página com o título em destaque “A Cruz Vermelha Brasileira Vai À Garra!”. Mas ao contrário das publicações anteriores, o jornal

Gazeta de Notícias apresenta outra versão da eleição. Nesta, a matéria relatou que Thaumaturgo de Azevedo foi vítima de inescrupulosos sócios que tinham interesse no patrimônio da instituição e por isso fraudaram a eleição. O dr. Getúlio dos Santos compareceu à eleição com 325 procurações tendo direito a 326 votos e também foi relatado pela reportagem que alguns envelopes com votos direcionados à Thaumaturgo de Azevedo foram alterados em benefício de dr. Miguel Calmon.

Em consulta ao livro de ata relacionada a esta eleição (ata da reunião de 8 de dezembro de 1918, p. 23), foi possível confirmar a quantidade de procurações em posse de Getúlio dos Santos além de algumas outras em posse de sócios eleitos para a diretoria.

Com a derrota eleitoral, um grupo de sócios exigiu a posse imediata da nova diretoria. O Gazeta de Notícias (13 dezembro de 1918, p. 1) termina sua publicação com o subtítulo “Um Triste Prenúncio”, quando o redator faz um resumo do caso Carlos Pereira Leal insinuando que ele se recusou a entregar o valor de 100 contos de réis ao tesoureiro da instituição<sup>21</sup>.

Apesar da saída tão traumática, com a reprovação de sua gestão por grande número de sócios, Thaumaturgo de Azevedo tinha a intenção de retornar à presidência da Cruz Vermelha Brasileira<sup>22</sup>.

#### **7.4 – Síntese da Seção**

A crise na gestão Thaumaturgo de Azevedo iniciou a partir da desavença entre presidente da Cruz Vermelha Brasileira – Thaumaturgo de Azevedo e a Seção Feminina da instituição – Heloisa Loureiro Leal. As versões contraditórias

---

<sup>21</sup> Não é possível esclarecer definitivamente qual versão é a mais próxima da realidade, mas em junho de 1932, foi aberto inquérito após denúncias de apropriação indevida das reservas da Equitativa Seguros pelo seu presidente, Carlos Pereira Leal. Várias cartas publicadas entre abril e julho de 1932 no jornal Correio da Manhã, seção à pedidos, apontando desfalque das reservas da seguradora. Em julho de 1932, o sr. Carlos Leal deixa o cargo e se aposenta por motivos de saúde. Na biografia de Jô Soares (O Livro de Jô – uma autobiografia desautorizada vol. 1), neto de Carlos Pereira Leal, é relatado que o sr. Carlos Pereira Leal se aposentou como protesto contra Getúlio Vargas, pois o mesmo não era simpatizante de seu governo.

<sup>22</sup> Na ficha profissional de Thaumaturgo de Azevedo no Exército Brasileiro foi encontrada uma carta de 1919 direcionada ao médico Miguel Couto pedindo parecer sobre uma planta baixa para a construção do Hospital da Cruz Vermelha Brasileira.

na imprensa da época e sem elucidação por parte da comunicação oficial da CVB, não se sabe o que realmente aconteceu, mas existiu indícios de que mais uma vez na história pública de Thaumaturgo de Azevedo, sua falta de tato e inflexibilidade tenha contribuído para a crise.

Essa crise culminou na derrota eleitoral, que apesar de haver a possibilidade de fraude, segundo as inferências mediante os documentos consultados, existia um grupo de insatisfeitos com urgência em mudar o rumo tomado pela gestão anterior. Assim sendo, foram 388 votos contra e 57 a seu favor na eleição para nova diretoria. A importância que se deu essa mudança na CVB foi confirmada pelas publicações da eleição nos três jornais estudados. Cada um com sua versão, bem como cada um tomando partido pelo lado que lhes convinha.

Desta maneira, não se pode negar a visibilidade que a derrota eleitoral de Thaumaturgo de Azevedo recebeu, pois o evento tomou as páginas nos jornais de colunas inteiras, cada uma com as suas versões do fato.

## SEÇÃO 8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gregório Thaumaturgo de Azevedo era um homem das ciências físicas, formado em Engenharia Militar e Geografia, trabalhou nas Comissões de Limites do norte do país. Ingressou na carreira militar aos 15 anos de idade, chegando ao cargo de marechal após 50 anos de dedicação. Sua biografia nos traz a visão de um homem disciplinado, exigente e inflexível, o que justifica sua dificuldade nos relacionamentos sociais levando à exoneração de cargos de liderança durante toda a sua trajetória profissional.

Sua escolha para presidente da Cruz Vermelha Brasileira se deu porque Oswaldo Cruz, presidente, entregou seu cargo por dificuldades de compatibilidade com seus compromissos profissionais. Como Thaumaturgo de Azevedo era o vice-presidente, naturalmente seria o nome escolhido para a substituição. E esta escolha se deu por aclamação, isto leva a acreditar que ele era o presidente escolhido pela maioria.

A Cruz Vermelha Brasileira foi criada em 1908, data considerada tardia em comparação às demais nações americanas. Após sua criação, houve um período de latência, onde pouco se ouviu falar. Na imprensa do Distrito Federal, nenhuma nota sobre a Sociedade internacionalmente reconhecida. Foi a partir de 1911 que algumas publicações começam a surgir, mas a maioria tratava da dificuldade de Thaumaturgo de Azevedo receber o terreno prometido pelo Governo Federal.

A Escola Prática de Enfermeiras que era voltada para a formação de enfermeiras voluntárias e profissionais trouxe para a Cruz Vermelha Brasileira e conseqüentemente, para a gestão de Thaumaturgo de Azevedo, uma grande visibilidade. Apesar da bibliografia sobre o tema confirmar que os cursos de enfermeiras foram iniciativa das Damas da Cruz Vermelha, Thaumaturgo de Azevedo cita a formação desses profissionais como objetivo da instituição desde sua criação, seguindo o exemplo de outros países.

A criação dos cursos de enfermeiras voluntárias e profissionais, a eclosão da I Guerra Mundial e a criação da Seção Feminina, todos em 1914, levou a

instituição a um patamar de reconhecimento social equivalente às Sociedades da Cruz Vermelha europeias, mas nunca houve menção ao seu presidente. Thaumaturgo de Azevedo indicou senhoras da Cruz Vermelha Brasileira à Comissão de Ensino Prático antes da existência do curso de enfermeiras voluntárias. Essa comissão de senhoras veio a se tornar a Seção Feminina com diretoria própria, o que não é mérito de Thaumaturgo de Azevedo, mas de iniciativa das próprias senhoras. Essa diretoria paralela à diretoria oficial, não tinha poder direto na instituição, mas foi um obstáculo para o poder de Thaumaturgo de Azevedo desde sua criação.

A I Guerra Mundial trouxe à instituição alguns benefícios, como o olhar da sociedade para os cursos de enfermeiras, pois houve um aumento na procura por matrículas nesses cursos com a intuição de contribuir à pátria em sua participação no conflito, pois já era iminente. Foi uma época em que a mulher começou a participar mais da vida pública do país e a profissão de enfermeira era o espaço que as senhoras de famílias carentes poderiam melhor ocupar.

A profissão de enfermeira ainda era uma atividade doméstica, pois o serviço de saúde do país ainda era precário e as famílias de elite tratavam suas enfermidades em suas residências com médicos e enfermeiras domiciliares.

Apesar de ser marechal do exército brasileiro, não houve menção do Thaumaturgo de Azevedo ser encaminhado à Europa quando o Brasil declarou guerra ao lado da Aliança Entente, mas o presidente da Cruz Vermelha Brasileira aumentou o número de turmas de formação de enfermeiras voluntárias e disponibilizou o curso de padioleiros. O curso de padioleiros ainda não tem sua existência totalmente esclarecida, pois as publicações na imprensa informavam que o curso tinha inscrições abertas, mas não se soube se ele realmente aconteceu. Ademais, acredito que não houve interessados em número suficiente para abrir turma, pois nunca houve informação sobre formatura nas publicações institucionais. O que foi encontrado sobre esse curso, era relacionado a uma correspondência de Thaumaturgo de Azevedo com o comandante da Brigada do Rio Grande do Sul, equivalente à Polícia Militar, pedindo informações sobre o funcionamento do curso.

Com os cursos em funcionamento e turmas de enfermeiras formadas pela Cruz Vermelha Brasileira, a I Guerra Mundial poderia ser o batismo de fogo para a Escola de Enfermeiras, mas Thaumaturgo de Azevedo não colocou seus profissionais à disposição como manda o regulamento que em casos de guerra, os profissionais da Cruz Vermelha Brasileira ficam subordinados ao Ministério da Guerra. A participação da instituição no conflito bélico foi discreta, limitando-se a encaminhar à Europa algumas roupas e tecidos para curativos, além de donativos arrecadados em campanhas. Os profissionais técnicos encaminhados à Europa foram pela Cruz Vermelha francesa.

Mas o batismo de fogo não demorou a colocar a instituição e sua formação à prova, pois no final da guerra, o Rio de Janeiro estava devastado pela epidemia de gripe espanhola. Os serviços de saúde estavam no seu limite e Thaumaturgo de Azevedo colocou a Escola de Enfermeiras à disposição do serviço médico da Cruz Vermelha Brasileira que transformou suas salas de aula em enfermarias. A imprensa relata a dedicação do presidente que acompanhava os serviços dia e noite, trazendo para o conhecimento de todos que a Cruz Vermelha não só é útil em tempos de guerra, mas em tempos de paz também.

Apesar de 1918 ter sido um ano importante para a gestão Thaumaturgo de Azevedo, o fim de sua gestão estava chegando. Uma carta anônima apontada como de sua autoria levou à cisão entre o presidente e a diretoria, a Seção Feminina da Cruz Vermelha, mais precisamente. Não seria a primeira vez que uma carta anônima publicada na imprensa foi atribuída a ele, pois no mandato de Floriano Peixoto, Thaumaturgo de Azevedo foi preso por conspirar contra o presidente após uma carta publicada na imprensa ter recebido seu crédito.

Este rompimento com a Seção Feminina custou-lhe a eleição, mas Thaumaturgo de Azevedo sempre desejou retornar à presidência da Cruz Vermelha, mas não houve tempo hábil para isso, pois veio a falecer em 23 de agosto de 1921 aos 67 anos de idade. Os obituários dos principais jornais do país noticiaram que sua morte foi 1:30h em sua residência no bairro Laranjeiras, Rio de Janeiro.

Apresentar outra versão e interpretação de tempos idos requereu prescrutar indícios e vestígios como detetive, o que trouxe sofrimentos, angustias em saber e cada vez mais ir em busca de novas pistas para a construção deste conhecimento, com base na análise documental.

Thaumaturgo de Azevedo conhecia a importância da opinião pública e por isso, criou o Boletim da Cruz Vermelha Brasileira para dar sua própria versão dos fatos, sem intermédio. Mas não foi uma iniciativa com sucesso, visto que seu boletim não teve a venda que idealizara. Ficou uma coleção de exemplares do boletim, sua voz ficou limitada a um canto da sala do edifício da Cruz Vermelha Brasileira.

A imprensa pode ser considerada um reflexo da sociedade e também da instituição, pois nas páginas dos jornais encontramos o registro do que foi importante num determinado momento. Apesar do jornal receber influências da época que escreve, também influencia essa época. Thaumaturgo de Azevedo influenciou e foi influenciado pela imprensa, teve sua gestão contada nas folhas dos jornais que algumas vezes foi sua voz, mas também fora seu inimigo.

O presente estudo não teve a intenção de tornar Thaumaturgo de Azevedo um mártir, pois também esclarece suas dificuldades em manter-se nos cargos a que lhe foi confiado por incompatibilidade com as diferenças pessoais, mas deseja descortinar a figura pública que também contribuiu para a construção da imagem da Cruz Vermelha Brasileira e também da Enfermagem na formação de sua identidade profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, F. **Aqueles Dois Advogados**. In: Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TRF e no STJ. n. 46, 2005.
- ANTUNES, P. **Vultos da Geografia do Brasil**. Rev Bras de Geografia – IBGE. v. 15, n. 4, p. 613-16, 1953.
- ARAUJO, TS, **Governo Thaumaturgo de Azevedo: O Piauí, O Começo Republicano e o velho arcabouço político monárquico (1890)**. Rev. Contraponto, v.6, n. 1, p. 103-21, 2017.
- BAPTISTA, SS; BARREIRA, IA. **Condições de Surgimento das Escolas de Enfermagem Brasileiras (1890-1960)**. Rev. Alternativa de Enfermagem, v. 1, n. 2, p. 4-17, 1997.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro; Mauad X, 2007.
- BARREIRA, I. **As Contribuições da História da Enfermagem para o Desenvolvimento da Profissão**. Rev. Escola Anna Nery, v. 3, n. 1, p. 125-41, 1999.
- BARROS, J.A. **Sobre a Feitura da Micro-história**. Opsi, v. 7, n. 9, p. 167 - 185, 2007.
- BARRY. J.M. **A Grande Gripe – a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital**. Rio de Janeiro, 2010-2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/acervos/hemeroteca-digital>. Acesso em 03 maio 2020.
- BORGES, VLB. **A Primavera de Sangue: A Cidade do Rio de Janeiro na Batalha Eleitoral de 1910**. Dimensões - Rev. Hist. UFES, v. 26, p. 115-28, 2011.
- BOURDIEU, P. Efeitos de Lugares. In: Bourdieu, Pierre (org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.



\_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. 11ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EdUSP, 2008.

BRASIL. Decreto nº 2.380, de 31 de dezembro de 1910. Regula a existência das associações da Cruz Vermelha que se fundarem de acordo com as convenções de Genebra de 1864 e 1906. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 8 jan. 1911. P. 300.

\_\_\_\_\_ b. Decreto nº 9.620, de 13 de junho de 1912. Declara de caráter nacional a Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1912. P. 7892.

\_\_\_\_\_. Lei nº 2.544, de 4 de janeiro de 1912. Fixa a despesa geral da República dos Estados Unidos do Brasil para o exercício de 1912. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 5 jan. 1912. P. 189.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. **Annaes da Câmara dos Deputados Volume XI**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1915. P. 405.

BRITTO, N.A.; TRINDADE, N.A. **A Campanha do Saneamento Rural na Imprensa do Rio de Janeiro: 1918**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1991.

BRITTO, N.A. **La Dançarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro**. Hist. Cien. Saúde-Manguinhos [online]. v. 4, n. 1, 1997. Disponível em Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v4n1/v4n1a01.pdf>. Acesso em 20 março 2020.

CAPELATO, M.H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CAPELATO; M.H.; PRADO, M.L. **O Bravo Matutino**. São Paulo: Editora Alfa-Romeu, 1980.

CARLOMAGNO, M.C.; ROCHA, L.C. **Como Criar e Classificar Categorias Para Fazer Análise de Conteúdo: Uma Questão Metodológica**. Rev Eletrônica de Ciência Política. v.7, n 1, 2016. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em 25 julho 2020.

CARVALHO, TM. **Coerção e Consenso na Primeira República: A Gerra do Contestado (1912 – 1916)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

CASTILHO, M.S. O Amigo Incondicional de Todos os Governos: a trajetória de João Lage em O Paiz nos primeiros anos da República. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 9, 2013, Ouro Preto. **Anais**, Ouro Preto: UFOP, 2013.

CASTRO, R. Para o Correio da Manhã com uma Lágrima. São Paulo: **O Estado de São Paulo**, 9/6/2001. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/ruy-castro-2/>. Acesso em 7 de out. de 2020.

COURY, A. **Fatos e Fotos da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Enfrentamento da Gripe Espanhola (1918)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Unirio, Rio de Janeiro.

COUTINHO, A. **José Joaquim Seabra**. In: ABREU, Alzira et al (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Primeiro República. Rio de Janeiro: CPDOC, 2015.

COUTINHO, EG. Imprensa e Hegemonia na Primeira República: o contraponto dissonante de José Oiticica. In: \_\_\_\_\_. **A Comunicação do Oprimido e Outros Ensaios**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2014.

CRUZ, A.G.O.O. **A Atuação do Comitê Internacional da Cruz Vermelha na Síria – 2011 a 2015**. 2017. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Departamento de Relações Internacionais, Universidade Federal do Roraima, Boa Vista.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Centro de Memórias de Documentos da Cruz Vermelha Brasileira**, 2018. Disponível em

<http://memoriadacruzverme.wixsite.com/memoriacvb>. Acesso em 20 de julho de 2020.

CRUZ VERMELHA BRASILEIRA. **Histórico da Cruz Vermelha Brasileira: 1908 – 1923**. Rio de Janeiro: Editora Cruz Vermelha, 1923.

\_\_\_\_\_. **Ata da Primeira Seção de Assembleia Geral: Voto 145 de 5/12/1908**. Rio de Janeiro, 1908.

\_\_\_\_\_. **Ata da Assembleia Geral. 03/10/1914**. Rio de Janeiro, 1914.

\_\_\_\_\_. **Ata da Assembleia Geral. 30/12/1915**. Rio de Janeiro, 1915.

\_\_\_\_\_. **Ata da Assembleia Geral. 16/11/1917**. Rio de Janeiro, 1917.

\_\_\_\_\_. **Ata da Assembléia Geral. 08/02/1917**. Rio de Janeiro, 1917.

CUNHA, MNF; VIEIRA, SC. **Cruz Vermelha: Breve Análise Histórica de uma Organização Sui Generis**. Rev. Curso Dir. UNIFOR, v. 7, n. 2, p. 39 – 54, Jul/Dez 2016.

FANTINATO, JMCB. **O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho**. Rev. EMERJ, v. 20, n. 79, p. 263 – 308, Maio/ Agosto 2017.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FONTENELLE, J.P. **Comentário Médico-Higiênico Sobre a Epidemia da Influenza Maligna**. Saúde, v. II (1), n. 46, p. 46, 1919.

GIGON, F. **A Epopéia da Cruz Vermelha – a vida de Henry Dunant**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1900.

GIOVANINI, T; MOREIRA, A; DORNELLES, S; MACHADO, WCA. **História da enfermagem: versões e interpretações**. 4º ed. Rio de Janeiro. Thieme Revinter Publicações, 2019.

GONÇALVES, TFC. **Particularidades da Análise Fotográfica**. Discursos Fotográficos, p. 229 – 244, v. 5 (6), jan/jun 2009.

GOULART, AC. **Um Cenário Mefistofélico: Gripe Espanhola do Rio de Janeiro**. 2003. Dissertação (mestrado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **Revisitando a Espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online] 2005, vol.12, n.1, pp.101-142. Disponível em: <  
[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000100006&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100006&lng=pt&tlng=pt)> Acesso em 10 setembro 2020.

HISAMOTO, BHT. **A Prática Humanitária em Situações de Conflito no Pós-Guerra Fria: o dilema da politização e os desafios da neutralidade**. 2012. Dissertação (mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

JOBIM, D. **O Espírito do Jornalismo**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

KOLATA, G. **Gripe: a história da pandemia de 1918**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LAPUENTE, RS. **O Jornal Impresso como Fonte de Pesquisa: delineamentos metodológicos**. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

LEÃO, M. Ferreira de Araújo. **Autores e Livros (Supl.)**. Rio de Janeiro: Correio da Manhã, v. XI (12), 1950.

LEMOS, R. **Quintino Bocaiúva**. In: ABREU, Alzira et al (coords.). Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Primeira República. Rio de Janeiro: CPDOC, 2015.

LIMA, M.S. **Entre Debates e Picuinhas: a Gazeta de Notícias e a imprensa brasileira na virada do século XIX**. Miscelânea, v. 8, p. 10 – 27, jul/dez 2010

LOPES, RH. **Gregório Taumaturgo de Azevedo**. In: ABREU, Alzira et al (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: Primeira República**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2015.

MANINI, MP. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARQUES, LH. **Teoria e Prática da Redação para o Jornalismo Impresso**. São Paulo: Edusc, 2003.

MARTIN, G. **A Primeira Guerra Mundial: os 1.590 dias que transformaram o mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

MIRANDA, CML. **O Risco e o Bordado: um estudo sobre formação de identidade profissional**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

MIRANDA, D; SIDNEY, V; NASSAR, P; ARAUJO, L; NEVES, A; PORTO, F; **Imagem da Enfermeira Durante a Primeira Guerra Mundial**. Rev. De Enfermagem UFPE online, v. 10, p. 2100 – 2107, 2016.

MIRANDA, PR. **Plácido da Rocha Miranda (depoimento, 1996)**. Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, 1998. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista228.pdf>

MOTT, ML; TSUNECHIRO, MA. **Os Cursos de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o Início da Enfermagem Profissional no Brasil**. Rev. Bras. Enf, v. 55, n.5, p. 592 – 99, Set/Out 2002.

MOTT, ML. **Reverendo a História da Enfermagem em São Paulo (1890 – 1920)**. Cadernos Pagu, v. 13, p. 327 – 355, 1999.

MOUILLAND, M.; PORTO, S.D. **O Jornal – da forma ao sentido**. Brasília: UNB, 2002.

MUSUMECI, L; MUNIZ, J. **As Instituições de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro: relatório MARE-CNPq Reforma do Estado**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, pg. 1 – 156.

NETO, MERCEDES. **A Produção da Crença na Imagem da Enfermeira da Cruz Vermelha Brasileira no Período da Primeira Guerra Mundial (1917-1918)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Força Policial. **O Paiz**, Rio de Janeiro, 14 nov. 1910. p. 5

OGUISSO, T; DUTRA, V.O.; CAMPOS, PFS. **Enfermagem Pré-profissional no Brasil: questões e personagens**. Rev. Enfermagem em Foco, v. 2 (supl.), p. 68 – 72, 2011.

OLIVEIRA, RS. **A Relação Entre a História e a Imprensa, Breve História da Imprensa e as Origens da Imprensa no Brasil (1808 – 1930)**. Historize, v. 2 (3), p. 125 – 142, 2011.

PADILHA, M.I; BORENSTEIN, M.S; SANTOS, I. **Enfermagem: história de uma profissão**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2015.

PAIXÃO, P. **Linha Editorial no Jornalismo Brasileiro: conceito, gênese e contradições entre a teoria e a prática**. Alterjor, v. 1 (7), p. 90 – 108, 2018.

PESAMENTO, S.J. Esta História Que Chamam Micro. In: GUAZZELLI, C.A.B.; et al. **Questões de Teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 2000.

PORTO, F. **A Imprensa Escrita Como Fonte de Pesquisa para a Enfermagem**. Rev. Enfermagem Brasil. v. 6 (3), p. 172 – 178, Mai/ Jun, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os Ritos Institucionais e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira na Imprensa Ilustrada: o poder simbólico do click fotográfico (1919 – 1925)**. 2007. Tese (Doutorado em Enfermagem) -Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_; CAMPOS, PFS; OGUISSO T. **Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916- 1930)**. Escola Ana Nery Revista de enfermagem, v. 13, n. 3, p. 492 – 499, Jul/ Set, 2009.

\_\_\_\_\_; SANTOS, TCF. **A Divulgação da Competência Técnica em Socorro das Enfermeiras da Cruz Vermelha (SP) nas Circunstâncias da**

**Primeira Guerra Mundial (1917-1918)**. Rev. Elet. De Enfermagem, v. 8, n. 2, p. 273-81, 2006.

\_\_\_\_\_ ; SANTOS, TCF. A Enfermeira Brasileira na Mira do Click Fotográfico (1919-1925). In: PORTO, F e AMORIM, W. (org.) **História da Enfermagem: lutas, ritos e emblemas**. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2007.

\_\_\_\_\_ ; AMORIM, W. **Escolas e Cursos de Enfermagem na História da Profissão no Brasil (1890 – 1922)**. Rev. Cultura de Los Cuidados, n. 27, p. 40 – 45, 2010.

\_\_\_\_\_ ; COSTA, I.Z.K; GOMES, T.O; CORREIA, L.M; CARRILHO, N.L.M; NETO, M. **Em Tempos de Covid-19: aplicações das lições deixadas por Florence Nightingale**. História da Enfermagem Revista Eletrônica, n.11 (Especial), p. 64 – 72, 2020. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/especial/a8.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2021.

RAMOS, AFC. **Política e Humor nos Últimos Anos da Monarquia: a série “Balas de Estalo” (1883-1884)**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

REVEL, J. Microanálise e Construção Social. In: \_\_\_\_\_. **Jogo de Escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 15 – 38.

REVISTA BRAZIL-MÉDICO. **Cruz Vermelha Brasileira**, a. XXVIII, n. 22, 29/12/1924, p. 344.

RODRIGUES, FS. **História do Ensino Militar: entre a teoria e a prática profissional no Exército Brasileiro (1889-1994)**. Rev. Navigator, v. 12, n. 24, p. 86-98, 2016.

SANTOS, LG. **Memórias para Servir à História do Reino do Brasil. Prefácio e Anotações de Noronha Santos**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1943.

SANTOS, G. **O Livro do Enfermeiro e da Enfermeira**. Rio de Janeiro: 1928.

SILVA, RS. **Diagramação – o planejamento visual gráfico na comunicação impressa**. São Paulo: Ed. Summus, 1985.

SWISSINFO. Genevre, 1865. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/eng/original-geneva-convention/40567302>. Acesso em: 5 dez. 2020.

SODRÉ, NW. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

TEIXEIRA, FC; RODRIGUES, HE; CALDAS, PSP; TURIN, R. **Metodologia da Pesquisa Histórica**. Volume único. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2014.

TEIXEIRA, J.O. A Importância dos Componentes Gráficos Para a Visualidade. In: Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 3, 2011, Londrina. **Anais**. Londrina: UEL, 2011. p. 1609 – 1623.

TRINDADE, G.B.F. **A Intervenção do Direito Internacional Humanitário Como Politização do Direito Internacional: proteção dos direitos humanos da população não envolvida nos conflitos**. Revista Eletrônica Do Direito n. 1 – 1 Simpósio, 2015. Disponível em: <http://revista.univem.edu.br/1simposioconst/article/view/1239/565>. Acesso em 05 jan 2020.

VERALDO, T.X. **Publicidade das Instituições de Saúde e a Imagem Pública da Enfermeira Brasileira nas Páginas da Fon-fon (1917 – 1930)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WILLMOTT, H.P. **Primeira Guerra Mundial**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

WOITOWICZ, K.J. Recortes do Tempo na Escita do Jornal: história e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense. In: **imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912 – 1916)** [online]. Ponta Grossa: ed. UEPG, 2015, p. 47 – 84. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/7s6w4>> Acesso em 13 dez 2020.



TZU, S. **A Arte da Guerra**. Tradução de Sanz, J. 23 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

## APÊNDICE – SÍNTESE DO MATERIAL ENCONTRADO

Datação	Nome da Imprensa	Título	Conteúdo da Matéria Jornalística	Página
06/12/1908	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Realização da primeira assembleia geral da Sociedade da Cruz Vermelha. Foram lidos e aprovados os estatutos. Foi aclamado o presidente da Cruz Vermelha, o general Thaumaturgo de Azevedo	2
29/06/1911	O Paiz	Viajantes	Partida do dr. Joaquim de Oliveira Botelho para representar a Cruz Vermelha Brasileira e a Academia Nacional de Medicina no Congresso Internacional de Tuberculose em Roma	3
21/07/1911	Correio da Manhã O Paiz	Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira	O Marechal Thaumaturgo de Azevedo contata os governadores dos Estados solicitando auxilio para a criação de um dispensário-escola, na capital federal, e associações filiais	4 9
09/11/1911	Jornal Gazeta de Notícias (RJ)	Reuniões	Assembleia geral da Cruz Vermelha Brasileira na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro	5
13/12/1911	O Paiz		O sr. Ministro da viação informou que não poderá ser cedido gratuitamente o terreno no local onde existiu o Morro do Senado	7 2

04/01/1912	O Paiz	Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira	Assembléia geral onde Thaumaturgo de Azevedo apresenta o relatório de sua gestão e é reeleito presidente da Cruz Vermelha Brasileira em 30/12/1911	6
20/03/1912	O Paiz	França, Paris	O dr. Joaquim de Oliveira Botelho será o representante da Cruz Vermelha Brasileira no Congresso Internacional da Cruz Vermelha em Washington	4
14/06/1912	O Paiz	Sem titulo	A Cruz Vermelha Brasileira foi declarada como de caráter internacional e reconhecida por todas as nações cultas pelo decreto de 13/06/1912	1
17/11/1913	O Paiz	11ª Conferência Internacional Contra a Tuberculose	O dr. Juliano Moreira foi o representante do Brasil na Conferência e visitou hospitais-escola mantidos pela Cruz Vermelha alemã	
18/06/1914	O Paiz	A Cruz Vermelha	Thaumaturgo de Azevedo escreve para o jornal O Paiz lamentando as dificuldades de manter a instituição sem ajuda do governo. Informa que o terreno prometido pelo ministro da viação ainda não foi entregue e que o Senado derrubou o projeto que contribuía para a construção de um edifício para a instituição	2

22/06/1914	O Paiz	A Cruz Vermelha	O Jornal O Paiz responde a carta de Thaumaturgo de Azevedo com concordância, mas lembra que a Cruz Vermelha Brasileira é uma organização de iniciativa privada e que o auxilio dos governos devem ser nesse sentido	1
15/08/1914	Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	A organização de uma escola de enfermeiras voluntárias pela Cruz Vermelha Brasileira nos moldes que já existem em diversos países por uma comissão de senhoras	3
05/09/1914	Gazeta de Notícias (RJ)	Cruz Vermelha Brasileira	Reunião do comitê da seção feminina declarando que a próxima atividade das senhoras da instituição será a inauguração da escola de enfermeiras voluntárias onde quase todas as damas estão inscritas	3
14/09/1914	Gazeta de Notícias (RJ)	Cruz Vermelha Brasileira	Reunião onde foi adiada a eleição da nova diretoria da Seção Feminina da Cruz Vermelha. Também foi informado que o ministro da guerra aceitou a solicitação para que as enfermeiras voluntárias possam fazer seu curso teórico e prático no Hospital Militar	3

05/10/1914 06/10/1914	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz Correio da Manhã	A Cruz Vermelha Brasileira	Inauguração do curso teórico-prático das senhoras enfermeiras voluntárias no salão do Jornal do Comércio no dia 06 de outubro de 1914	3 4 4
07/10/1914	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Foi eleito a comissão feminina da Cruz Vermelha Brasileira e após, as senhoras foram para o salão nobre do Jornal do Comércio onde o Conde de Affonso Celso palestrou sobre a história da Cruz Vermelha informando sua idéia e iniciativa por conta de uma senhora inglesa	5
14/10/1914	Correio da Manhã	Pingos e Respingos	Até agora a Cruz Vermelha Brasileira não se resolveu a partir para a Sérvia que aceitara o oferecimento de seus serviços. Nem no Contestado, onde há feridos a socorrer	2
17/11/1914	Gazeta de Notícias (RJ)	As enfermeiras da Cruz Vermelha vão praticar no Hospital do Exército	O ministro da guerra prometeu, por solicitação da diretoria da Sociedade da Cruz Vermelha, que as senhoras enfermeiras voluntárias frequentassem as enfermarias do Hospital Central do Exército assistindo os cursos que ali se organizarem	2 5
17/11/1914	O Paiz	Sem título	Autorização do ministro da guerra como seu último ato para as enfermeiras	2

			voluntárias frequentarem as enfermeiras do Hospital Central do Exército	
24/11/1914	O Paiz	Sem título	Primeira aula do curso de enfermeiras voluntárias da Cruz Vermelha Brasileira que aconteceu no Salão da Equitativa	4
29/11/1914	O Paiz	Conferências	A notícia informa que existe grande procura pelo curso de enfermeiras voluntárias que mostra simpatia e interesse da sociedade pela instituição e noticia a segundo aula que será ministrada pelo cirurgião diretor do Hospital Central do Exército, dr. Ferreira do Amaral	5
03/12/1914	Correio da Manhã O Paiz	A seção Feminina da Cruz Vermelha Brasileira  Conferências	A seção feminina da Cruz Vermelha inaugura o corpo de enfermeiras voluntárias no Hospital Central do Exército para as sócias da instituição	4 3
20/12/1914	O Paiz	Sem título	O ministro da viação solicita ao ministro da fazenda que responda sobre a entrega dos terrenos resultantes do morro do Senado para após poder atender ao pedido do presidente da Cruz Vermelha Brasileira	4
20/07/1915	O Paiz	Câmara	Foi lido um requerimento de cessão de terreno para construção do edifício sede para a	4

			Cruz Vermelha Brasileira	
26/07/1915	O Paiz	Conferências	Curso de enfermarias no depósito de material bélico em frente a Faculdade de Medicina	3
01/08/1915	O Paiz	Conferências	Aula do curso de enfermeiras da seção feminina da Cruz Vermelha Brasileira na Sociedade de Geografia	5
19/10/1915	O Paiz	Curso de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira	Abertura da matrícula do curso na farmácia Orlando Rangel	4
22/10/1915	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz	Escola Prática de Enfermeiras	A nota trata das exigências para concorrerem ao curso, as disciplinas e informa que o treinamento prático será realizado nas instituições que entrarem em acordo com a Cruz Vermelha	2 2
30/11/1915	O Paiz	Congresso Pan-Americano	Thaumaturgo de Azevedo recebe convite para o Congresso Pan-Americano da Cruz Vermelha e nomeia como representantes os drs. Antônio Olynto e Joaquim de Oliveira Botelho	2
16/01/1916	O Paiz	Sem título	O ministro da viação remeteu ao ministro da fazenda a planta do terreno concedida à Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira	2
28/01/1916	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Foi aprovada pela assembleia geral da Cruz Vermelha um voto de louvor e agradecimento à redação do jornal O Paiz pelas publicações de atas e	6

			notícias sobre a instituição	
21/03/1916	O Paiz	Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira	Inauguração da Escola prática de enfermeiras com sessão aberta pelo presidente Thaumaturgo de Azevedo e logo em seguida, discursa Getúlio dos Santos, diretor técnico do curso.	8
02/05/1916	Correio da Manhã	Escola Profissional de Enfermeiros	Inauguração da Escola Profissional de Enfermeiras como sequência do curso de enfermeiras voluntárias. O curso de enfermeiras profissionais era voltado para senhoras e senhoritas cujos recursos não fossem fartos e para alcançar a independência financeira. As senhoras apelaram para o presidente da instituição.	3
07/07/1916	Correio da Manhã	Uma doação do Governo Federal	O ministro da fazenda comunicou ao prefeito da capital a doação do terreno na antiga Esplanada para a construção do edifício da Cruz Vermelha Brasileira	3
08/07/1916	Gazeta de Notícias (RJ)	As instituições úteis	Uma matéria sobre as lutas e conquistas do presidente Thaumaturgo de Azevedo e suas dificuldades para manter a Cruz Vermelha. É relatado a falta de interesse do governo e cita que a instituição deveria receber auxílio do	4



			ministério do interior, marinha e guerra, já que aparelha o governo nestas três esferas. Informa também sobre o curso para capacitar enfermeiras e padioleiros	
22/09/1916	O Paiz	As Comissões da Câmara	Não houve resposta na Câmara sobre a cessão do terreno para a Cruz Vermelha	6
04/10/1916	O Paiz	Sem título	O ministro da viação informou à Câmara sobre a cessão do terreno à Cruz Vermelha	1
26/10/1916	O Paiz	Sem título	O ministro da fazenda tornou efetiva a cessão do terreno para construção do edifício da Cruz Vermelha Brasileira	2
02/12/1916	O Paiz	Sem título	Promoção da festa em prol da construção do edifício da Cruz Vermelha	3
25/01/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Início das obras de construção do prédio destinado à Escola prática de enfermeiras com a contribuição de comerciantes, construtores e industriais. No prédio também funcionará um ambulatório com consultórios e enfermarias gratuitos	4
14/02/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Assembleia geral onde o presidente apresenta o relatório de sua gestão em 1916 e relatório de despesas da construção do prédio da escola de	4

			enfermeiras da Cruz Vermelha	
15/02/1917	O Paiz	Sem título	Venda do primeiro boletim da Sociedade da Cruz Vermelha na livraria Editora, Liceu de Artes e Ofícios	6
01/03/1917	O Paiz	Pelas Escolas	Abertura das aulas do atual ano letivo da escola prática de enfermeiras contando com 24 matriculadas	3
26/03/1917	O Paiz	Sociedade da Cruz Vermelha Brasileira	Presidente convoca assembleia extraordinária para submeter à consideração um empréstimo para assumir compromissos com a construção da casa destinada à escola prática de enfermeiras	6
13/04/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Solicitação de doações para a Cruz Vermelha e convite às senhoras para participarem do curso de primeiros socorros para contribuir com a instituição e o país na Primeira Grande Guerra	3
14/04/1917	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz	No Estrangeiro Uma oferta gentil	Uma senhorita chilena telegrafou de Santiago para a agência americana se oferecendo para servir na Cruz Vermelha Brasileira	5 3
20/04/1917	O Paiz	Cruz Vermelha	Encontram-se abertas as inscrições para o curso prático de enfermeiras voluntárias. Encontra-se exposto no saguão do Jornal do Commercio um	4

			quadro com os retratos das enfermeiras diplomadas	
29/04/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Inauguração do prédio da Sociedade da Cruz Vermelha em 3 de maio e no mesmo dia, entrega dos diplomas às senhoras que concluíram o curso teórico-prático na escola de enfermeiras	4
02/05/1917	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	A diretoria da Cruz Vermelha Brasileira convida seus sócios à inauguração da nova sede no dia 03 de maio e entrega dos diplomas às senhoras que concluíram o curso de enfermeira	4
05/05/1917	Gazeta de Notícias (RJ)	A cerimonia inaugural da sede da Cruz Vermelha Brasileira	Matéria com duas grandes fotos relatando o prédio como sede provisória onde será instalada a escola de enfermeiras, farmácia e consultório médico	3
10/05/1917	Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	Inaugurado o prédio da escola de enfermeiras e funcionamento de serviço de consultas externas de medicina e cirurgia para os indigentes.	6
04/06/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Informativo sobre as aulas do curso profissional e enfermeiras voluntárias, além do pedido de donativos para ajudar no serviço de consulta	
03/11/1917	O Paiz	Sem título	Apelo da Cruz Vermelha Brasileira	2

			para que as mulheres se inscrevam no curso de enfermeiras	
05/11/1917	O Paiz	A Cruz Vermelha e os operários	Agradecimento de Thaumaturgo de Azevedo à liga dos operários pela quantia doada para auxiliar nos serviços do dispensário	2
07/11/1917	O Paiz	A Cruz Vermelha Brasileira	Informe sobre o funcionamento do curso de enfermeiras profissionais e voluntárias, informando também que novas turmas estão se abrindo devido à procura aumentada por conta da declaração de guerra. Também relata que a Cruz Vermelha recebe pedidos de enfermeiras para trabalhar em hospitais ou particulares. Ainda neste anúncio é informado que a Cruz Vermelha irá providenciar um estoque de roupas para enfermos, tecidos para curativos	2
10/11/1917	O Paiz	A Nossa Cruz Vermelha	Thaumaturgo de Azevedo agradece ao Centro da Indústria de Calçados e Comércios de Couro pela doação de importante quantia à instituição	3
12/11/1917	O Paiz	Visita à Cruz Vermelha Brasileira	Matéria jornalística que relata uma visita da redação do jornal à Cruz Vermelha sendo recebida na porta pelo presidente	1

			Thaumaturgo de Azevedo	
13/11/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Matéria jornalística que relata a procura pelas mulheres aos cursos de enfermeiras ou para contribuir no atelier de costuras. Cita algumas alunos do curso de enfermeiras voluntárias que são damas da Cruz Vermelha	6
17/11/1917	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Eleição do novo conselho diretor com a reeleição de Thaumaturgo de Azevedo	3 2
25/11/1917	O Paiz Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	Anúncio do curso de padioleiros que será inaugurado, com suas exigências e horário de aulas. Também é informado que o curso de enfermeiras voluntárias tem suas férias suspensas para que não haja interrupção no ensino	2 2
30/11/1917	Gazeta de Notícias (RJ)	Cruz Vermelha Brasileira	Foram nomeadas diretoras do setor de costura para a confecção de roupas para enfermos e curativos	4
05/12/1917	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	As inscrições para o curso de padioleiros encontram-se abertas	9
21/02/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	Cruz Vermelha Brasileira	Cerimônia de posse da diretoria, onde Thaumaturgo de Azevedo foi reeleito. Também foi entregue diploma para as enfermeiras voluntárias que concluíram seu curso em dezembro último	4

02/02/1918	O Paiz	Sem título	O chefe de polícia informa que está proibida as fantasias alusivas à Cruz Vermelha	1
07/03/1918	Gazeta de Notícias (RJ) O Paiz	Uma oferta da Cruz Vermelha Brasileira Cruz Vermelha Brasileira	Agradecimento do ministro da Marinha à Cruz Vermelha pelo oferecimento de parte do estoque de roupas e tecidos para curativos para que fosse encaminhado pelos navios brasileiros que irão se agregar a esquadra dos aliados	2 2
08/04/1918	O Paiz	Sem título	Autorizando a Imprensa Nacional a imprimir o Boletim da Cruz Vermelha	2
10/04/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	O Boletim da Cruz Vermelha vai ser impresso gratuitamente	O ministro da Fazenda autorizou o diretor da Imprensa Nacional a mandar imprimir nas oficinas daquela casa, o boletim da Cruz Vermelha	4
03/05/1918	O Paiz	Falecimentos	A Cruz Vermelha informa que uma aluna enfermeira do segundo ano que ali dera entrada em estado gravíssimo de coma diabético veio à óbito. Informa que apesar de não estar diplomada, já tinha prática na profissão. Foi atendida na sua condição de aluna e sócia da instituição e seu corpo foi conduzido até o coche pelo presidente da Cruz Vermelha, Getúlio dos Santos e Estellita Lins.	4

19/08/1918	Correio da Manhã	Partiu a missão médica brasileira	A missão médica parte do porto do Rio de Janeiro em destino à França para o front. Estavam presentes na despedida representantes da França, Brasil e uma multidão que acompanhava a partida	3
12/09/1918	O Paiz	Ministério da Fazenda	O ministro respondeu a um ofício declarando que não podem ser adotadas as medidas solicitadas pelo presidente da Cruz Vermelha por se tratar de instituição privada e não vinculada ao governo	3
15/09/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	O general Ferreira do Amaral, chefe do serviço de saúde do exército, visitou o edifício da Cruz Vermelha assistindo aos curativos realizados pelas alunas. Após, compareceu ao salão de aula onde foi apresentado pelo presidente	9
17/09/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Divulgação dos estabelecimentos que utilizam o símbolo da Cruz Vermelha o que é proibido expressamente pela Convenção de Genebra	10
05/10/1918	Correio da Manhã	Publicações a pedido	Agradecimento pela cura da gripe espanhola sob tratamento na enfermaria da Cruz Vermelha	6

16/10/1918	O Paiz Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	Informativo sobre a adaptação da Escola de enfermeiras da Cruz Vermelha em enfermaria para o tratamento de pacientes graves com gripe espanhola e entrega de medicamentos gratuitos no local	4 1
17/10/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Donativo feito pelo Conde de Agrolongo à Cruz Vermelha para auxiliar com as despesas dos enfermos da gripe espanhola	3
19/10/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	A Cruz Vermelha Brasileira presta reais serviços	A Escola de Enfermeiras se transforma em hospital e recebe numerosos doentes e interna em seus consultórios e salas. O presidente Thaumaturgo de Azevedo tem estado diariamente na sede para acompanhar o tratamento e dispensação de medicamentos	2
20/10/1918	Gazeta de Notícias (RJ) Correio da Manhã	Na Cruz Vermelha Brasileira	O serviço de distribuição de medicamentos da Cruz Vermelha continua sem interrupção	2 1
21/10/1918	O Paiz Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	Convite da Cruz Vermelha Brasileira a todas as senhoras enfermeiras profissionais ou voluntárias, alunas ou formadas, a comparecer à instituição para auxiliar nos serviços das enfermarias e distribuição de	3 3



			medicamentos. Aquelas que não puderem comparecer, justificar ausência	
22/10/1918	O Paiz	À Gripe Espanhola	Notícia de metade de página sobre as iniciativas de tratamento da doença com uma coluna dedicada ao trabalho da Cruz Vermelha	3
23/10/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	Os Serviços da Cruz Vermelha Brasileira	A diretoria publica diariamente o movimento da enfermaria que foi o primeiro posto instalado e que atende aos enfermeiros com seus próprios recursos. Thaumaturgo de Azevedo tem adquirido tudo que é necessário e se mantém no prédio dia e noite providenciando camas, roupas, louças, artigos de desinfecção. Mesmo tendo entre seus familiares, pessoas doentes.	4
30/10/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Notícia do falecimento da aluna enfermeira e sócia Cherubina Angélica Guimarães	4
05/11/1918	Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	A diretoria comunica que devido ao declínio da virulência da epidemia e a existência de outros hospitais, não mais receberá doentes. Os que estão internados serão tratados até a alta. Essa medida é	1

			para que seja feita a desinfecção e limpeza geral do prédio	
06/11/1918	O Paiz	A Influenza Espanhola	Matéria jornalística que parabeniza a Cruz Vermelha por seu trabalho nas enfermarias de tratamento à gripe espanhola e sua contribuição para a formação de enfermeiras, profissão com pouco contingente no país.	4
09/11/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Carta escrita pelo sr. Carlos Pereira Leal mostrando seu descontentamento com a gestão de Thaumaturgo de Azevedo	3
11/11/1918	Correio da Manhã	Na Cruz Vermelha Brasileira	A Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha convida as enfermeiras e alunas a comparecerem na tarde deste dia para serem designadas para as casas de família que solicitam seu auxílio e as voluntárias, nos postos hospitalares	3
12/11/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	Matéria de Carlos Pereira Leal detalhando os valores de donativos angariados por sua esposa à Cruz Vermelha e a falta de transparência do destino dessa quantia. Além da falta de gratidão do mesmo pelas senhoras da seção feminina	10
22/11/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	O sr. Carlos Pereira Leal informa que	6

			coagida pelo presidente da instituição, a sra. Adelaide de Almeida se apresentou ao palácio da República para obter assinatura de apoio à Thaumaturgo de Azevedo, sendo esse apoio negado devido aos recentes escândalos publicados na imprensa. Também questiona a homenagem da Cruz Vermelha ao presidente que é o representante da instituição ficando assim, ele se homenageando	
23/11/1918	Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	É comunicado a retirada de d. Adelaide de Almeida da organização do evento de homenagem ao presidente da instituição. Foram convidados o presidente da república, ministros, diplomatas, sócios e etc	3
24/11/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	Cruz Vermelha Brasileira	Festa em homenagem ao presidente Thaumaturgo de Azevedo com a inauguração de seu retrato feito a crayon. Todos os presentes foram cinematografados pela Empresa Nacional	4
26/11/1918	Correio da Manhã	O que houve na Cruz Vermelha	Explicação sobre o incidente Carlos Pereira Leal: sua	3

			esposa é presidente da seção feminina da Cruz Vermelha Brasileira e ficou de angariar fundos para a instituição. O presidente não ficou satisfeito com a idéia de colocar os donativos em banco como foi sugerido pela d. Pereira Leal e no dia seguinte foi publicada uma carta anônima maliciosa contra a senhora	
07/12/1918	O Paiz	Cruz Vermelha Brasileira	A notícia apresenta a derrota eleitoral como encerramento de modo definitivo do incidente entre o presidente da instituição e as senhoras da seção feminina	5
08/12/1918	Correio da Manhã	Sem título	O recorte trata da assembleia ordinária anual da Cruz Vermelha onde houve eleição para presidente com vitória do sr. Miguel Calmon com 388 votos contra 57 para Thaumaturgo de Azevedo. A assembleia decidiu que a nova diretoria deveria assumir imediatamente	
12/12/1918	Correio da Manhã	Cruz Vermelha Brasileira	Posse da nova diretoria	2
13/12/1918	Gazeta de Notícias (RJ)	A Cruz Vermelha vai à garra	Matéria grande no centro da primeira página relatando a derrota de Thaumaturgo de Azevedo pela reeleição detalhando que dr. Getulio dos Santos levou	1

			trezentos e trinta procurações de sócios que não poderiam comparecer, além do fato de que membros da chapa do opositor trocou alguns envelopes às escondidas. Esta redação apresenta a chapa de dr. Miguel Calmon como interessada na administração do patrimônio da Cruz Vermelha	
--	--	--	--	--